This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 466955

ron, 138

PROPERTY OF

The University of Michigan Libraries

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS

MAGDALENA

E

HELENA

MAGDALENA

E

HELENA

DRAMAS ORIGINAES

DE

MANOEL PINHEIRO CHAGAS

PORTO
LIVRARIA MORÉ—EDITORA
PRAÇA DE D. PEDRO

1875.

869.8
P654ma

PORTO: 1875—TYPOGRAPHIA DE MANOEL JOSÉ PEREIRA,
Rua de Santa Thereza, 4 e 6.

63-517791

A propriedade d'estes dois dramas pertence no Brazil, para todos os effeitos, ao snr. Henrique Godinho de Araujo Tavares, subdito brazileiro.

ERRATAS

Pag.	Linh.	Onde se lê	Leia-se
17	14	Gosto do Marão...	Gosta do Marão?...
18	8	tesmunho	testemunho
22	23	Julgaria	Julgava
32	18	Virás	Vires
33	27	eminente!	eminente?
34	21	Julgava ter uma voz...	Julgava ter uma boa voz...
34	22	lyrico e em	lyrico é em
35	7	dote	nome
44	15	Repare	Reparo
48	9	primeiro o senhor	primeiro, senhor
51	14	accrescentava.	accrescentava:
55	16	dizia	diria
56	17	estive,	estará,
60	10	Toca a fogo?	Toco a fogo?
65	19	condemnavel	condemnada
78	21	foi uma mulher	foi boa mulher
81	4	n'estes dois logares	n'este dois logares
95	9	repellindo.	repellindo-a.

MAGDALENA

DRAMA ORIGINAL EM 4 ACTOS

MAGDALENA

E

HELENA

MAGDALENA

E

HELENA

DRAMAS ORIGINAES

DE

MANOEL PINHEIRO CHAGAS

PORTO
LIVRARIA MORÉ—EDITORA
PRAÇA DE D. PEDRO

1875.

sua prima) Envergonho-me realmente perante o seu bom senso, querida prima, d'estas puerilidades da minha organisação! Uma creatura nervosa, cuja cabeça se desnorteia com as phantasias dos poetas, como com o raio as bussolas! Fragil, doente, cheio d'estas tristezas archeologicas, sou como uma velha harpa eolia, gemendo monotonas melancholias junto do seu piano moderno, alegre, vivo e scintillánte.

Elisa, com ironia branda e suave.

A harpa eolia é o primo, e o piano sou eu, eu a prosa banal, e o primo a doce poesia.

Arthur, protestando.

O' prima, que está dizendo? (*Elisa sorri-se para elle, como para mostrar que a não magoou*).

Victoria, continuando a fazer meia, e resmungando sempre.

Ora para que lhe havia de dar! Não sei para que tu lês coisas tristes, Arthur! Tristezas não faltam na vida! E' verdade que eu quando vi em Vizeu, no tempo da feira, *Victor ou o Menino das Selvas*, chorei que era mesmo uma Magdalena! Mas tambem é que tudo estava muito ao natural, de fórma que parecia que estavam succedendo aquelles casos todos!

Arthur, sorrindo.

Então era muito commovente *Victor ou o Menino das Selvas?*

Victoria

Eu sei lá! Olha, pergunta-me o que era essa his-

toria toda, e vê se eu te respondo! Varreu-se-me tudo da memoria... mas era muito bonito!

Arthur

Ah!

Victoria

E' verdade que estava teu pae na platéa, e eu tinha mais olhos para elle que para os comicos! Lembro-me que vestia o seu grande uniforme de capitão de caçadores! Ficava-lhe a matar!

Arthur, sorrindo.

E assim mesmo chorou! Que força dramatica havia no *Victor ou o Menino das Selvas* que até fazia chorar os que o não ouviam!

Victoria, cessando de fazer meia, e olhando para o filho com enlevo.

Chorei porque era moda, maldoso! Era moda usarem-se uns chapeus muito grandes, e ser-se sensivel. A gente chorava n'uns lenços bordados que eram mesmo uma lindeza! (*Com dôce malicia*) Estava teu pae na platéa, imagina o que eu choraria! Ensopei dois lenços; mas tambem no dia seguinte eram dez horas da manhã, e já teu pae batia á porta para me pedir em casamento.

Arthur, rindo brandamente.

Que papel que a cebola representava nos matrimonios de nossos paes! (*Elisa rindo tambem*).

Victoria, para Elisa, com jovialidade.

Tu não me sabes castigar aquelle gaiato que me está faltando ao respeito? Quando casares com elle,

não lhe dês muita confiança. Não! Eu não havia de chorar! Os comicos faziam umas lamurias que era de enternecer as pedras! A gente chora por vêr chorar os outros! Agora ficar todo nervoso por causa de meia duzia de patranhas! T'arrenego! Este rapaz tem coisa má com os livros.

Elisa, que se sentára de novo, e retomára o trabalho interrompido, tornando a largal-o.

Olhe, tia, Magdalena, a minha grande amiga do convento, era tambem assim. Ás vezes ia dar com ella soluçando perdidamente sobre as paginas de um romance que obtivera ás escondidas. Como ella tinha o que se póde chamar o vicio da leitura, arranjára modo de termos luz no quarto, muito em segredo. Deitava-se e lia na cama. Ás vezes vi-a eu apagar a luz, e esconder muito depressa a cabeça debaixo da roupa. E' que estava lendo alguma historia phantastica, e logo lhe parecia que se nos povoava o quarto de espectros e de visões. Eu então zombeteava com ella: Não tens vergonha, tu que te ris das superstições das madres, estás mais crendeira ainda! Olhem a menina pequena! Sou eu que lhe vou metter medo: Uh! papão!—Cuidam que me respondia? Qual! Caladinha, que parecia que eu estava só no quarto! Depois no dia seguinte ria-se comigo dos seus sustos da vespera! (*Com expressão muito affectuosa*) Querida Magdalena!

Victoria, séria, e um pouco despeitada, murmurando.

Já tardava que viesse á baila a menina Magdalena!

Elisa, encolhendo ligeiramente os hombros, e sorrindo-se para Arthur que tambem se sorri para ella.

Mas tambem com que fogo, com que enthusiasmo que ella nos lia alguma coisa! Que ternura na sua voz quando o livro fallava em tristezas, que inflexões apaixonadas quando tratava de amor, que modulações suavissimas quando tinha de descrever uma noite de luar, uma paizagem serena, um placido idyllio! Parece que a estou ouvindo! Nos romances a sua voz moldava-se ao caracter dos personagens, e era quasi no mesmo instante um cavalheiro galanteador, e uma timida ingenua! Já alli revelava o talento que, segundo dizem, fez d'ella a estrella mais brilhante do nosso theatro.

Victoria, sempre de mau modo.

Saio uma boa doida, saio! Quem havia de dizer que uma menina, educada á lei da nobreza, iria dar comsigo em comica!

Elisa, séria.

O que havia de ella fazer, minha tia? O tutor, o Diogo da Silveira, dera-lhe cabo de todos os seus haveres, e a pobre menina, ao saír do convento, achou-se completamente desamparada, porque o tutor, que gastára tão largamente do seu como do alheio, andava mendigando um emprego. Magdalena pediu ao seu talento dramatico, da mesma fórma que podia pedir ao seu talento de pianista, o pão quotidiano. Era mais nobre viver de esmolas, minha tia? Não o creio. Eu sou uma pobre rapariga

que nunca saí do meu canto da provincia, e que não me devia atrever a dar a minha opinião n'estas coisas. Julga a minha boa tia que Magdalena, educada á lei da nobreza, se aviltou sendo actriz? Eu julgaria pelo contrario que, se perdeu uma nobreza, ganhou duas, a da arte e a do trabalho.

Arthur, levantando-se e apertando a mão de Elisa.

Muito bem, minha prima; o seu espirito tem a intuição de todas as coisas elevadas.

Victoria, deixando de fazer meia, tirando os oculos, e pondo-os em cima da meza.

Olhem, filhos, já me não entendo com vocês! Parece que eu nasci na era dos Affonsinos. No meu tempo um marido queria que sua mulher fosse boa dona de casa, boa fiandeira, que soubesse pouco de artes e de latins, e sobretudo que fosse modesta e recatada, e que se não désse com gente extravagante. Hoje tu correspondes-te com essa rapariga, e teu futuro marido leva isso muito a bem. Sua alma, sua palma, diz o velho rifão.

Arthur

A sociedade do seu tempo, mamã, era uma sociedade de castas e de privilegios. Onde havia brahmanes, e naires, não admira que houvesse parias. Os naires e os brahmanes desappareceram; quer que os parias subsistam?

Victoria, atarantada.

Quero que subsistam o quê? (*Para Elisa.*) O' sobrinha, aquillo é lingua de christãos?

Elisa, sorrindo.

Aquillo quer dizer, minha tia, que o Arthur não acha que me fique mal escrever a Magdalena. (*Victoria encolhe os hombros*).

Arthur

E tem-lhe escripto agora, prima?

Elisa

Agora? Ha tres annos que não tenho noticias d'ella! Como sabe, Magdalena, apesar do esplendor dos seus triumphos, atravessou como um brilhante meteoro, o theatro portuguez. Entendeu que devia aproveitar a sua bonita voz, e a sua sciencia musical. Preferiu a carreira lyrica. Partiu para a Italia, e nunca mais soube o que era feito da minha pobre amiga. Tanto instei para que me viesse fazer uma rapida visita...

Victoria, olhando pasmada para ella.

Uma visita... aqui?

Elisa, com serenidade.

Aqui; se a minha boa tia o permittisse.

Victoria, irritada.

Graças a Deus ainda precisavas da minha licença, e a menina Magdalena é que me não ficava de portas a dentro! Tambem é demais! Só falta obrigarem-me a metter-me a dançarina ou coisa assim!

Elisa, com branda firmeza.

Minha tia, devo-lhe amor, carinho, e protecção, e os extremos do meu affecto são pouco para lhe pagarem a minha divida immensa. Orphã e desam-

parada, encontrei abrigo n'esta casa. Foi a minha tia minha segunda mãe, zelou os meus bens mais do que zelava os seus. Não o esqueço, mas tambem não posso olvidar que houve um dia em que eu, que não conhecêra meu pae, recebi no convento a noticia da morte de minha mãe. Vestiram-me de lucto, e ahi vou eu por esses corredores, sósinha, chorosa, e a sentir-me tão abandonada! Do grupo folgazão das minhas companheiras separou-se uma menina mais crescida do que eu, veio ter comigo, affagou-me, consolou-me, enxugou-me as lagrimas, aqueceu-me emfim ao calor da sua amizade! Fez-me tão bem! Se eu tinha no coração todos os regelos do inverno! Que a orphandade, para as crianças, minha tia, é como o frio para os passarinhos implumes!... Sem discutir agora os seus preconceitos ou as suas opiniões, minha tia, affirmo que, ainda que Magdalena estivesse no infimo da escala social, perdida, desprezada, não me envergonharia de lhe estender a mão, e de enxugar as lagrimas da infeliz, como ella enxugou as lagrimas da orphã!... E se da casa onde habito, alguem a expulsasse... (*a custo, com lagrimas na voz, mas com resolução*) sentiria eu, é certo, uma dôr profundissima... mas quando ella saísse, sairía eu tambem!

Victoria, está um momento sem poder fallar, depois balbucia.

O que!... tu!... ah!... és uma ingrata! (*Chora*).

Elisa

Minha tia! (*Rumor de vozes fóra*).

Arthur

Então! que singularidade! a affligirem-se por coisas que naturalmente nunca se hão-de realisar... Soceguem! Mamã, limpe as lagrimas! Vem ahi o Valentim e o doutor! Quer que a vejam com os olhos vermelhos? (*Victoria segue os conselhos de seu filho, torna a pôr os oculos, e pega outra vez na meia; Elisa, séria e um pouco triste, volta em silencio ao seu trabalho).*

SCENA II

OS MESMOS, VALENTIM DE ANDRADE, DR. BARRUNCHO

Vem ambos n'uma discussão animada. Valentim, extremamente myope, tropeça logo á porta em alguma coisa, deita-lhe a luneta e depois continúa a conversação; o Dr. Barruncho, rapaz ainda, trajando com pouco aceio, physionomia de pedante desdenhoso, entra com uma das mãos na algibeira, e a outra segurando o chapéu atraz das costas.

Valentim, concluindo o que vinha a dizer, para Barruncho.

E não diz Horacio. *Aliquando bonus dormitat Homerus?* Oiça bem, meu joven e illustradissimo amigo, *dormitat!* Quem dorme, existe.

Barruncho, muito ligeiramente gago.

E' a unica prova da existencia dos seus discipulos.

Valentim, engole em secco o epigramma, faz diversas contorsões com a physionomia, mostrando que o sentiu, esbarra em Arthur que os foi receber á porta, deita-lhe a luneta e comprimenta-o muito mellifluamente.

Como está o senhor Arthur de Noronha, como está? (*Aperta-lhe a mão. Dirige-se para a meza, fazendo repetidos comprimentos, acompanhando-os sempre com movimentos de hombros, como de quem os quer pôr ao nivel da cabeça. Com uma falla affeminada.*) Senhora D. Elisa, muito minha senhora, sempre occupada com os seus lavores! Venus com as prendas de Minerva!

Elisa, delicada, mas ainda um pouco séria.

Muito boas noites, snr. Valentim!

Valentim, dirigindo-se a D. Victoria, depois de tropeçar na meza.

Senhora D. Victoria, minha boa senhora, como vai isso? como vão os seus rheumatismos?

Barruncho, depois de fallar a Arthur, dirigindo-se um pouco bruscamente ás senhoras.

Minhas senhoras, muito boas noites!

Elisa

Boas noites, doutor!

Victoria

Snr. Barruncho, muito boas noites! (*Para Valentim.*) Chegue-se para aqui, meu santinho, chegue-

se para aqui! A brazeira fez-se para os velhos. E a noite lá por fóra ha-de estar fria?

Valentim, aconchegando-se na cadeira que Victoria lhe indiça.

Chuva e neve, minha senhora, chuva e neve! *Nocte pluit tota*, diria eu ámanhã, se fosse Publio Virgilio Marão, poeta e amigo do imperador Augusto. Eu amo e respeito, minha senhora, eu amo e respeito este pagão illustre, apesar de elle não ter conhecido a luz da fé christã. Venero, quasi como a um padre da Igreja, Publio Virgilio Marão, e creio que m'o permitte um bem entendido catholicismo.

Victoria, que não percebeu palavra.

Sim, tambem creio!... Gosto do Marão... Eu gosto mais da serra da Estrella, ainda que não seja senão por causa dos queijos... Veja se no Marão ha queijos como aqui? (*Arthur e Elisa sorriem-se*).

Barruncho, imperturbavel, baloiçando-se na cadeira.

A idade media fez de Virgilio um personagem legendario; Dante quasi que o levou ás portas do Paraizo. A sua orthodoxia póde estar descançada, snr. Valentim de Andrade.

Valentim, abespinhado.

Muito obrigado, snr dr. Barruncho. Se me fosse necessario, tiraria uma bulla, que eu sou bem visto em Roma. (*Victoria olha para elle com profunda admiração*).

Arthur, sorrindo.

Sempre a discordia entre estes dois sabios. Vinham discutindo, supponho?

Barruncho

A existencia de Homero!

Valentim

Que o snr. dr. Barruncho contesta, apesar do tesmunho de Horacio!

Barruncho, voltando-se de repente para elle.

E quem lhe disse ao snr. que Horacio existiu?

Valentim, aterrado.

Que! Horacio tambem não! Ai! que eu grito «O' da guarda!» Eu grito «O' da guarda!» senhora D. Victoria! O snr. dr. Barruncho tem-me tornado amarga a existencia! Arraza-me a livraria! Eu adorava Lino, já me negou a existencia de Lino! Amava Orpheu, deu-me cabo de Orpheu! A litteratura grega está sendo um cemiterio, povoado de symbolos! Agora entra-me com Roma! Lá se me foi Horacio! Tenho de me refugiar na baixa latinidade!

Barruncho, imperturbavel.

Horacio é um symbolo! uma imitação do grego! Provarei que não existiu!

Valentim

Ouve-o, snr.ª D. Victoria, ouve-o? (*levantando-se*) Eu vou-me embora, snr.ª D. Victoria. Fujo, mas salvo Horacio.

Victoria, obrigando-o a sentar-se.

O' santinho deixe-se estar! snr. Barrunho, tenha

termos! Ora tambem é forte birra! Estar agora a apoquentar o pobre do homem, e a estragar-lhe os livros! Que não existiu este, e que não existiu aquelle! Quem foi que lh'o disse? Olhe, Lino conheci eu muito bem.

Arthur

A mamã conheceu Lino?

Victoria

Perfeitamente. Era escrivão de fazenda em Manteigas. Lino da Silva. Agora o Camapheu não conheci.

Valentim

Orpheu, minha senhora, Orpheu que herdou de Lino o sceptro da poesia.

Victoria

Não tenho ideia.

Valentim

O snr. Barruncho tudo contesta. E' capaz de duvidar da existencia de Christo.

Barruncho

E duvido, sim senhor! Leia Strauss!

Valentim, levantando-se com os cabellos em pé.

Anathema sit! anathema sit! (Tem as mãos estendidas para Arthur em gesto de maldição; depois deita a luneta, repara no engano, e, estendendo as mãos para Barruncho, repete) Anathema sit!

Elisa, protestando com um sorriso.

Snr. dr. Barruncho, por quem é, tenha dó de consciencia de duas pobres senhoras!

Victoria, levantando-se toda atrapalhada.

Crédo! Que heresia! Cruzes, inimigo! Sume-te, coisa má! Valha-me Santo Antonio! Este homem racha a casa de meio a meio com as pragas que está rogando!

Arthur, baloiçando-se levemente na cadeira, e mettendo os dedos nos cabellos.

E assim se exprime o scepticismo da geração moderna! O' Musset, amargo e ardente sceptico, as tuas duvidas dilaceravam-te o coração.

Je ne crois pas, o Christ, à ta parole sainte.
Je suis venu trop tard dans un monde trop vieux.

Barruncho, batendo em cima da meza, no meio do barulho, porque as quatro fallas antecedentes foram ditas quasi ao mesmo tempo.

Se n'esta casa se desacata a liberdade de consciencia! Protesto em nome da justiça, em nome da Idéa, em nome do Futuro!

Valentim, continuando a conjural-o.

Anathema sit, anathema sit!

SCENA III

OS MESMOS, UM CRIADO

Victoria, reparando no criado, que entrou momentos antes, mas que parou á porta espantado com o barulho.

Que temos nós, Caetano?

Criado

Minha senhora, é que estão lá fóra uns viajantes. Succedeu-lhes um desastre á carruagem. A estrada, com a neve, está levadinha da breca, e elles então pedem para passarem aqui a noite, e dizem que seguem viagem ámanhã pela manhã.

Victoria

Mas que gente é?

Criado

E' uma senhora nova, muito pranse, e um sujeito já de idade, assim a modo feitor, mordomo ou coisa parecida, que falla uma lingua de trapos que ninguem entende. A tal senhora, quando soube o nome da quinta, perguntou se aqui não morava a senhora D. Elisa, e, como nós lhe respondessemos que sim, ficou toda alegre, dizendo que era muito amiga da menina, e até me deu este bilhete.

Elisa, admirada.

Muito minha amiga! (*Deitando os olhos para o bilhete, com espanto*) Condessa Bracciolini!

Valentim, puxando os punhos e ageitando o casaco.

Uma condessa!

Barruncho, com desdem.

Puph!

Arthur, admirado, chegando-se a Elisa, e olhando para o bilhete.

Uma italiana?

Elisa

Não posso imaginar!...

Victoria

Seja quem fôr, manda entrar para aqui. N'estes sitios não se nega hospedagem a pessoa alguma. (*O criado sae*).

SCENA IV

OS MESMOS, MAGDALENA E GIACOMO

Magdalena entra alegre e petulante, e dirige-se sem hesitar para Elisa; Giacomo vem atraz, comprimentando para a direita e para a esquerda.

Elisa, reconhecendo a sua amiga, e correndo a ella com um grito de jubilo.

Magdalena!

Magdalena, apertando-a ao peito e beijando-a com muito carinho.

Elisa, minha querida amiguinha! Com que jubilo torno a vêr-te! (*Afastando-a de si para a vêr melhor*) E então a minha caloira do convento não me saiu uma senhora galantissima!... Tu promettias... mas cumpriste. Foi sempre o teu costume.

Elisa, apertando-lhe as mãos com muita ternura

Tu aqui? Julgaria que não tornaria a vêr-te... Minha querida Magdalena... E ainda agora... Estou tão alegre! Que coisa tão inesperada! Mas como havia eu de suppôr? Condessa!

Magdalena

Condessa italiana! Em a gente casando na Italia, não póde evitar ser condessa! E então em Roma! Ha dois annos não havia lá senão estatuas, padres e condes! Eu não havia de casar com uma esculptura, o padre Jacintho não estava em Roma, tive de acceitar a mão de um conde.

Elisa, desatando a rir.

Não mudaste de genio!... E teu marido onde está?

Giacomo, com um grande brado, erguendo os olhos ao ceu, voz lachrymosa.

Nel cielo!

Elisa, olhando espantada para Giacomo, e depois para Magdalena.

Viuva?

Giacomo, no mesmo tom.

Ohimé!

Magdalena, muito seria.

Deixa-me apresentar-te o meu pouco valoroso escudeiro, o snr. Giacomo Allegri, pessoa muito respeitavel, optimo intendente, que meu marido me deixou em testamento. De primeira força nas quatro operações arithmeticas, em inteiros, quebrados e decimaes, e incapaz de pronunciar a fio quatro palavras portuguezas. Além d'isso devo dizer que o não considero como um intendente, mas como um amigo sincero e fiel que me atura com uma paciencia exemplar. *Amen!*

Giacomo, desfazendo-se em comprimentos diante de Elisa, que lhe estende a mão, comprimindo uma grande vontade de rir.

Signorina!

Elisa, em voz baixa para Magdalena.

Meu Deus, e eu sem te apresentar a minha tia! Que vergonha; parecia-me que estavamos sósinhas. (*Dirige-se a D. Victoria, que assistiu a todo este dialogo, de pé, encostada á cadeira, um pouco pallida, grave e fria. Com firmeza, mas dirigindo a D. Victoria um olhar supplicante.*) Minha tia, a senhora condessa Bracciolini, a quem temos a honra de dar hospitalidade, é a minha boa amiga Magdalena, a melhor das minhas amigas!

Victoria, muito fria, abaixando de leve a cabeça.

Minha sobrinha sabe que esta casa é sua, e que tenho muito gosto em que ella a offereça ás pessoas da sua amisade. (*Arthur faz um gesto de despeito, e dá um passo para Magdalena*).

Magdalena, á parte sem se perturbar.

Pouco amavel a tia! (*alto, n'um tom de voz grave, modesto e insinuante*) Dizer que fui amiga intima de sua sobrinha, minha senhora, é o mesmo que dizer que estou costumada, desde creança, a ter por v. exc.ª a veneração que se deve ás altas virtudes, e a estima que nos merecem os nobres corações.

Victoria, illumina-se-lhe a physionomia.

Ah! (*Depois de um momento de hesitação, n'um tom penetrado e grave*) Muito obrigada, minha se-

nhora! (*muito mais branda*) E' viuva, segundo ouvi dizer.

Giacomo, mettendo-se na conversação, com grandes comprimentos.

Viuva... *si! dell'illustre conte Bracciollini... vedova, si, dona* respeitabilissima.

Victoria, muito secca.

D. Victoria, se me faz favor.

Giacomo, espantado.

Che! Esta *signora* não é *una dona* respeitabilissima? (*Victoria está em conversação com Magdalena, os outros personagens não lhe dão attenção. Depois de meditar um instante*) *Che!* (*Tira de subito uma libra da algibeira, olha para a effigie da rainha de Inglaterra, olha para D. Victoria, e exclama á parte*) Victoria! *Cospetto!* Não tem *una faccia* de libra, tem *una faccia* de pataco falso.

Elisa, que durante a falla antecedente apresentou a Magdalena rapidamente Arthur, Valentim e Barruncho.

Mas que feliz acaso te conduziu á Beira? (*Sentam-se*).

Magdalena

Sabes que eu adoro os paizes de montanhas. A montanha e o mar são as minhas duas grandes predilecções. Voltando a Portugal tratei immediatamente de comprar uma quinta na Beira, onde possa viver a vida retirada que ambiciono. Vinha visitar os meus novos dominios, quando...

Giacomo, interrompendo-a.

Quando corremos o mais *orribile pericolo della mia vita*. Nós *caminhavavamos* com rapidez, e *chegavavamos alla villa della signora contessina; ma che!* a neve *atulhavava la via;* não *achavavamos* caminho; um *dei cavalli* escorrega n'uma descida. Quer *il* cocheiro sustel-o; *ma che! la maledette* bestia, em vez de se levantar para cima levantou-se para baixo!

Elisa, com anciedade.

E então?

Giacomo

Por um *miracolo della Madona,* quebram-se os tirantes, *la calessa* tomba, e entorna *nella neve, la signora contessa ed io, che gridava* como um possesso *no per me, ma per ella.* (*N'este momento apparece um criado á porta; Victoria levanta-se e vae conferenciar com elle. Arthur approxima-se de Elisa e Magdalena e conversam. Valentim chega a sua cadeira muito perto da de Giacomo, olha bem para elle, mettendo-lhe quasi o nariz á cara*).

Valentim, mellifluo.

É de Roma, não é verdade, senhor Allegri?

Giacomo

Da Napoli!

Valentim, chegando-se mais.

Da terra onde repousam as cinzas do cysne mantuano...

Giacomo, reparando bem em Valentim, que tem os olhos cravados n'elle com a persistencia dos myopes.

Valha-me *San-Gennaro*. Tem mau olhado o maldito! (*Recuando a cadeira, e procurando entre os breloques do relogio uma figa de coral*) (*áparte*) Figas, *jettatore!*

Valentim, chegando-se e concluindo a phrase.

Á sombra do loureiro de Virgilio!

Giacomo, cada vez mais aterrado.

Signor, si! (*Recuando a cadeira*) Figas, *jettatore!*

Barruncho, de quem Giacomo se foi approximando insensivelmente.

O tumulo de Virgilio e o loureiro de Parthenope são legendas eruditas. (*Inclinando-se para Giacomo*) Não faça caso! É uma sciencia decrepita a d'este senhor.

Giacomo, aterrado pela falla inesperada, e pelo olhar de Barruncho.

(*Áparte*) *Un altro!* Ai *che questa* casa é um viveiro de gente com mau olhado! (*Dirigindo a figa ora para um, ora para outro*) Figas, *jettatore!* Figas, *jettatore!*

Victoria, dirigindo-se a Giacomo, e fallando muito alto, gesticulando muito por julgar que assim se faz entender melhor.

Ó senhor estrangeiro, vá com o Caetano lá acima, que elle lhe diz onde são os seus aposentos.

Giacomo, levantando-se muito satisfeito.

Grazzie, signora mio! (*Áparte*) Figas, *jettatore!* (*Sde com o criado*).

Magdalena, proseguindo na conversação, com um tom epigrammatico.

Ah! o genero Antony esteve muito em voga! Eu ainda conheci alguns *mancebos* fataes, de cabelleira inculta, gravata desatada, olhar ferino, que se encostavam, nos bailes, ás umbreiras das portas, *tristes e severos, vendo passar a valsa* e os gelados, e o chá, magnetisando de longe as senhoras, que não davam por semelhante coisa. A moda passou, mais depressa que as crinolines, mas na provincia andam sempre atrazados os figurinos.

Arthur, um pouco magoado.

Minha senhora, o enthusiasmo sincero e as tristezas verdadeiras são de todos os tempos.

Victoria, para Valentim e Barruncho.

Então já?

Barruncho, que foi á janella.

A noite não está para graças; não cessa de cair neve.

Victoria

Pois então vão, vão, não os quero demorar! (*para Elisa*) Menina, eu tambem vou lá dentro que sou lá necessaria! (*Faz uma mesura a Magdalena, que lhe corresponde, levantando-se com um profundo comprimento*).

Magdalena

Minha senhora!

Arthur, para Victoria.

Eu acompanho-a, mamã. Depois de tão longa ausencia duas amigas teem muito que dizer uma á outra.

Barruncho e **Valentim**

Minhas senhoras! (*Despedem-se. Victoria e Arthur sáem pela esquerda*).

Valentim, para Barruncho, depois de pegar no chapeu.

D'esta beldade, quando entrou: *Et vera incessu patuit Dea*, dizia Virgilio.

Barruncho (pegando no chapeu).

Se tivesse existido?

Valentim, aterrado.

Que! Virgilio tambem não?! Valha-me Santo-Agostinho (*sáem pelo fundo discutindo*).

SCENA V

MAGDALENA E ELISA

Elisa

Emfim estamos sós!

Magdalena, tirando o chapeu, pondo-se á vontade, sentando-se junto de Elisa, enlaçando-a e beijando-a.

Querida Elisinha, que prazer que eu tenho em estar comtigo!

Elisa, correspondendo aos seus affagos.

E eu?. . Imaginas lá!... Estou doida de alegria?

Magdalena

Lembravas-te muito de mim?

Elisa

Momentos antes de chegares, estive fallando a teu respeito... Mal suppunha eu!... Querida Magdalena!

Magdalena

Meu amor!... Que saudades que tenho ás vezes do convento!... Lembras-te das travessuras com que eu amargurava a madre Hilaria?! (*Imitando um pouco a voz da velha*) Isto não é rapariga é o vivo demonio!... Abrenuncio! E lá ia ella a correr chamar a abbadessa! (*Desata a rir*).

Elisa, rindo tambem.

E quando a abbadessa vinha, tu fazias uma cara tão ingenua, e negavas o facto de que eras accusada com tantas particularidades que a madre Hilaria benzia-se, e estavamos todas perdidas de riso!

Magdalena

E os nossos passeios á noitinha por aquelles longos corredores!... Ao fundo as sombras densas!... Um candieiro mortiço a baloiçar-se, suspenso na abobada!... No lagedo o nosso passo ligeiro despertava uns echos surdos e prolongados... Enlaçadas, como estamos agora, fallavamos em voz baixa, diziamos uma á outra os nossos devaneios, os nossos

sonhos de futuro, as nossas esperanças!... Que bolhas de sabão!... Um sopro da mocidade as formava... um sopro de fortuna as dissipou! *(Pausa—Bruscamente)* Tu és feliz?

Elisa, serenamente.

Muito!

Magdalena

Impossivel! (*Levantando-se*) Esta casa goteja fastio por todos os poros. Tudo deve ser aqui monotono e somnolento! (*Cheirando*) Isto cheira a simonte, a latim, a missionarios, a caldo verde, e a burro em pé!... O ambiente d'ésta sala petrifica... Entra-se mulher, e sáe-se mó de moinho, e fica-se condemnada a triturar eternamente... zum... zum... as mesmas palavras, as mesmas preoccupações, já não sigo as mesmas idéas, porque as idéas não são como os grillos, não se dão bem com a lareira. Feliz, tu!... tu que foste sempre um modêlo de fino gosto e de alta comprehensão do bello, condemnada a escutares quotidianamente as citações do velhote e as declamações de Antony.

Elisa, séria.

Perdão, Magdalena, deixa-me dizer-te: tu ainda agora magoaste-me.

Magdalena, espantada.

Eu?

Elisa

Começaste logo a zombar do meu pobre Arthur, que não merece a zombaria.

Magdalena, encarando-a fito.

O teu pobre Arthur... Ai! ai! ai! a sonsinha da Elisa!... Caí em pleno idyllio, estou em *Paulo e Virginia!*... Mas tambem onde tinha eu a cabeça? Era inevitavel! Onde ha primos ha namoro! É tradicional desde o principio do mundo! A serpente do Paraizo era por força um primo d'Eva!... Agora é que eu percebo o «muito feliz!» Podéra! (*Debruçando-se por cima das costas do sophá onde está Elisa sentada*) Duas rolas n'um só ninho! Priminho d'aqui... ru... u... u... (*Beija-a de um lado*) Priminha d'alli, ru... u... u... u... (*Beija do outro lado*) E a tia a fazer meia! e o Valentim engalfinhado no Barruncho, e a mão do primo a procurar a mão da prima, e a brazeira a crepitar, e a neve a cair!... Ó filhos, eu vos abençôo...*Conjungo vos!*...Estão casados!... Mas olha Elisa, sempre te suppuz um espirito mais original!... Virás copiar para a Beira os romances de Augusto Lafontaine!... Ambicionares a felicidade das madréporas, que horror, Elisa, que horror!

Elisa

Queridinha, a felicidade para mim resume-se n'estes estreitos horisontes. Eu nasci para as suaves affeições e para os jubilos da familia. Tu foste sempre uma exaltada, M.lle Tourbillon, como nós te chamavamos; eu era a imagem da placidez, a adoradora do socego.

Magdalena, febril.

O socego! o socego! Socego ha no tumulo! Tu queres fazer da vida um adro de igreja do campo, a ante-camara do cemiterio! N'este seculo! Quando o homem arroja atravez do espaço a linha de fogo das vias ferreas, dá azas ao pensamento, supprime as distancias e devora o tempo, queres tu caminhar no chouto pausado e grave da mula de almocreve! Viver é cruzar n'uma locomotiva a existencia, com destino para o ideal atravez do positivo, colhendo de passagem a flôr azul do romance e a rosa ardente da aventura, procurando a lucta, a commoção, o descarrilamento emfim! A vida é um copo de Champagne; deixa assentar a espuma, bebe-o pausadamente, tens uma limonada insipida. Bebe-o a referver, se queres embriagar-te, e quebra o copo depois! A espuma é a mocidade, o sonho, a poesia, tudo o que scintilla, tudo o que enthusiasma. O socego! O socego é a morte, a vida é a exaltação e a febre!

Elisa, pondo as mãos na cabeça.

Ai! que doida! que doida! que doida!... Mas como é que tu casaste?

Magdalena

Eu sei lá!

Elisa

E porque é que deixaste o theatro, onde conquistáras com tanta rapidez um logar tão eminente! Sabes lá o orgulho que eu tinha, quando dizia comi-

go: Magdalena, a minha boa amiga Magdalena, é que é a grande artista, a grande actriz portugueza!

Magdalena

A grande actriz portugueza! Olha que gloria! Tu sempre és o ideal das ingenuas! No teu entender, em se sendo a grande actriz portugueza, estão realisados os mais audaciosos sonhos da ambição feminina! Mas quem ha por ahi que não seja a grande actriz portugueza, fazes favor de me dizer? São todas. Lê os jornaes. Cuidas então que vale a pena entregar-se a gente de corpo e alma a esse demonio que se chama arte, que nos queima e nos devora, para se conquistar o elogio banal, para se atirar mais um nome ao *réclame*? Achas que vale a pena surgirmos, pallidas e fatigadas, d'esse abysmo a que nos arroja o pensamento dos grandes poetas, para nos encontrarmos diante da platéa vasia, emquanto ao lado a palhaçada vistosa ou o melodrama de *boulevard* arrebanham a multidão que ri, applaude, ou chora?... Eu por mim enfastiei-me depressa d'esse trabalho esteril... Julgava ter uma voz... Adorava a musica... O theatro lyrico e em todo o mundo abundante de glorias... Parti para Italia, fui-me estreiar em Roma.

Elisa

E então?

Magdalena

Fiasco, minha querida! Completo e irremediavel! A minha vózinha de sala não era para navegar com

as tempestades das operas! Quando a orchestra se desencadeiava, eu mesma não me ouvia! Desesperada contra mim mesma, rasguei a escriptura, e tencionava tornar a remar na galé do theatro portuguez, quando o conde Bracciolini, dizendo-se apaixonado por mim, me veio depôr aos pés os seus sessenta e cinco annos, a sua riqueza e o seu dote.

Elisa

Sessenta e cinco annos!

Magdalena

Bonita idade, como tu vês! Acceitei! Poupava-me o dissabor de ter que tornar a Portugal a humilhar o meu amor proprio, e a confessar o meu desapontamento. Estive casada dois annos! O conde era uma excellente pessoa! Ainda hoje choro por elle.

Elisa

Choras?

Magdalena

Quero dizer: chora o meu intendente. Incumbi-o d'esse trabalho. Está encarregado das minhas contas e das minhas saudades. Chorar meu marido é uma das suas attribuições. Cumpre-lhe tambem responder em tom plangente ás pessoas que me pedem noticias do meu pranteado esposo. Não o ouviste ainda agora? *Nel cielo!* Fui eu que o ensaiei.

Elisa, rindo.

Decididamente não és capaz de estar séria dois minutos a fio... E agora o que fazes?

Magdalena

Nem sei ainda! Primeiro que tudo, como te disse, comprei uma quinta, onde possa enterrar-me viva, quando tiver os meus longos accessos de fadiga e de *spleen*... Depois... sou capaz de ir representar outra vez! Eu sei! A atmosphera do theatro tem umas fascinações estupidas que nos attraiem sempre, por mais que desejemos detestal-as.

Elisa

Eu agora, é que te não deixo tão cêdo, sabes? Quinze dias da tua vida, pelo menos, hão-de ser exclusivamente meus. (*Estrondo d'uma carruagem que pára á porta*) Escuta! Não te pareceu sentir uma carruagem?

Magdalena

Senti, sim. Querem vêr que a tua casa se transforma hoje em hospicio do monte de S. Bernardo. *(Chegam ambas á janella, a espreitar atravez dos vidros).*

Voz de **Alberto**, fóra, ao longe.

Eh! lá, René, Antony, Obermann, Manfredo, Lara, sou eu! (*Em recitativo*) *Eccomi alfine in Babylonia!*

Elisa, suspensa e alegre.

Parece a voz de meu padrinho!

Magdalena

Quem?

Elisa

Alberto de Magalhães, o grande escriptor! Não conheces?

Magdalena, surprehendida.

O Dramaturgo? É teu padrinho? (*Elisa faz um signal de cabeça affirmativo*).

Voz de **Alberto**, fóra, muito proximo.

Tu estás a dormir, maldito? Romantico, tu dormes?

SCENA VI

OS MESMOS, ALBERTO

Abre-se a porta impetuosamente, e Alberto entra com o chapeu enterrado até aos olhos, de casaco de pelles, botas de cano alto, charuto acceso na boca. Elisa está alegre a pouca distancia da porta, para gozar da sua surpreza; Magdalena desviou-se um pouco. Alberto estaca surprehendido, dando com as duas senhoras, que desatam a rir ao verem a sua entrada, atira o charuto fóra, e tira o chapeu.

Alberto, rindo-se do seu engano.

Minhas senhoras! v. exc.as desculpem.

Elisa, saltando-lhe ao pescoço, com um modo infantil.

Boas noites, meu padrinho!

Alberto, surprehendido e alegre.

O quê? E's tu, Elisa? Estás uma senhora! Cresceste sem me pedir licença! Eu, quando cahi em ser teu padrinho, aos dezeseis annos, não tinha previsto

o caso! Condescendi em ser padrinho de uma pequerucha que podia metter na algibeira, nunca imaginei que havias de chegar a este formato! Olha que certidão de idade que eu arranjei, anh? Aqui d'elrei que me roubaram a boneca da minha afilhada!

Elisa, meiga e risonha.

Então é isso tudo o que tem para me dizer, depois de cinco annos de ausencia?

Alberto

E tu! «Boas noites padrinho!» Parece que venho alli do casal do Açude!... Boas noites afilhada, como vai isso, a tia vai boa, e o Arthur está de saude? Eu cá sem novidade, alguma coisa constipado... Ora isto, um padrinho sempre atura coisas! Sabes que estás uma flôr?

Elisa

Olhe, meu padrinho, o que eu estou é radiante de jubilo! Brilharam hoje n'esta casa dois raios de alegria (*Designando-lhe Magdalena com um sorriso*) Então não conhece?

Alberto, que até ahi não reparára em Magdalena, affirmando-se n'ella, muito surprehendido.

Tiens! (*Fica estupefacto a olhar para Magdalena.*)

Magdalena, singelamente, estendendo a mão a Alberto.

Como está o senhor Magalhães?

Alberto, espantado, e com certa reserva.

Muito bem, muito obrigado, minha senhora. V.

exc.ª tem passado sempre bem? (*Á parte.*) Que diabo faz ella aqui?

Elisa

Sou amiga de convento da senhora condessa Bracciolini.

Alberto, olhando em torno de si.

De quem?

Elisa

De Magdalena... Casou na Italia!...

Alberto (Sempre que se dirige a Magdalena ha nas suas palavras uns leves toques de ironia, e o olhar é profundamente motejador.)

Ah! v. exc.ª casou na Italia?... E seu marido...?

Magdalena

Morreu! (*Á parte.*) *Nel cielo!*

Alberto

Morreu! Deus lhe falle n'alma! (*Magdalena vibra-lhe disfarçadamente um olhar de colera. Alberto desvia-se d'ella sem grande affectação, faz sentar Elisa, e senta-se junto d'ella. Magdalena senta-se a distancia junto da meza, a que se encosta, folheando distrahidamente o «Frei Luiz de Souza.»— Para Elisa.*) Não me agradeces? Olha que vim directamente de Paris aqui. Ha cinco ou seis dias que sou transportado como um fardo de wagon para wagon, de diligencia para trem. O cocheiro não se queria metter á serra por causa da neve! Qual neve! Então um padrinho que não vê a sua afilhada ha cinco annos, importa-se lá com a neve?! Arrebenta os caval-

los, o trem, e que te leve a breca, mas anda para diante. Nem passei por casa! Por lá estão todos bons, sim?

Elisa

As suas tias muito velhinhas, coitadas, mas sempre activas! e a fallarem no Albertinho para aqui e no Albertinho para alli!

Alberto

Já se vê! Aposto que me compraram uma caixa de bonecos de chumbo para eu brincar á volta... E cá por casa? A tia Victoria sempre rija? E o Arthur? Já sei, já sei o que por cá se está tramando. Querem que eu seja padrinho outra vez, anh? Mas aqui d'antes era o quarto d'elle.

Elisa

Quando elle estava em Coimbra, vim eu do convento. Este anno, acabou o curso; quiz ter aposentos mais independentes... E o padrinho! Ha quatro annos a viajar pela Europa! Onde tem estado?

Alberto

Em toda a parte, filha! Passeei a minha ociosidade inquieta por todas as capitaes do mundo civilisado... Assisti de perto a estes cataclysmos que estão revolvendo o mundo... Ia depois descançar á Italia... O espirito alli consola-se das ruinas do presente na contemplação das ruinas do passado. (*Voltando-se ligeiramente para Magdalena, e sempre com um leve tom de motejo.*) V. exc.ª ha-de conhecer muito intimamente a Italia!

Magdalena, afinando um pouco pelo tom d'Alberto, arrastando a frase, e sem levantar sensivelmente os olhos do livro.

Pois não! A terra onde flori a larangeira, diz a canção de Mignon.

Alberto

E onde, por conseguinte, a flôr de laranja é mais barata! (*Magdalena não responde, mas tem um movimento de colera, que se revela pelo modo sacudido como fecha o livro, tornando em seguida a abril-o.*)

Elisa, com avida curiosidade.

Mas qual é a impressão geral que traz das suas digressões, meu padrinho?

Alberto

Uma impressão estranha, filha! Emquanto a paisagens, monumentos, panoramas, etc., pega n'um guia de viajante, salpica-o convenientemente de pontos de admiração, e tens a narrativa da minha viagem! Mas o que preoccupa mais o homem que pensa é a vasta elaboração em que está empenhado o mundo! Parece-me que a esta hora se revolvem na Europa mais idéas do que tem revolvido a humanidade em tres ou quatro seculos da sua existencia! A geração moderna é uma geração estranha, que contrasta violentamente com a geração de 30. Então fazia-se arte pela arte, hoje todas as manifestações do pensamento obedecem a uma evolução scientifica; tinha-se o culto da phantasia, tem-se hoje o culto da realidade; nossos paes procuravam o sonho que enerva;

nós o facto que vigorisa. A arte é o realismo, é o positivismo a sciencia, a religião a fé materialista, a moral a hygiene. Não julgues que acho isto máo; sou homem do meu tempo. Mas percebo que a fermentação de tantas novas doutrinas prepara um d'esses grandes cataclysmos, que de seculos a seculos desnorteiam as velhas bussolas, mudam a direcção do progresso, e dão ao mundo por piloto a tempestade! O culto materialista do facto, e o sentimento da justiça innato no coração do homem, ahi tens os elementos da revolução social. Eu encontrei a cada instante, disperso pelo vento da tarde, o pó dos velhos ideaes e das velhas religiões! A cada momento se sente passar no mundo um frémito, a cujo impulso oscillam as cathedraes, e baqueiam os palacios dos reis! E espantam-se ainda quando em algum ponto se rasga de subito, golphando lava e escorias, a cratera vermelha da Communa!

Elisa, com animação.

Ah! meu padrinho, não me defenda a Communa! Foi um regimen odioso.

Alberto

A quem o dizes tu? Conheci-os, e tratei-os de perto. Nunca vi mais esplendida collecção de idiotas! Mas tambem eu não acho bonitos os tumores, e consinto que o medico os extirpe, com tanto que reconheça n'elles os symptomas da viciação do organismo. A communa é um symptoma, e não ha-de ser o unico. Afilhadinha, o problema social, que tem as

suas raizes não só na economia politica, mas na arte, na sciencia, em todas as influencias que actuam no espirito dos povos, impõe-se violentamente a todos os pensadores!... E' mister estudal-o e resolvel-o, antes que a solução socialista allúa e confunda em destroços irremediaveis o edificio da civilisação... E, devéras, sem ser internacionalista, hei-de sempre achar mal organisada a sociedade, emquanto pobres mulheres honradas morrerem de fome e de fadiga junto do berço de seus filhos, ouvindo rodarem nas ruas os trens, onde se ostenta o vicio impudente, vestindo galas, e constellando-se de diamantes. (*Não accentúa muito a frase, mas pontua-a com um rapido olhar vibrado a Magdalena*).

Magdalena, sente o golpe, fecha o livro, levanta-se, dirige-se com resolução a Alberto. Em tom serio, um pouco ironico, e que se torna mais incisivo para o fim.

Perdão! O senhor Alberto de Magalhães, com alta intelligencia que todos lhe reconhecem, fez diante de nós, pobres senhoras, a synthese do mundo moderno e dos problemas que o agitam. Eu não devia fallar n'estas coisas, mas a extrema bondade com que o senhor Magalhães nos iniciou nas altas questões que o preoccupam, anima-me a fazer uma ligeira observação... O senhor Alberto de Magalhães veio de carruagem, supponho eu? (*Alberto olha para ella espantado e faz com a cabeça um signal affirmativo*) esse casaco de pelles sahiu do melhor *magasin* de Paris... O charuto que deitou fóra á entrada exha-

lava um delicioso aroma... E entretanto, a poucos passos d'aqui, morrem de fome e de frio os magros pastores da serra... Senhor Alberto de Magalhães, os apostolos do christianismo, antes de prégarem a emancipação do proletariado, vendiam os seus bens, e repartiam-n'os pelos pobres. (*Depois de ter dito isto, corteja levemente Alberto, como para lhe significar que já concluiu o que tinha a dizer-lhe e volta para o logar onde estava.*)

Alberto, segue-a com os olhos, depois encolhe ligeiramente os hombros, e diz á parte.

Ora aqui está para que estas meninas lêem o Evangelho!

Elisa, espantada.

Repare que estão n'uma attitude aggressiva... Não fazem senão trocar epigrammas.

Alberto

E' uma tradicção dos bastidores!... Picadas de alfinete que uma actriz não poupa á sua amiga mais intima!

Magdalena

Nem um auctor, ao seu confrade mais querido!

Alberto, voltando-se para Magdalena, todo risonho.

Ah! eu sou auctor aposentado!

Magdalena

Com maledicencia por inteiro!

Elisa, rindo.

Decididamente estão implacaveis... (*levantando-se*) Eu vou lá dentro apressar os preparativos da

ceia! A tia Victoria naturalmente foi rezar, e o Arthur não pensa n'essas coisas. Padrinho não appareça por ora, quero arranjar uma surpreza (*sorrindo-se para os dois*) Emquanto eu não volto, vejam se fazem as pazes. (*Sahe toda alegre pela esquerda*).

SCENA VII

ALBERTO E MAGDALENA

Magdalena deixa-se estar sentada continuando a lêr e sem fazer caso do seu companheiro, Alberto deixa desapparecer Elisa, e quando está certo que ella vai longe, approxima-se de Magdalena.

Alberto, com um modo ironicamente obsequioso.

Minha senhora, a minha carruagem está ás suas ordens.

Magdalena, voltando levemente a cabeça.

Para quê?

Alberto, naturalmente.

Para se ir embora.

Magdalena, com tranquilla frieza.

Ora essa! Estou aqui perfeitamente!

Alberto

Ah! é que não imagina como é commoda a minha carruagem! Almofadada, macia! Cavallos de pé seguro! Cocheiro de mão infallivel! Por essas estradas a carruagem voa! Atravez dos vidros vê-se cair a neve! Imagina-se a gente na Suissa! E' delicioso!

Magdalena

Brr... que frio! A sua descripção encheu-me de enthusiasmo... pela brazeira.

Alberto

Ora! N'esta casa a brazeira é uma illusão! Quando ahi desabam o Valentim, um professor jubilado de um lyceu provinciano que transportou para esta malfadada terra os seus penates latinos, e o dr. Barruncho, joven pedante materialista, medico dos sitios, a casa esfria logo. A entrada d'elles faz descer o thermometro! E a tia Victoria com as contas e a meia! E os criados lapuzes! e o abbade que ronca depois do chá! e o boticario que faz paciencias! e o escrivão que faz *crochet*! Fuja, Magadalena, fuja que morre de fastio!

Magdalena, friamente

Se não tem razões mais fortes, essas não me convencem.

Alberto

Ah! v. exc.ª appella para a minha logica! Bom! vamos a isso! Cartas na meza... Senhora condessa Bracciolini... (*interrompendo-se, com malicia*) A proposito... esse titulo de condessa...? francamente!... aqui para nós...

Magdalena

Authentico! Tenho documentos!

Alberto, á parte.

Como o general do *Rabagas* (*alto*) Então houve um conde Bracciolini... que... desposou... e morreu?!

Magdalena, repetindo, com affirmativa.

...E morreu!

Alberto, com ingenuidade ironica.

Deus lhe falle n'alma! Devia ser muito boa pessoa... Pois muito bem, senhora condessa Bracciolini, a sua carreira tem sido... tem sido... um pouco... Se me permittisse um adjectivo!

Magdalena

Todos os adjectivos.

Alberto

Está de uma indulgencia grammatical!

Magdalena

Não admira! A practica dos dramas portuguezes!

Alberto, ri-se, e continua serenamente.

Tem sido pois um pouco aventurosa... E' um adjectivo temperado.

Magdalena, sempre imperturbavel.

Com pimenta.

Alberto, protestando.

Oh! (*continuando*) Foi, segundo parece, amiga intima de Elisa no convento. Mas, d'então para cá, passou muita agua por baixo das pontes, como se diz em Pariz. Magdalena teve um destino brilhante, cravou os dentes na maçã do Paraizo, adquiriu larga experiencia do mundo. Elisa ficou retirada no seu canto da provincia, lendo muito, menos o livro da vida, contemplando portanto a sociedade pelo prisma dos romances, conhecendo o theatro pelas brochuras e a arte pelo enthusiasmo. Francamente, Ma-

gdalena, acha que, sendo tão diversas ás suas duas situações, seja conveniente atarem de novo os laços da sua amisade do convento?

Magdalena, levantando-se um pouco irritada.

Acho simplesmente que o snr. Alberto de Magalhães é de uma insolencia extrema. Se julga que os desvarios de uma mulher a inhibem para sempre de se sentar ao lado de uma creatura immaculada, seria mais corajoso que fosse primeiro o senhor representante da moral publica, arrancar a mascara de virtuosas ás peccadoras das salas, antes de vir insultar quem não tem ao seu lado um homem para a defender.

Alberto

Meu Deus! Magdalena, isso é excessivamente dramatico, e foi dito com um calor que arrancaria palmas ás mais rebeldes plateias. Oh! mas sabe que eu não quebro lanças pelas conveniencias sociaes. Tenho razões mais serias. Conheço-a bem, Magdalena. Estudei desinteressadamente o seu caracter original. A um raro poder de fascinação, ao prestigio da sua formosura e do seu incomparavel talento liga a ausencia de escrupulos, um temperamento ardentissimo, e uma tendencia infrene para uma feroz *coquetterie*. Elisa, a quem eu consagro o mais paternal affecto, tem um noivo a quem adora, com quem vae casar burguezmente, singelamente... E' um rapaz nervoso, romanesco, exaltado, quer dizer, tão besuntado de petroleo, como as Tulherias em

maio. E quer que eu atire para junto d'elle o facho incendiario da sua phantasia, Magdalena! Pois não! Vá-se embora senão toco a rebate.

Magdalena, irritada.

Mas que idéa infame faz o senhor de mim se julga que sou capaz de attentar contra a felicidade d'esta menina, cujo affecto me purifica, me consola, me enche de orgulho no intimo d'alma, restitue a serenidade á minha consciencia perturbada! Ah! a tão vís suspeitas nem se responde! O snr. Alberto de Magalhães não é dono d'esta casa! Se o incommoda vêr-me aqui, retire-se! Se quizer fazer um escandalo, faça-o! Eu saio, quando a mão de Elisa me indicar a porta!

Alberto

Cautela, Magdalena! Sabe que isso é uma declaração de guerra!

Magdalena

Pois seja! Nunca receei a lucta.

Alberto

Oh! e eu adoro-a!

Magdalena

Pois luctemos!

Alberto

Pela ultima vez, a minha carruagem está á porta.

Magdalena

Pela ultima vez desprezo as suas intimações.

Alberto

Note que lhe vou fazer uma guerra sem treguas, sem contemplações, sem remorsos.

Magdalena

Note que nunca as ameaças me fizeram vergar.

Alberto

Pois veremos!

Magdalena

Pois ha-de-o vêr!

SCENA VIII

OS MESMOS E ELISA

Elisa, entrando pela esquerda, risonha e amavel.

Estão feitas as pazes?

Alberto, com apparencias muito alegres.

Oh! assignadas e ratificadas.

Elisa

Muito bem! Como penhor de alliança, meu padrinho, dê o braço a Magdalena e vamos ceiar.

Alberto, dirigindo-se desembaraçadamente a Magdalena.

V. ex.ª quer-me dar a honra de acceitar o meu braço?

Magdalena, muito affavel.

Com todo o gosto!

Alberto dá-lhe o braço, e dirigem-se para a porta. Ao chegarem ao proscenio bem ao meio da scena, faz parar a sua companheira, e, inclinando-se para ella muito risonho, diz-lhe.

Sabe qual era agora o meu primeiro movimento?

Magdalena, encarando-o serena e risonha.

Não.

Alberto, sempre risonho.

Era conduzil-a direitinha á porta da rua.

Magdalena, tranquillamente.

Dizia Talleyraud que nunca devemos ceder ao primeiro movimento.

Alberto

E' verdade, mas accrescentava. Porque é sempre o melhor!... Vamos ceiar! (*Dirigem-se para a porta. Cáe o panno.*)

ACTO SEGUNDO

Sala de visitas, mobilada como se usava d'antes. Canapé com as cadeiras postas ao lado symetricamente. Janella á direita. Porta ao fundo. Porta á esquerda. E' ao cair da noite.

SCENA I

MAGDALENA E ARTHUR

Ao levantar-se o panno, Magdalena está sentada junto da janella da direita, com a cabeça encostada ao parapeito, pensativa e como que absorta no enlevo de escutar a serenata do *Marino Faliero,* que está sendo tocada n'um piano, cujos sons vem de um quarto fronteiro, que se suppõe ter a janella aberta. A janella, a que Magdalena está encostada, deita para um jardim. Na sala um criado acaba de accender as luzes para uma recepção que ha-de haver n'essa noite. Depois de subir o panno, ha um momento em que apenas se ouve a musica. Logo em seguida Arthur entra, approxima-se de Magdalena sem que esta o sinta, e está um instante a contemplal-a. O criado acabou de accender as luzes e saiu.

Arthur, com voz branda, e sorrindo.

Que extasi em que a venho encontrar, minha senhora.

Magdalena, voltando-se com um grande estremecimento, e como quem não espera ouvir uma voz.

Ah!

Arthur, espantado ao vêr-lhe o rosto coberto de lagrimas.

O que! Chorava? Julguei que lhe eram desconhecidas as lagrimas!

Magdalena

Lagrimas!... nem as sentia!... Foi uma impressão nervosa!... A musica produz-me este effeito!... E então esta! *(Com voz um tanto commovida.* Ha melodias que são como que a chave de oiro de um mundo de recordações. Quando as ouvimos, abre-se no nosso espirito uma porta mysteriosa, e surge-nos lentamente o passado com os seus horisontes risonhos, com os seus prestigios, com a magia dos seus devaneios. A serenata do *Marino Faliero* era no convento a nossa musica predilecta. Ao tocal-a, eu e Elisa diziamos que nos parecia vêr a Veneza dos poetas e dos romances, com as suas gondolas mysteriosas, com os seus palacios de marmore, com o luar a reflectir-se nas aguas do Rialto... Estive na Italia e não quiz nunca ir a Veneza, tive mêdo sempre que ao contacto da realidade se desfizesse em fumo a terra dos meus sonhos. Fiz bem. Que se corra, quando se é criança, atraz das borboletas, vá! mas que se corra, quando se é mulher, atraz dos sonhos! Sonhos, borboletas! a realidade é o alfinete que os mata! (*Pausa, passando a mão pela fronte*) Bem! Isto passou! Foi um accesso! Mil perdões!

(*Mudando subito de tom*) Mas então como está o senhor Arthur de Noronha? Por onde tem andado? D'onde vem?

Arthur

Do jardim, d'onde tive o gosto de a vêr!

Magdalena

Bonito! Apanhou-me em attitude de senhora romantica! Fronte pendida, luar a banhar-me o rosto, musica ao longe! Devia parecer-me extraordinariamente com o frontispicio de uma *reverie* para piano! *Les Cloches du monastère! Les Petits Oiseaux!* A Elvira do *Lago!* Versos de Lamartine! Musica de Niedermayer!

Arthur

Minha senhora, v. ex.ª está perfeitamente no movimento, como dizia Alberto. Zomba das suas proprias commoções! Isso é essencialmente moderno! Eu porém, apesar dos seus motejos, sinto que nunca se me ha-de apagar do espirito a impressão que ainda agora recebi! A sala estava ainda ás escuras; o o seu perfil suavissimo desenhava-se na moldura da janella, illuminado pelo clarão da lua. Esses seus olhos negros, profundos e mysteriosos, onde eu debalde tento lêr a palavra do enygma que encerram, cravavam-se vagamente no horisonte, frouxamente illuminado pelos ultimos reflexos da luz crepuscular. Entonteciam-me estes perfumes, que arranca ás primeiras flôres o primeiro sopro tenue da primavera. E musica, aromas, luar, formavam em torno

de si um nimbo ideal, onde se immergia a sua fronte, como a d'essas cabeças de Guido que olham sempre para o céo! Ah! quasi tenho pena de que despertasse do sonho; quasi tenho pena de não estar ainda a contemplar essa estatua da melancholia, lavrada no marmore mais puro pelo cinzel amoroso de algum poeta da esculptura.

Magdalena

Meu Deus! senhor Arthur de Noronha, eu agradeço-lhe extremamente, em nome do meu perfil, a photographia retocada sem semelhança garantida, que teve a bondade de offertar-me. Mas o colorido que lhe deu é talvez demasiadamente... quente. Dá-me licença que vá ter com Elisa, sim? (*Saída falsa*).

Arthur

Oh! não saia ainda! Ha tres dias que aqui estive, ha tres dias que eu ambiciono o ensejo de lhe dizer o que tenho no coração! Dizem que não ha impressões subitaneas, amores que fulminam como o raio! Eu que lhes responda! A sua imagem veio introduzir na minha vida uma perturbação ignota. Ha umas negras tristezas que nos ensombram o espirito, e que nos avisam da approximação das grandes paixões como a agua que escurece quando vem perto a tempestade. Desde que a vi, senti que se apagava para sempre o meu passado com os seus projectos, com as suas incertezas, com as suas aspirações indefinidas; senti que a minha existencia fôra até aqui

uma sombra, e que só principiava a viver no dia em que principiava a amar!

Magdalena

Mas, se me não engano, é uma declaração em regra que me está fazendo?

Arthur

Nem eu sei, minha senhora! É o coração que me trasborda!

Magdalena

O coração! O coração nada tem que vêr com estas coisas! Declarações são desastres, a que uma senhora está sujeita frequentemente no decurso da sua existencia! Não ha cavalheiro que se não julgue obrigado a fallar em amor a uma senhora com quem esteja dois minutos a sós. Uns dão á sua declaração o tom frívolo, outros o tom impertinente, o meu bom amigo, que é, permitta-me que lh'o diga, o ultimo dos Arthures, preferiu dar-lhe o colorido fatal, os toques sombrios dos grandes sentimentos. Não lhe quero mal por isso.

Arthur

Ah! não me falle assim! Repilla-me francamente! Mate-me para sempre a esperança! Mas não me responda com o espirito, quando eu lhe fallo com o coração.

Magdalena

Confesse francamente que se ria de mim, se eu tomasse uns ares ferozes e lhe indicasse a porta com um gesto magestoso. Tanto mais que eu acho muito

agradavel fallar em amor. O amor inventou-se no principio do mundo, e ainda até hoje se não descobriu coisa mais suave. Fallar em amor, respirar essencia de violeta, vestir-se a gente de veludo e sêda, ouvir musica, e passeiar ao cair da tarde n'uma alameda senhorial, são das maiores voluptuosidades d'este mundo. Eu acho encantador um esboceto de namoro. Uma troca de olhares acariciadores e de sorrisos confidenciaes, um aperto de mão furtivo, um «eu te amo» murmurado ao ouvido, um caprichosinho sem consequencias, que viva o que vivem as camelias o espaço de duas valsas... um *marivaudage* emfim é delicioso. Mas isso mesmo deve comprehender que nos é absolutamente defezo!

Arthur

As suas palavras affagam-me o ouvido, e vão-me pungir no intimo d'alma. Isso em que falla não é o amor, é a sua pallida imagem! E essa mesma... recusa-m'a?! (*Querendo tomar-lhe a mão*) Porque? não quer dizer-m'o?

Magdalena, repellindo-o brandamente com um sorriso.

Scio! scio! Perdão! Como o romance não se ha-de escrever, escusa de abrir capitulo! Porque? Porque o senhor Arthur de Noronha, tem uma noiva, porque essa noiva é minha extremosissima amiga, porque se ha no mundo uma mulher a quem não possa amar, essa mulher sou eu, porque se ha no mundo um homem com quem eu não deva coquetear, esse ho-

mem é o senhor! Parece-me que lhe fallei sério agora?

Arthur

Talvez, mas não quiz comprehender ainda a tormenta que me vai cá dentro. Falla a um homom dominado por uma paixão violentissima, como fallaria a um adolescente namorado. Exige de mim que eu sacrifique este amor que ha-de ser a ventura ou a desgraça da minha vida aos vagos projectos de ligação com uma menina, a quem apenas consagro um affecto fraternal.

Magdalena

A quem ama, a quem ha-de amar por força; porque Elisa tem a belleza, a virtude, o talento, todas as qualidades reaes que lhe formam uma auréola mais brilhante do que esse vago nimbo de luar com que lhe aprouve ha pouco cingir-me a fronte. Sejamos sérios, snr. Arthur de Noronha. Está exaltado agora. Subiram-lhe á cabeça os primeiros effluvios da primavera. Essa paixão em que falla foi uma traição da noite. Hão-de dissipar-lh'a, creia, os primeiros raios do sol. Ámanhã sorria-se para mim, e estenda-me a sua mão de amigo que lh'a apertarei com muito gosto. Adeus.

Arthur

Creia que fez hoje um desgraçado.

Magdalena

Criança, que julga ainda que a ventura depende do sorriso de uma mulher! Criança! Criança! Que

thesouros de mocidade ha no seu coração! Vá! derrame-os aos pés da candida menina, que bem lh'os merece. Eu... eu, creia que o estimo devéras. (*Sáe. Á porta encontra-se com Alberto, que entrou um momento antes, e observou a scena com um olhar ironico.*)

Alberto, para Magdalena, designando-lhe com um gesto Arthur, que se deixou cair n'uma cadeira, escondendo o rosto nas mãos.

Toca a fogo?

Magdalena, com um movimento de impaciencia, muito accentuado.

Ora! Deixe-me! (*Sáe*).

SCENA II

ALBERTO E ARTHUR

Alberto, sem se approximar de Arthur, dirigindo-se para o outro lado da scena.

Boas noites, Arthur!

Arthur, levantando ligeiramente a cabeça.

Boas noites!

Alberto, com o mesmo modo ligeiramente indifferente.

Estás incommodado?

Arthur

Não.

Alberto, depois de breve pausa.

Eu vi-te ainda agora no jardim, não vi?

Arthur

Talvez!

Alberto

Subiste depois?

Arthur

Subi.

Alberto

Tinhas algum bandolim comtigo?

Arthur, voltando-se com certo enfado.

O que?

Alberto

Quero dizer se estiveste lá em baixo dedilhando as cordas do bandolim dos menestreis?

Arthur

Olha, Alberto! Eu acho-te sempre muita graça, mas hoje estou preoccupado. Não me sinto com animo de seguir a conversação.

Alberto

Não sigas rapaz, não sigas! Eu gosto immenso de fallar sósinho! Demosthenes, o orador atheniense, ia para a beira-mar conversar com as vagas; eu na ausencia de vagas converso com as cadeiras, ouvintes que eu já conheço por ellas terem a paciencia de estarem sósinhas na platéa a escutarem os meus dramas! Vou-lhes hoje contar uma historia! Escusas de responder, Arthur, é um simples monologo... Chama-se *Arthur ou o pagem menestrel*... chacara

do seculo XIII... anterior a Petrarcha! «Por uma noite de primavera um joven pagem passeiava no jardim de um castello feudal, confiando á lua os seus pensamentos de amor. Eis que de subito assoma á ventana a dama dos seus pensamentos. O pagem tira o bandolim, traça a capa byroniana... ó diabo, isto não é do seculo XIII, deixa passar... e dedilhando as cordas, descanta umas apaixonadas trovas... Mas espera! isto foi posto em verso por Antonio de Serpa:

Era noite; eis a donzella
Na janella
Veladora appareceu.
Fita os olhos sobre a lua
Que fluctua
Que fluctua lá no céo.

O audacioso pagem sóbe as escadas marmoreas do solar, entra no gothico salão, e poisa os labios sobre o niveo collo da castellã... crime de morte, como é geralmente sabido... mas...

Uma nuvem caminhante
N'esse instante
Esta scena escureceu.
Mas o melhor da passagem
Foi que o pagem
Foi que o pagem não morreu.

(*Tom natural, para Arthur*) Ó aquelle, tu não morreste?

Arthur, levantando-se irritado.

Sinceramente eu pergunto ás vezes a mim mesmo como é que tu, dizendo-te e sendo na realidade meu amigo, sentes um gosto especial em me torturares, em me magoares com a tua implacavel zombaria. Tambem é demais.

Alberto

Magoar-te! Estás louco! Mas eu adoro-te! Eu tenho por ti uma veneração igual á que um naturalista póde consagrar a um animal ante-diluviano! Tu és o ultimo de uma raça que desappareceu! Sobreviveste ás grandes aguas! Tu és contemporaneo das chacaras, dos solaus, e da idade média de papelão! És um lyrico! És o oitavo dormente do romantismo! Adormeceste a lêr uns versos a Ella no *Jardim litterario*, e acordaste em pleno 1872. Aqui n'esta casa por força apparecem phantasmas, que tu és o espectro de René. Homem não és tu! Desconfio que não tens realidade! És uma sombra, uma nuvem! Vê lá se eu sou capaz de te assoprar! Nada, que tenho mêdo que a nuvem se desfaça e se resolva em chuva de lagrimas! Magoar-te! eu que ando sempre com mêdo que te quebrem, a ti que és *un sujet de pendule!* eu que ando sempre com mêdo que te rasguem, a ti que és uma pintura de leque! Se tu me désses licença, o que eu fazia era embrulhar-te em palha como uma garrafa de marrasquino, e punha-te por fóra este letreiro: Essencia de lyrismo! Colheita

de 1830. Agitar brandamente, antes de deitar no copo!

Arthur

Pois serei lyrico, serei romantico, serei o espectro de uma geração extincta, serei tudo o que tu quizeres! Estou no meu direito, e prefiro os ridiculos que se ligam a esse nome de romantismo á seccura do teu coração e á ironia mordente do teu espirito... brilhantissimo.

Alberto

Ah! de certo! podes ser lyrico á tua vontade, assim como podias ser membro de uma philarmonica, ou irmão do Santissimo! Mas eu, encarando-te debaixo do ponto de vista de noivo de Elisa, antes queria que tocasses trombone na sociedade dos *Amigos de Minerva*, antes, antes! palavra! Demais a mais tu és o diabo, homem! Tu não fazes versos, que eu saiba! Os versos ao menos eram um derivativo! Eram um caustico para os amigos e um derivativo para ti! Não tens por ahi alguma ballada inedita que me recites? Não tens. É o que eu digo! Fazes lyrismo na vida real. E' o diabo! Para vocês a paixão tudo absolve e desculpa, até os amores da irmã de René! Em dizendo: Estou apaixonado, é como se dissessem: Tenho hydrophobia.

Arthur

Acalma os teus terrores! O meu casamento com minha prima ainda não passou do estado de proje-

cto, e não tendo o coração livre, não vou ligar Elisa á minha sorte!

Alberto

Já nós lá estamos? Já tens odio ás aguas puras? (*com surda irritação*) E' inevitavel! Ponham d'um lado uma menina casta, innocente, em cujo coração vive apenas a imagem do primeiro homem que lh'o despertou, do outro a mulher venal, de olhar fatigado e de fronte ennublada, é para esta que descáem as adorações dos lyricos. D'álem está o diamante immaculado, inestimavel, reflectindo apenas nas purissimas facetas o esplendor do sol, d'aqui o *strass* vil que tem passado por trinta mãos; èstes brutos não hesitam, escolhem o *strass!*

Arthur

Fallas tu, ou falla a mamã? Vens reforçar com o teu talento o preconceito provinciano? Tambem para ti a mulher do theatro é uma creatura abominavel, condemnavel fatalmente é prostituição?

Alberto

Olha! sabes que mais? Não tenho pachorra para aturar doidos.

Arthur, com força.

Mas responde!

Alberto

Pois bem! respondo! e, assim como assim, melhor é que encaremos face a face o que póde ser talvez o problema do teu destino. Não! o culto da arte não implica forçosamente o desprezo da virtude!

Não! o preconceito é absurdo! e talvez seja elle a causa unica do proprio mal que estygmatisa! Hoje o mundo dos bastidores reflecte, pelo menos relativamente se me posso assim exprimir, o mundo cá de fóra. Dividem-se as actrizes em tantas cathegorias como as mulheres da sociedade! Ha umas que fazem fortuna, permitte-me o gallicismo, outras que fazem romance, e outras que fazem *crochet!* Mas esta nunca fez *crochet!* Não! nunca fez *crochet!*

Arthur

Pittoresca imagem significando que, no teu entender, a alta intelligencia e a virtude são incompativeis n'uma mulher.

Alberto

Tu nunca te has-de curar da «phrase» Incompatibilidades! Ora adeus! A virtude é uma questão de temperamento, a intelligencia é uma questão de massa cinzenta nos lobulos cerebraes! Que tem que vêr uma coisa com a outra? E' verdade que ha intelligencias sãs. Mas n'esta mulher, o sangue, que a circulação leva ao cerebro, que funcciona activamente, devo confessal-o, tem ido sempre carregado de todos os principios morbidos, que podem exaltar e depravar o espirito. Não ha excitações culpadas, appetites febrís, que essa mulher não tenha querido conhecer e provar, desprezando completamênte as conveniencias, o dever, tudo quanto póde cohibir as loucas paixões da humanidade.

Arthur

Conhecel-a bem a fundo!... Foste seu amante talvez?

Alberto

Não. Mas fui o mais intimo, o mais fraternal amigo do primeiro homem em cujos braços ella se despenhou. Eu bem sei que Magdalena póde invocar as circumstancias attenuantes. Educada como uma duqueza, achou-se de repente face a face com a miseria. Teve um tutor que lhe não inculcou idéas de moral. Isto de certo póde explicar a queda, mas não divinisal-a. Se fazemos a apotheose das que cedem, o que havemos de fazer ás que vencem...e morrem? Ao primeiro amante seguiram-se fatalmente os outros. Essa carreira, que teve apenas a arte por intermedio, foi, segundo parece, coroal-a dignamente a Italia, extorquindo o nome a algum velho libertino, que quiz aquecer a sua tropega senilidade ao fogo d'aquella resplandecente juventude. Ahi tens quem é Magdalena, a mais perigosa sereia que tenho encontrado no mundo. Não te aconselho, como o sabio Ulysses, que tapes os ouvidos com cera. Se no teu coração está bastante aviltado o sentimento de dignidade viril, para que acceites a herança de tantos predecessores, se entendes que a esse capricho dos sentidos a que chamas paixão deves sacrificar o teu futuro, o socego de tua mãe, e a felicidade de tua noiva, faze o que quizeres. Eu apontei-te o perigo, nada mais tenho a dizer-te.

Arthur

Oh! mas sabes que me enlouqueces, sabes que me enlouqueces.

Alberto

Quero pelo contrario salvar-te da loucura, chamar-te á realidade. Quero arrancar-te a esse tremedal, onde florescem as rosas de Marion, e as camelias de Margarida Gauthier.

Arthur, estendendo-lhe a mão.

Tens razão. Sinto a dôr profunda do cauterio, mas agradeço-te! Este amor é torpe, é insensato! Hei-de arrancal-o por força d'este covarde coração.

Alberto

Socega rapaz, estás doente, estás exaltado. Tens febre. Vai-te deitar!

Arthur

Não! Isto passa (*á parte*) Ah! se viesse a morte! (*encaminha-se para a porta; ao chegar lá, pára, e voltando-se para Alberto, brada com desvairamento*) Oh! mas leva-a d'aqui! leva-a d'aqui! (*sáe*).

SCENA III

ALBERTO, *só*.

Escusas de m'o pedir, que eu lhe farei as diligencias... Mas que mulher!... N'estes dois dias em que fui obrigado a ir a casa, como ella teve a habi-

lidade de se radicar aqui!... A Elisita tem uma amisade feroz á sua antiga condiscipula!... São as duas irmãs siamezas!... Golpe que se dê n'uma, resente-o logo á outra... A D. Victoria, essa não vê senão pelos olhos da sobrinha, e demais a mais o demonio soube tambem insinuar-se-lhe um poucochinho no espirito com as suas maneiras mellifluas! (*passeiando preoccupado*) Que diacho hei-de eu fazer?... Tenho de recorrer a elementos estranhos... Vou actuar na opinião publica... (*vendo apparecer visitas*) Olá! começa a procissão! Mãos á obra!

SCENA IV

ALBERTO, RAYMUNDO, D. LUDOVINA

D. Ludovina, velha muito espevitada, magra, falladora, apenas vê Alberto, larga o braço de seu marido, velho gordo, de oculos, cara rosada, olhar pasmado, modo submisso.

Olhem quem alli está! O snr. Albertinho! Viva! viva! Então tem corrido as sete partidas do mundo, não é verdade? E as viajatas fizeram-lhe bem! Vem mais gordo, benza-o Deus! E as tiasinhas como estão? (*Para seu marido que apertou a mão a Alberto e abre a boca para se metter na palestra*) O' Raymundo, deixa-me fallar! Ahi começas tu! Que secca! Tu és escrivão de fazenda, não és? Pois então

escreve mais e falla menos... Ora o Albertinho! Sempre gostei muito agora de o vêr... E a Victoria?... Não apparece?

Alberto

Encarregou-me de lhe ir recebendo as visitas, emquanto ella acaba uma obra importante, uns mexidos, uns coscorões, (*Raymundo lambe os beiços*) ou não sei que... emfim, um manjar dos deuses, em que os criados não devem pôr o dedo!

Ludovina

E com razão! Olhe, não me falle em criados, e ainda menos em criadas! Pedem um dinheirame, não fazem coisa com geito, e todos soberbos e que não estão para servir, e que não querem sujeição. Ainda ha-de vir tempo em que se uma pessoa quizer vêr o trabalho de sua casa feito, ha-de-o fazer pelas suas mãos.

Alberto

Ora... o fim do mundo!

Ludovina

E olhe que é assim... E a Elisa, onde está? Então diga-me gostou muito de vêr a sua afilhada? Achou-a muito crescida? Está uma senhora. E é muito boa menina, a verdade deve-se dizer, é muito boa menina. E então ella sempre casa com o primo? Sim, eu creio que é coisa decidida, até me parece que já se correram os banhos... (*para Raymundo*) O' Raymundo já se correram os banhos, não correram? Ai! não! não! escusas de responder! já sei, foi

engano meu. Mas casam, casam. E olhe que é um par bem bonito! Que ainda assim a Elisa merecia coisa melhor, porque o Arthur... emfim cala-te bôca. Ella ha-de-se estar a enfeitar... Ora não admira! isto de raparigas pula-lhes o pé para se fazerem tafulas.

Alberto, conseguindo emfim interrompel-a.

Está a ajudar a tia...

Ludovina

Ah! está a ajudar a tia! sim! sim! coitada! Ella é muito boa menina, isso é verdade, é muito boa menina... Mas ande cá, falle-me na hospeda!... Isso é que diz que é uma senhora pranse, e diz que bonita... Veio para ahi com um estadão... e comprou uma quinta cá para estes sitios... Aquillo tem muito milho e é condessa... Ella será condessa effectivamente?

Alberto

Sim, minha senhora, condessa de palha de Italia.

Ludovina

Como?

Alberto

Enganei-me: eu queria dizer condessa de Italia, onde ha condessas por dá cá aquella palha! Oh! é um paiz onde fervem os condes! Ha condes para consumo, condes para exportação, sobejam alguns para tocadores de realejo e ainda ficam outros para fazerem condessas de torna-viagem.

Ludovina

Ah! conte-me d'essas! Então ella sempre é se-

nhora de pouco mais ou menos... Por ahi já se rosna; mas eu não queria acreditar... Ora não ha!... A gente vê coisas!... Talvez ella até nunca fosse casada, que lhe parece, snr. Albertinho?

Alberto

Não sei, minha senhora; ella diz que sim, eu não fui testemunha do casamento, mas...

Ludovina

Ora deixe! uma mulher, que anda correndo essas estradas sósinha, com um mordomo; aquillo nunca póde ser coisa capaz... Ai! ahi vem o tolo do boticario!

SCENA V

OS MESMOS, NARCISA, PATRICIO, DUAS MENINAS, (entre 12 e 14 annos)

Alberto, dirigindo-se a Narcisa.

Como tem passado snr.ª D. Narcisa? Está a mesma que ha cinco annos! Parece irmã de suas filhas!

Narcisa, typo de mulher mollenga e paz d'alma, voz arrastada, pronuncia minhota.

Ah! agora, snr. *Alverto!* Sempre doente! Sempre com muitas saudades de *Vraga!*

Patricio, magro, inquieto, cara satisfeita de si.

Olá, sô Alberto, chegou bem! Então quando é que se propõe deputado cá pelo circulo? Olhe que

as coisas estão dispostas para se poderem fazer eleições na opposição. O caso é, em estando os nossos no poder, dar-se uma posta boa aos Ramires da Lindosa, que ficam firmes como uma rocha. E, sô Alberto, nós cá *estemos!*

Alberto

Obrigado, amigo Patricio! (*Para Narcisa.*) Minha senhora, a D. Victoria...

Ludovina

Deixe, deixe, eu explico... Mas ande cá, ande cá, snr. Albertinho... A Narcisa agora é que me disse; ella sempre tem uma chronica!... Dizem até que foi comica!

Alberto

Ah! isso foi, conheci-a eu!

Ludovina

Ora vejam!... E recebe a D. Victoria em sua casa uma mulher assim... E convida-nos a nós para a virmos visitar... Olhe, Narcisinha, eu sou amiga da Victoria, mas ella merecia uma boa lição.

Alberto

Então, minha senhora, a D. Victoria sempre teve um genio indulgente.

SCENA VI

OS MESMOS, VALENTIM E BARRUNCHO

Valentim, entrando a discutir.

Não, meu joven e illustradissimo amigo, hei-de ir sempre com o que diz o illustre doutor Antonio Ferreira:

Eu d'esta gloria só fico contente
Que a minha terra amei e a minha gente.

Barruncho

Se esses versos são d'elle!

Valentim

O' snr. dr. Barruncho, salve-se ao menos a litteratura patria! (*Alberto dirige-se para elle; Valentim comprimenta-o sem o conhecer, depois deita-lhe a luneta, e acolhe-o com grande espalhafato, emquanto Alberto falla tambem a Barruncho.*) Olá! o nosso viajante! o nosso joven Anacharsis! Matemos hoje o bezerro gordo! Então *Multorum hominum vidit?...*

Barruncho

Esteve na Allemanha, senhor Magalhães?

Alberto

Passei por lá.

Barruncho

Ouviu por acaso em Berlim, as lições do professor Weber (Ueber)?

Alberto

Do professor...?

Barruncho

Weber!

Alberto

Sabe allemão, snr. Barruncho?

Barruncho

Ninguem deve ignorar essa lingua erudita.

Alberto

Ah! Pois eu ouvi em Berlim as lições de um homem a quem os Allemães chamavam Weber, (Veber) ou não é esse em quem falla, ou o snr. dr. Barruncho sabe allemão até ao V dobrado, exclusivamente.

Barruncho

Minucias de grammatico!

Alberto

Pelo dedo se conhece o gigante.

Ludovina, que formou em torno de si um grupo, composto de seu marido, do boticario e de Narcisa.

O' snr. Albertinho, chegue cá, chegue cá! (*Alberto dirige-se para ella*).

SCENA VII

OS MESMOS, P.e MAURICIO

Mauricio, padre robusto, espadaúdo, com passadas largas, e tropeçando na batina.

Seja Deus n'esta casa! *Dominus vobiscum.*

Valentim

Et cum spiritu tuo!

Mauricio, bocejando, e fazendo cruzes na boca.

Está um frio levado de seiscentos dia... (*emendando*) de seiscentos S. Pedros! (*para Alberto que se dirige a elle*) Bem apparecido seja, sô Alberto! (*dando-lhe um abraço*) Isto é que me faz velho! Bom rapaz! bom rapaz! Era uma joia se não fosse o diabo das philosophias... quero dizer o S. Pedro das philosophias!

Alberto, rindo.

O' abbade, a você S. Pedro serve-lhe para tudo, até para substituir o diabo! Esse S. Pedro é que se póde chamar um *Petrus in cunctis!*

SCENA VIII

OS MESMOS, FREDERICO E GUIOMAR

Apenas estes entram, Alberto dirige-se para elles e falla-lhes; Mauricio fica junto de Valentim e Barruncho.

Mauricio, bocejando e fazendo cruzes na boca.

A ceia demora-se muito?... E' que estou com uma fome levada de seiscentos dia... *(emendando)* de seiscentos S. Pedros... não... não... quero dizer... de seiscentos macacos!

Frederico, typo de janota provinciano, todo pretencioso e impertigado para Alberto, emquanto sua irmã Guiomar se dirige para as outras senhoras.

Temos então entre nós uma notabilidade artistica, a celebre Magdalena! Precisamos de lhe mostrar que nem todos na provincia teem os velhos prejuizos!... Dizem-n'a uma formosura!

Alberto

Maganão! Você atira-se, hem?

Frederico, com falsa modestia.

Ora!

Alberto

Parece-me que já chega tarde...

Frederico

Como?

Alberto, atirando a frase com certa indifferença, e afastando-se logo.

Sim; o Arthur creio que não perdeu tempo! (*á parte*) Mais um inimigo!

Frederico, que ficou um momento pasmado, dirigindo-se muito depressa a Guiomar

O' mana quer saber um escandalo? Então o Arthur não faz a côrte á comica? Nas bochechas da noiva! Um rapaz que nem se sabe vestir! (*As conversações dos differentes grupos formam até ao fim da scena um verdadeiro sussurro*).

Guiomar, rapariga ruiva, sardenta, de modos azados e olhar maldoso.

Ai sim! já aquella prenda do senhor Arthur achou quem o captivasse! De quem eu tenho pena é da Elisa! Ai! homens! homens!

Ludovina, de quem se approximou Valentim.

Coisas da Victoria (*Valentim afasta-se, dando mostras de espanto. Raymundo e Patricio vão tambem para outro sitio conversando. Para Narcisa*) A Victoria sempre foi uma mulher, mas muito estupida (*á parte*) Quasi tanto como esta!

Narcisa

Ai! D. *Ludobina*, de certo (*á parte*) Quem te não *souvesse* da *bida*.

Valentim, approximando-se de Alberto que falla com Barruncho.

Então diz-se por ahi que o conjuge da hospeda é uma pura ficção?

Alberto

Ah! sim! o conde Bracciolini...

Barruncho

Não existiu.

Alberto

Exactamente como Homero! (*Valentim encolhe os hombros com ira*) A investigação moderna fez de Homero mais do que um homem, fez d'elle a synthese dos primitivos aédos. Este esposo de Magdalena é tambem mais do que um conjuge, é uma conjugação. Eu, tu, elle, nós, vós, elles; eu salvo seja ainda assim, somma total um marido synthetico. A esse marido synthetico deu Magdalena o nome de conde Bracciolini, devia antes chamar-lhe «conde Legião.»

Valentim, rindo despropositadamente.

Tem graça! *Nominor legio!*

Mauricio, que adormecêra, acordando, ao som do latim, resmunga.

Ite missa est! (*Torna a adormecer. Alberto continua a conversar com Valentim. Barruncho afasta-se*).

Patricio, que está conversando com Raymundo na extrema direita.

Pois que cuida, sô Raymundo! Aquelle Alberto nunca ha-de ser coisa que geito tenha. Sempre foi um estroina, mettido lá com litteraturas! Proponha-se elle a deputado cá pelo circulo, que lhe não arranjo um voto.

Barruncho, sósinho, relanceando os olhos em torno de si.

Parece impóssivel; de tantas pessoas que aqui estão, a unica de talento sou eu!

Ludovina, para Narcisa e Guiomar, depois de ter relanceado os olhos para a porta.

Ahi vem a Victoria! O' menina eu não lhes digo que nos vamos embora, porque emfim sou amiga d'esta casa. Mas lá a tal senhora, não se senta ao pé de nós... Era o que faltava, não é verdade?

Narcisa e **Guiomar**

De certo! de certo! (*Afastam as saias de modo que occupem completamente o sofá. As duas meninas estão sentadas, uma de cada lado do sofá.*

SCENA IX

OS MESMOS, VICTORIA E ELISA

Victoria

Minhas amigas desculpem esta nossa demora! Bem sabem o que é a lida de uma casa, e isto de criados...

Ludovina

Ora, Victoria! ainda tu estás com essas coisas comnosco (*Homens e senhoras levantaram-se para comprimentarem as recem-vindas, e formaram grupo em torno d'ellas. Quando se tornaram a sentar,*

Guiomar e Narcisa, que já tinham mostrado não gostarem muito de estar uma ao pé da outra, foram sentar-se nas cadeiras ao lado do sofá, e ficaram n'estes dois logares desoccupados. As pequenas, vendo isso hesitaram, envergonharam-se, e foram sentar-se em duas cadeiras distantes).

Victoria, para Alberto com alguma inquietação.

O Arthur?

Alberto

Não sei! Anda talvez no jardim.

Victoria

Tinha-lhe eu dito que viesse receber as visitas... Sempre é uma cabeça!... Mas tu bem sabes, Ludovina, isto de rapazes gostam da sua liberdade.

Guiomar, sarcastica.

O que! Pois nem a Elisa consegue prendel-o?

Elisa, risonha.

Não tenho geito para carcereira, minha querida Guiomar.

Guiomar, no mesmo tom que acima.

Com tanto que elle não vá procurar outras prisões!

Elisa, sempre risonha.

Liberdade de escolha! Estamos em paiz constitucional! (*Olhando para a porta*) Ah! ahi vem Magdalena.

Ludovina, muito depressa para as pequenas

O' meninas estão lá tão longe, venham para aqui!

(*As pequenas obedecem, sentam-se no sofá, e fica Ludovina entre ellas*).

Elisa, volta-se com espanto ao ouvir estas palavras, e vê as senhoras conversando affectadamente entre si, fingindo que não fazem caso de Magdalena que assoma á porta, e a quem os homens comprimentam. Percebendo de relance.

Ah!

SCENA X

OS MESMOS, MAGDALENA

Elisa, correndo ao encontro de Magdalena, cingindo-a pela cintura, e trazendo-a enlaçada comsigo até defronte do sophá. Estabelece-se um profundo silencio. Com voz firme e um tanto commovida.

Minhas senhoras, se eu estivesse, para assim dizer, n'uma reunião official, apresentar-lhes-hia a senhora condessa Bracciolini; como vejo, porém, apenas em torno de mim pessoas de nossa intimidade, apresento-lhes simplesmente a minha boa amiga Magdalena, a minha querida condiscipula. Se a esse nome quizesse juntar algum titulo, juntar-lhe-hia um que vale mais do que os vãos titulos de nobreza hereditaria. Sabem aqui todos que é Magdalena uma gloria nacional, que lhe cinge a fronte corôa mais brilhante do que as corôas de condessa, porque estas são os homens que as dão, a do talento é só Deus

que a outhorga... Eu, vão rir-se talvez da minha vaidade pueril, sinto orgulho em ter sido sua companheira de infancia, em ter adivinhado o genio que havia de enthusiasmar as plateias, em ter ouvido primeiro, a dizer-me palavras consoladoras, a voz apaixonada que depois havia de arrebatar um publico exaltado. D'esta admiração de uma ignorante menina, admiração bem pouco valiosa junto de tantas homenagens que lhe tem enflorado o caminho triumphal, quizera eu dar-lhe um testimunho solemne, uma prova irrefragavel... Conta-se que um lord inglez, tendo uma noite em sua casa Victor Hugo e Alexandre Dumas, levou sua mulher a sentar-se entre elles, e disse-lhe depois: Lembra-te toda a tua vida que houve uma noite em que estiveste sentada entre os dois primeiros escriptores da Europa. (*Ligeira pausa. Dirigindo-se a D. Ludovina*) Minha querida senhora D. Ludovina, quer satisfazer um capricho da Elisinha, d'aquella criança que trouxe tantas vezes ao collo?

Ludovina, espantada e um pouco impressionada.

O que é, Elisa?

Elisa, com modos insinuantissimos.

Cede-me por um instante o seu logar?

Ludovina, levantando-se

A' Elisinha? Com muito gosto!

Elisa, graciosamente, relanceando um olhar em torno de si.

Se disserem que foi plagiato, confessem que fiz

a citação primeiro. (*Para Magdalena, fazendo-a sentar no logar de Ludovina*) Senta-te aqui, Magdalena. (*Movimento de surpreza entre as senhoras. Para as duas pequenas*) Minhas queridas meninas, dir-lhes-hei tambem como o lord inglez: Lembrem-se sempre que houve uma noite em que tiveram entre si a primeira actriz portugueza. Quando, já senhoras, lerem os dramas immortaes que têm enthusiasmado a humanidade, lembrem-se que tiveram junto de si a mulher sublime que soube dar vida e paixão ás figuras femininas, creadas pela imaginação dos poetas. Lembrem-se tambem que tiveram a ventura de nascer n'uma epoca, em que, crianças ainda, viram já derrubado o preconceito absurdo que fazia outr'ora do talento que sublima o estygma que avilta. E, se quizerem associar o meu nome a este nome immortal, lembrem-se que uma pobre mas affectuosa provinciana quiz tambem protestar contra essa velha injustiça, e julgou conquistar eternos direitos á sua gratidão, minhas queridas meninas, vindo illuminar-lhes, com os reflexos de um grande talento, as suas tranças loiras!

Magdalena, profundamente commovida.

Elisa, o teu espirito é nobre, é elevado, mas ha em ti uma coisa que vale ainda mais do que o espirito, é o coração!

Alberto, á parte.

Oh! candida menina!

Victoria, á parte, muito atrapalhada.

Ai! que sobrinha esta!

Elisa, para Ludovina, designando-lhe Magdalena.

Está alli tão bem, não está? Sente-se ao pé de mim, D. Ludovina.

Ludovina, furiosa.

Ai! não, não me posso demorar; vamos embora, Raymundo (*O marido fica pasmado*).

Elisa, friamente.

Ah! sim? Então adeus! (*Ludovina faz um comprimento geral a todos, e vai só dar um beijo em D. Victoria*).

Victoria, apoquentada.

Ó Ludovina, pois tu saes? Tambem sempre tens um genio...

Ludovina, espevitada.

Voltarei quando souberes ser dona da tua casa... Raymundo, vamos embora!

Raymundo, á parte, para ella, com expressão de profundo pezar.

O' filha, e os coscorões?

Ludovina

Ai! nunca se viu um fallador assim! Venha (*arrasta-o comsigo.*)

Guiomar, para Frederico.

E nós, ficamos?

Frederico

Podéra! Nada que eu não quero offender a Elisa.

SCENA XI

OS MESMOS, menos LUDOVINA e RAYMUNDO, pouco depois ARTHUR

Elisa, para Magdalena.

Minha querida Magdalena, espero dever-te uma fineza. Do teu talento dramatico apenas conheço o que pude adivinhar na nossa intimidade do convento, e o que a fama espalhou... Agora que estamos deveras n'uma reunião amiga, não podias recitar-nos um monologo, uma scena, um trecho qualquer que nos revelasse esses altos prazeres da intelligencia de que estamos privados na provincia?

Magdalena

Estou em tudo, e por tudo, á tua disposição; mas um monologo solto, uma scena isolada... (*Entra Arthur*).

Alberto, correndo a elle e tomando-lhe as mãos.

Que vens tu aqui fazer? Estás a arder em febre, as tuas mãos escaldam. Vai-te embora!

Arthur

Queres que toda a noite a mamã e a Elisa estejam inquietas por minha causa?

Alberto, com repugnancia.

Tens razão; mas vê se estás socegado ahi para algum canto. (*Arthur vai comprimentar as senhoras e apertar a mão aos homens.*)

que ha-de rasgar as trevas do flagicio!

(Vai a levar a taça aos labios, e pára aterrada)

E se fosse um veneno?... que anciedade!
Se o monge que m'o deu fosse um traidor!
Mas não, que os santos laços da amizade
o ligam a Romeu, meu doce amor!
Nada devo temer! Eia valor!

(Parando de novo)

Mas se, no horrendo tumulo
na alva mortalha envolta
tremendo despertasse
entre os finados, só?
Se antes que o esposo trémulo
viesse e me livrasse,
sómente eu visse em volta
ondas de humano pó?!

Se esses miasmas lugubres
vem suffocar-me o peito,
se no funereo leito,
que em vida me escondeu,
jaz meu cadaver livido...
se a luz do sol não vejo,
nem sinto o ancioso beijo
do pallido Romeu!

Oh! se eu desperto na sombria arcada
á hora das visões,
quando os fantasmas, com seus alvos mantos
se agitam em cerradas legiões.
Bafejando-me a face profanada
com seu halito impuro,
se me arrastam (ó triste e horrenda sorte!)

para o vertice escuro
onde campeia a morte!
Se na dança infernal tambem volteio,
na dança que folga das trevas no seio.

Se quando romper a aurora
toda luz, toda alegria,
eu só na mente sombria
sinta apagar-se a razão!

(*Completamente desvairada*)

Estarei louca? Ah! foge, foge,
Romeu, que o gladio já vejo
chispar sinistro lampejo
sim... de Tybaldo na mão!

(*Recuando aterrada como se visse diante de si o espectro de Tybaldo*)

Ergue-se lento! o dedo descarnado
mostra o sangue inundando o peito seu!
Quer prostrar-te no tumulo ao seu lado!
Oh! não fulmines o meu bem-amado!
Teme, assassino, que te puna o ceu!

Solta um grito dilacerante, depois procura repellir as visões que a perseguem, passa a mão pela fronte, lança em torno de si um olhar desvairado, vê a taça, e levando-a aos labios com um sorriso)

Julieta bebe ao nosso amor, Romeu!

(*Cáe inanimada n'uma cadeira—Rompem os applausos. Todos felicitam Magdalena que se levantou risonha, menos Alberto que se conserva de parte, e Arthur, que se encostou agitadissimo á janella.*

Victoria

Oh! senhores! parece mesmo ao natural!

Mauricio

A mim apoquentou-me tanto, que até me cavou mais o estomago.

Victoria, vendo apparecer um criado ao fundo.

Pois o remedio está perto! Vamos ceiar.

Elisa, que abraçou Magdalena, voltando-se risonha para Alberto.

Snr. traductor, dê-me o seu braço. O' Arthur, dá o braço a Magdalena *(Sáem todos, sendo os ultimos a sair Elisa e Alberto que só desapparecem definitivamente no meio da falla de Arthur)*.

Magdalena, approximando-se um pouco espantada de Arthur, que pouco se afastou da janella.

O que tem?

Arthur, a meia voz, com paixão profunda e os olhos brilhantes de febre.

O que tenho? é que acabou de endoidecer-me! Juro que tenho procurado arrancar do coração este amor que me devora, mas não posso, não posso! E agora o prestigio da sua voz, do seu olhar, do seu gesto desvaira-me, entontece-me, fascina-me! *(Tomando-lhe as mãos com arrebatamento.)* Oh! o que me importa a sociedade, o dever, o céo ou o inferno, se se resume n'este amor a minha vida, o meu futuro, o meu quinhão do Paraizo?

Magdalena, procurando fugir-lhe com as mãos, olhando inquieta em torno de si. Com energia.

Está doido?

Arthur, com desvairamento, e beijando-lhe freneticamente as mãos.

Doido de amor por ti, doido porque não posso comprimir esta chamma que me escalda, que me abraza, que me devora o coração e a mente! Doido porque só vejo no mundo a tua doce imagem, Magdalena!

Magdalena, deveras assustada.

Cale-se! Não vê que se perde e me perde!

Arthur, com voz que se vae a pouco e pouco extinguindo com a respiração oppressa.

Perco-te sim!... perco-te, porque te estremeço e esvae-se-me a razão... perco-te, porque te amo loucamente... e sinto que me foge a vida!... perco-te, porque te adoro... e vou morrer a teus pés! (*Cáe desmaiado aos pés d'ella*).

Magdalena, aterrada e soltando um grito.

Jesus! Acudam-me!

SCENA XII

ARTHUR (desmaiado), MAGDALENA, ALBERTO E ELISA

Alberto, entrando precipitadamente.

O que é isto?

Elisa, correndo a Arthur com um grito dilacerante.

Arthur!

Alberto, com voz profundamente agitada, e os olhos scintillantes, desviando com força Magdalena que se debruça para Arthur.

Julieta! olhe que já caiu o panno!

Magdalena, com a voz e os olhos cheios de lagrimas.

Oh! mas não vê que elle morre?

Alberto, com energia, e repellindo.

Se morrer, morre á sombra das azas de um anjo!... O seu logar não é alli, peccadora! (*Magdalena esconde o rosto entre as mãos. Cáe o panno.*)

ACTO TERCEIRO

Outra sala. Porta e janella no fundo. Portas lateraes. Rica mobilia, tendo a sala o aspecto mais de uma ante-camara do que de uma sala, onde seja costume receber visitas, ou conviver.

SCENA I

MAGDALENA E GIACOMO

Magdalena, dando ordem—modo um pouco sombrio e preoccupado.

A carruagem escusa de vir postar-se ahi á porta, mas que esteja tudo na cocheira preparado de fórma que eu não espere um instante, logo que deseje sair.

Giacomo, que a ouve com respeito.

Si, signora contessa.

Magdalena

O Giacomo trate de arranjar as malas, e, logo

que as tiver promptas, vá pôl-as na carruagem. Eu não quero esperar.

Giacomo, com um modo plangente.

Dunque nos vamos, *signora contessa?*

Magdalena, distrahida.

Sim.

Giacomo

Che pena! *Si mangia si bene in questa* casa!... E *la* criada! *uma bella ragazza! Io gl'ensinavava* a *fare il macaroni ed altri coisitas! Ma che* progressos (*com fogo*) *nel macaroni nei rabioli* e *nell'amore!* (*Caindo em si*) *O diavolo.*

Magdalena, desabrida.

Vá fazer o que lhe eu digo, e veja se me deixa só!

Giacomo, curvando-se respeitosamente.

Ubbidisco. (*Sáe pela esquerda. Ao chegar á porta, e sem que Magdalena o veja, atira beijos para a porta da direita, dizendo á parte com um fundo suspiro*) *Ohimé! Amore é macaroni, addio!* (*quasi em recitativo*) *Ad...dio!* (*Sáe*).

SCENA II

MAGDALENA, só, agitada.

É indispensavel!... Quebremos por uma vez!... Eu não quero perder de todo a minha propria esti-

ma, e já estou quasi representando um papel infame!... (*Levando a mão ao coração*) Oh! mas que dôr profunda que eu sinto!... Quem me diria a mim?... (*Com um riso amargo*) Estes idyllios provincianos entontecem, segundo vejo... Respirar estes perfumes bucolicos é tão perigoso como dormir com flôres no quarto... (*Com resolução e passando a mão pela testa*) Vá, coragem!

SCENA III

MAGDALENA E ELISA

Elisa, entrando pelo fundo, de chapeu na cabeça e prompta para sair.

Bom! Sempre te resolves a acompanhar-nos?

Magdalena, sobresaltada.

Eu... Elisa! Não posso!

Elisa, espantada.

Ora essa! Ouvi agora mesmo o teu intendente mandar pôr a tua carruagem... Que é escusado; vais no carro comnosco.

Magdalena, embaraçada.

Mas... Elisinha, mandei pôr a carruagem... para me ir embora... Tu não te demoras de certo... e quando vieres, tenho de te fazer as minhas despedidas.

Elisa, magoada.

Não, não; lá com isso é que eu não transijo. Tem paciencia! Ires-te embora!... A serenidade com que ella m'o participa!... Creio que imaginava que eu lhe não punha impedimentos...

Magdalena

Mas, menina, eu não posso aqui ficar eternamente.

Elisa

D'isso é que eu me queixo... Mas, espere lá, vamos nós a rever as condições do contracto... Prometteste-me pelo menos quinze dias...

Magdalena

E os quinze dias já lá vão.

Elisa

Conforme a contagem fôr... Tres dias depois da tua chegada, meu primo adoeceu gravemente... Seguiu-se um periodo de angustias, de cuidados, de afflicções, que tu quizeste partilhar generosamente comnosco... Juntas velamos as longas noites de febre do meu pobre Arthur... Confundiste com as minhas as tuas lagrimas n'esses terriveis dois dias em que julguei de todo perdida a esperança... Boa e querida Magdalena! A amizade com que pagas o meu vivo affecto fez com que tivesses para esse homem que mal conhecias na vespera o carinho, a sollicitude de uma irmã!... As tuas finas mãos de artista, empregavam-se intrepidamente nos mais grosseiros trabalhos!... Foste a mais habil das enfermeiras, tu costumada unicamente a estudar as agitações do es-

pirito e as enfermidades da alma humana. *(Com alegria)* Mas decididamente a vocação artistica parece que tem por supplementar a vocação para irmã de caridade... No cerco de Paris a ambulancia do Theatro-Francez, que tinha por enfermeiras as *soubrettes* de Moliére, e as condessas de Alfredo de Musset era onde os feridos encontravam mais intelligentes desvelos e mais suave carinho... *(Graciosa e risonha)* Vês como eu estou insinuando que a tua habilidade não é excepcional entre as actrizes? A inveja, a negra inveja é que me faz fallar.

Magdalena, que a escutou de olhos baixos, visivelmente embaraçada, beijando-a para esconder a sua perturbação.

Querida Elisa!

Elisa

E não tenho razão? Se te parece! Vêr os meus cuidados desprezados pelo Arthur, que já não queria ouvir fallar senão na sua nova enfermeira! Os remedios apresentados pela tua branca mão bebiam-se com menos repugnancia, a tua voz era mais poderosa do que a minha para lhe acalmar o delirio... A tua voz!... Para tudo serve ser-se artista... Onde poderia eu encontrar as inflexões suaves com que tu como que lhe acariciavas e refrigeravas a fronte esbrazeada!... *(Com fingido amúo)* O que é certo é que estive quasi tendo ciumes de ti!

Magdalena, aterrada e perturbadissima.

Que dizes tu, Elisa? Ter ciumes de mim!

Elisa, desatando a rir.

Podéra! Nem o caso foi para menos... Mas já vês que todo esse tempo não se conta. Fazia tenção de passar comtigo quinze dias regalados, tenho em vez d'isso quinze dias de angustias e de tormentos, e queres que me dê por satisfeita? Pois não! Estes quinze dias foram consagrados ao Arthur, reclamo agora os meus. Tivemos quinze dias de hospital, quero tambem quinze dias de convento, do nosso velho e saudoso convento.

Magdalena, febril.

D'esse querido convento onde nasceu a nossa boa amizade. Oh! tu acreditas Elisa que é sincero o meu affecto? acreditas que não hesitaria diante dos mais penosos sacrificios para te mostrar a estima que te consagro? para me tornar digna da tua santa affeição?

Elisa, risonha.

Acredito! acredito!... Ai! mas decididamente parece que trocamos os genios. Tu estás toda séria e grave, eu alegre como um pintacilgo. Podéra! Vêr eu o Arthur que julguei perdido, salvo, convalescente, bom! Oh! esta minha alegria é sagrada. Não quero que m'a perturbem! Aqui não se falla em coisa alguma que me possa desgostar. Decreto o regosijo publico, e não torno obrigatorias as luminarias. Mas a snr.ª condessa Bracciolini queira considerar-se prisioneira n'este castello feudal, como a elegante Maria Stuart, cujo vulto de certo reproduziu em sce-

na; eu, como o joven Douglas, seu enamorado carcereiro, arrojo as chaves ao lago para que não haja forças humanas que possam d'aqui arrancar a minha gentil prisioneira.

Magdalena, com um pallido sorriso.

Louquinha!

SCENA IV

OS MESMOS e ALBERTO, que entra pelo fundo, como quem vem de passeiar.

Elisa, vendo Alberto.

Oh! chegou a proposito, meu padrinho!

Alberto

Ah! eu chego sempre a proposito. Nem a todos succede o mesmo. Ha gente que não sabe nem chegar a proposito, nem sair quando deve.

Elisa

Profundamente sentencioso!... O padrinho naturalmente não nos acompanha á nossa pobre romaria?

Alberto

Ó menina, se me dispensasses! Tenho de escrever para Lisboa uma correspondencia formidavel!

Elisa

E demais, na sua qualidade de espirito forte, ha-de desprezar profundamente estas puerilidades

devotas. Fazer uma promessa ao Christo da Lindosa para que elle me salve o meu pobre Arthur, acreditar na intervenção celeste, e ir cumprir o voto que me irrompeu do coração como um grito de supplica ao auxilio divino, no momento em que desesperava da sciencia humana, é infantil bem sei, e merece todos os desdens do seu austero positivismo.

Alberto

Oh! enganas-te, Elisa. Eu sempre respeitei os sentimentos sinceros. O que desprezo é tudo quanto é convencional, tudo quanto é ficticio, os romances mascarados e os amores de pechisbeque.

Elisa, fazendo uma mesura.

A minha humilde fé agradece extremamente a delicadeza com que é tratada... Está pois dispensado da romaria, tanto mais facilmente quanto vou incumbil-o, durante a minha ausencia, de uma alta missão.

Alberto

Diplomatica?

Elisa

Diplomatica. Imagine que a minha boa amiga Magdalena sentiu de repente o desejo ardentissimo de se ir embora. Veja se isto se atura. Como tenho de sair, encarrego o meu padrinho de desfazer com a sua logica de ferro todos os argumentos, sophismas e pretextos que a senhora condessa Bracciolini apresentar em linha de batalha.

Alberto

Mas menina, a senhora condessa póde ter motivos sérios que a obriguem a ir para sua casa. Oh! eu sou muito respeitador da liberdade individual.

Elisa

Ai! ai! tambem! Temos conflicto? Olhem que papel eu represento... Apenas estes dois aqui chegam tenho de lhes moderar a furia do epigramma, depois modero as insolencias de D. Ludovina, ha pouco estive moderando a mania viajante de Magdalena, e já precisam de ser moderados os sentimentos de meu padrinho! Venho então a ser o poder moderador? Pois bem! dissolvo as camaras e suspendo as garantias. Dispenso o meu padrinho de discutir com Magdalena, mas ordeno que fique de sentinella. (*Designando Magdalena*) Ha-de apresentar-m'a em eu voltando.

Magdalena

Mas...

Elisa

Mau que eu estou em dictadura (*para Alberto*) Responde-me por ella com a sua cabeça... Não admitto observações, e Deus vos tenha em sua santa guarda. (*Sáe pelo fundo. Logo depois reapparece, e diz mettendo a cabeça pela abertura da porta*) Agora vejam se a preza foge com o carcereiro. (*Sáe, rindo*).

SCENA V

ALBERTO E MAGDALENA

Alberto, approximando-se de Magdalena, apenas Elisa sáe.

Que nova comedia é esta?

Magdalena

Olhe, senhor Alberto de Magalhães, sinceramente não intervenha n'isto. As coisas vão seguindo talvez o melhor caminho, não me venha irritar com as suas provocações e com as suas insolencias. Ha angustias que o seu alto espirito não abrange; ha sentimentos que se não digna perceber. Pois bem! não venha tocar com mão imprudente em feridas que de certo...

Alberto

Ah! eu tenho seguido de longe as phases dos acontecimentos, tenho-os visto continuarem a desenrolar-se em torno do leito de Arthur... Francamente era só isto que faltava na sua vida, não é assim? um amor de irmã de caridade... Tem seus toques originaes de romance que devem escutar por força as imaginações mais embotadas... Um amante moribundo, e moribundo por nossa causa, não se encontra ahi a cada canto na existencia... É talvez até uma commoção nova... Percebo que a impressionasse.

Magdalena

O senhor Magalhães foi testemunha da minha vida, e abusa do conhecimento que tem d'ella. Eu tenho sido uma doida... Viu-me desfolhar a minha mocidade a todas as brisas impuras, viu-me passar de amor em amor com a despreoccupação que lhe inspira o sorriso de desprezo que eu lhe vejo fluctuar nos labios... Pois bem! posso dizer-lh'o agora, porque sei o que hei-de fazer... Este affecto que me entrou de subito no coração em nada se parece com essas ephemeras ligações... É um affecto santo, immenso que se apodera de todas as minhas faculdades... e, se ha amores que resgatam, é este amor um d'elles.

Alberto

Ah! a rehabilitação!... o affecto redemptor!... já o esperava!... Estou-o farejando ha immenso tempo!... Eu te saúdo, velho desenlace banal de todos os romances de peccadoras!... «Muito te será perdoado porque muito amaste»!... a Magdalena!... o loiro Christo... as lagrimas que lavam as mulheres... Quantas vezes vos tenho encontrado no meu caminho ha vinte annos, decrepitos logares communs!... O amor que rehabilita!... Nunca se inventou caminho mais suave do inferno ao paraizo!... Tomemos para typo a rahabilitação da Dama das Camelias... Margarida Gautier vae viver com um moço elegante de quem gosta, em vez de viver com um velho tropego que acha perfeitamente insupportavel... Eis o

philtro pouco amargoso com que Alexandre Dumas filho restituia a virtude ás peccadoras, emquanto, passando para o extremo opposto, se não deliberou a fulminal-as com o *Tue-la* da *Homme-Femme*.

Magdalena

No seu entender portanto, a mulher que uma vez peccou, nunca mais póde ter no coração um affecto verdadeiro e sincero? Para ella não ha perdão nem resgate! Condemnada fatalmente ao desprezo de todos e á censura da sua propria consciencia, nunca póde sentir a mão affectuosa de um homem apagar-lhe na fronte aviltada o estygma que a sociedade lhe estampou!

Alberto

Eu lhe digo: eu a esse respeito tenho umas idéas que me parecem justas. No meu entender, a virtude e o vicio são productos do temperamento de cada um. E'-se fatalmente virtuoso, como se é vicioso fatalmente. Era tão difficil á Elisa ser uma mulher dissoluta, como lhe é difficil, minha senhora, ser uma mulher... honesta. Esse amor que sente por Arthur e a que chama santo e puro, acudiu-lhe porque está fatigada dos amores vertiginosos, da mesma fórma que no fim de uma orgia se applica um copo d'agua. Os temperamentos mais ardentes reclamam ás vezes estes amores bucolicos, assim como o organismo de quem abusa das ceias pede de vez em quando aguas ferreas.

Magdalena

Eu estou costumada ha muito tempo á sua rude franqueza; confesso, porém, que nunca o vi tão insolente como hoje. Oh! eu agradeço-lh'o! E' uma lição severa! O snr. Magalhães, devo prestar-lhe essa homenagem, nunca me fez a côrte, mas fez a côrte a outras, e disse-lhes provavelmente o mesmo que os outros me diziam a mim. Ah! pois n'esse momento critico da vida, em que a mulher tem de escolher entre a senda da virtude que se lhe offerece aspera e ingrata, e o caminho do vicio que se lhe mostra juncado de flores, não ha um homem só que nos diga as palavras crueis com que o snr. Magalhães agora me fulmina. Então sôam-nos pelo contrario aos ouvidos quantas frases fascinadoras se podem encontrar nos diccionarios dos romances. Então, prostrados aos nossos pés, dizem-nos que os doces peccados de amor são peccados que Deus perdôa, dizem-nos que obedeçamos á lei divina que nos manda que amemos, que a missão da mulher na terra, é consolar e amar. E se os repellimos, se desviamos a cabeça, chamam-nos crueis, mulheres de marmore, accusam-nos de os vermos morrer a nossos pés, e de respondermos á linguagem ardente da paixão, com a frieza das calculadoras. Então, se fascinadas, entontecidas, porque tambem somos frageis, porque se nos exalta a imaginação, porque nos deixamos deslumbrar pelos prestigios da poesia, lhes caímos nos braços, para rolarmos de

desengano em desengano, porque tudo era mentira, porque tudo era silencio, porque tudo era traição; se ao fundo do abysmo, onde cahimos cheias de fadiga e tedio, chega um raio de luz do ceu, se um homem leal nos estende a mão, não para nos desgraçar, mas para nos salvar, se aspiramos para elle com tudo o que ha santo, puro e bom no nosso coração, vem os outros, os que nos perderam, e bradam: Ah! que torpe romance é este? Pois julgaes que a honestidade se recupera quando uma vez se perdeu! Julgaes que d'esse abysmo ha alguem que se levante? Quem vos impelliu para ahi? Foi o vosso temperamento, foi a vossa indole, foi a fatalidade do vicio. E julgaes que a lama se póde transformar em perola? que para os anjos caidos póde haver luz de redempção? Ah! ah! Caistes! Tanto peior! Ficae no fundo d'esse inferno, precitas, condemnadas, aviltadas, eternamente infames!... (*Com um grito de colera e apontando para Alberto com energia.*) Ah! mentira, que os infames sois vós!

Alberto, secco e rispido.

Defendessem-se!

Magdalena, com um repellão de colera.

Defendessem-se!... (*Reprimindo-se e com ironia profundamente amarga*) E o temperamento? Já lhe esqueceu o temperamento! Ah! como este mundo é justo e bom!... Um homem e uma mulher encontram-se na flôr da existencia... ambos cheios de ardor, ambos com um temperamento de fogo, ambos

susceptiveis de grandes paixões!... Encontram-se, amam-se, commettem uma loucura... Ella perdeu-se para sempre... elle entrou na vida; ella vestiu a tunica das dissolutas... elle envergou a toga viril. Depois seguem ávante, e pelo mesmo caminho desce a mulher para o prostibulo, sobe o homem para o templo da familia... Ella é repellida por todos os que tem pundonor, elle... vai encostar a fronte fatigada ao seio puro de uma castissima menina, porque ella é uma mulher devassa... elle... um homem experiente. Depois um dia elle passa a pae de familia, dando o braço a sua esposa, cercado dos seus filhos, tendo na fronte essa aureola de conquistador que fica bem a um homem na força da vida... e se ella, a desgraçada, crava no homem que a perdeu e que a não vê agora, um longo e angustioso olhar... os que passam na rua exclamam: Impudente!... *(com um riso sarcastico)* Ah! ah! ah!... a impudente é ella!... oh! justiça social como eu te venero!... como eu me curvo diante de ti, e diante do snr. Alberto de Magalhães, seu digno representante!

Alberto, irritado.

Declame livremente contra a sociedade! Construa theorias! Defenda paradoxos! Mas não venha escolher para campo de experiencia das suas reconstrucções sociaes a casa de uma menina que não sabe o que são essas torpezas nem essas redempções! Prohibo-lhe que venha ensinar aos echos d'esta casa, apenas costumados a repetirem as orações da inno-

cencia, esses velhos sophismas do peccado... prohibo-lh'o, entende?

SCENA VI

OS MESMOS, ARTHUR

Arthur, entrando pela esquerda, e interpondo-se a Alberto que avançou para esse lado á medida que ia fallando, e a Magdalena que foi recuando diante d'elle.

O que é que o senhor Alberto de Magalhães prohibe a esta senhora?

Alberto, com surda irritação.

Ah! temos scena?... E com que direito é que o senhor Arthur de Noronha, já que é necessario que assim nos tratemos, intervem na nossa conversação? Transformou-se por acaso, depois da sua convalescença, em D. Quixote que anda pelo mundo defendendo as damas perseguidas? Resurgiram os doze de Inglaterra, e tenho diante de mim o espectro de Magriço?

Arthur, muito pallido, mas firme.

Podia responder-lhe que intervenho com o direito que tem todo o homem de não consentir que em sua casa seja insultada uma senhora... Invoquei porém um direito mais elevado, porque esta senhora, se me quizer fazer essa honra, é minha mulher!

Magdalena, com um grito de espanto.

Arthur!

Alberto, quasi suffocado.

Que dizes!... Tu queres casar... com ella?

Arthur, avançando, ameaçador, para elle.

Cuidado, Alberto, cuidado!

Alberto, cruzando os braços.

Vá! cruzemos os olhares irritados, e vamos lá embaixo tambem cruzar depois as espadas. Derramemos o nosso sangue por esta causa! E' só isso o que falta, para ser completo o drama. Representemos... e v. ex.ª applauda, minha senhora!

Arthur, desvairado.

Alberto, peço-te que saias d'aqui... Eu estou com a cabeça perdida...

Alberto

Saio, sim, socega. Não quero perturbar o teu romance, Armand Duval, Mauricio Feder, rehabilitador ingenuo!... Vá, casa, que dás um grande exemplo ao mundo! Mostra-lhe bem que n'este seculo corrompido, n'este seculo das Princezas Jorge e das Mulheres de Claudio, já a tunica solta das Aspasias é preferida ás brancas vestes da innocencia! Mostra-lhe bem que a pureza de uma mulher, esse inestimavel dom, já nada vale para nós junto da experiencia das Venus impudicas! Acceita a beneficio de inventario, a herança dos teus predecessores! Annexa um *faux ménage* ao bairro matrimonial! Repelle, esmaga, vilipendia, com o teu insolente casamento,

os direitos da candura sem macula, e da virtude sem nodoa. Só quero para teu castigo, só quero para vingança d'Elisa, a prosa que ha-de sobreviver a essa poesia imbecil, a escoria que ha-de ficar d'esses fogos impuros. Adeus! (*Sáe arrebatadamente*).

SCENA VII

ARTHUR E MAGDALENA

Arthur, levando as mãos á cabeça.

Oh! maldito!

Magdalena, approximando-se d'elle brandamente

Antes de me affastar d'aqui para sempre, deixe-me agradecer-lhe, com todas as veras da minha alma, a sua generosa protecção. Creia que á dôr d'estes insultos sobreleva em mim o jubilo infinito de vêr que um homem, de alma tão nobre e pura, me julgou digna ainda de me estender a sua mão de esposo.

Arthur, voltando-se para ella com anciedade.

Oh! mas tudo quanto aquelle homem diz é mentira, não é assim? Aquelle homem calumnia-a?

Magdalena, com esforço, mas com resolução.

Tudo quanto aquelle homem diz... é verdade!

Arthur, escondendo o rosto com as mãos.

Oh! meu Deus! meu Deus!

Magdalena

Comprehendo e aprecio as hesitações do seu espirito. Arthur, não tem no seu passado um remorso, não tem no seu presente uma nuvem; tem direito a entrar na existencia de fronte erguida, dando o braço a uma menina santa... santa como as não ha na terra. Vá! Siga o seu caminho que é bem diverso do meu. Não ceda ao generoso impulso que o levou a estender-me o braço... Bem vê que não posso firmar-me n'elle, porque tambem tenho o meu pobre orgulho, e não quero que um dia me peça contas dos sorrisos que nos acolherem, dos motejos que nos fulminarem.

Arthur

Oh! quanto me faz padecer!

Magdalena, exaltando-se a pouco e pouco.

E cuida que não padeço tambem? Cuida que estas palavras não me queimam o coração e os labios? Cuida que não acariciei este sonho, que estou despedaçando com as minhas proprias mãos? Ah! meu pobre Arthur, não fomos nós que fizemos o mundo! A sua lei é má, é egoista, é implacavel! oh! mas tem o nome pomposo de dever! mas sem a sua sancção não ha familia possivel. Devemos pautar as nossas acções por essa regra estreita! Sair fóra d'ella é cair, bem sabe, no romance torpe e na *poesia imbecil*. Eu pertenço á classe das proscriptas, d'aquellas contra quem é licita a injuria e louvavel o sarcasmo!

Não se chegue para mim, Arthur, que é contagioso este infortunio!

Arthur, tomando-a nos braços com delirio.

Mas que me importa a sociedade se eu aspiro a viver longe d'ella? Que me importa que me condemnem os homens, se me absolve Deus? Magdalena, tu não podes ser uma d'essas mulheres fataes! Se o fosses, não permittiria a Providencia que me inspirasses tão louca paixão. Mas, santa, ou peccadora, desgraçada ou má, o meu destino é amar-te! Dizes que nos repellem os motejos das cidades, mas temos a solidão que povoaremos com o nosso affecto! Eu quero viver só para ti, entendes? Eu quero ter no teu olhar o céo, no teu amor o mundo.

Magdalena, agitadissima.

Não seja louco!... Bem sabe que ha entre nós mais do que os desdens da sociedade, ha um dever... e esse bem sagrado e bem nobre, ha um vulto... e um d'estes vultos tão candidos que é uma infamia enganal-os... é o vulto de Elisa.

Arthur, com intimativa.

Mas Elisa é minha irmã! mas Elisa só quer a minha ventura... e eu não posso ser feliz com ella! Enganal-a! Enganava-a, sim, se a levasse aos pés do altar, tendo no coração a imagem de outra mulher!

Magdalena

Arthur! tenha dó de mim! Eu estou prostrada por todas estas commoções! Sinto-me sem vontade, sem energia, sem força para resistir ao que se me entre-

figura um sophisma! Por piedade, Arthur, deixe-me partir.

Arthur

Parta livremente, mas parta com a certeza de que não fez a felicidade de Elisa, e de que fez a minha eterna desgraça, de que lavrou a minha sentença de morte. Dizem que não se morre de amor; pois sim! morre-se de desalento, de fadiga e de saudade!

Magdalena, profundamente agitada, á parte.

Meu Deus! Bem vêdes que eu não posso (*Alto*) Arthur, oiça-me! E' este um momento solemne. Vou partir. Fique. Reflicta bem, pense maduramente, estude-se a si mesmo. Se este amor que diz sentir fôr apenas uma exaltação passageira, um accesso de romantismo, um capricho sensual, esqueça-me sem remorso, e creia que agradecerei ao céo o ter-lhe restituido o socego (*Com a voz cheia de lagrimas*) creia que hei-de conservar sempre, em quanto viver, e queira Deus que não seja muito, a lembrança e a saudade vivissima do seu nome e do seu affecto. Se este amor fôr porém, como assevera, um d'estes amores que não temem affrontar as conveniencias sociaes, que apagam todos os outros sentimentos, que enchem, dominam, devastam a vida inteira...sabe para onde eu ia quando entrei n'esta casa, é para onde vou agora. Lá o espero. Bem sei que me hão-de chamar ingrata, que me hão-de accusar de ter abusado da hospitalidade que me deram, de ter atraiçoado uma amiga que tão benevola foi comigo.

Que importa? E' mais uma humilhação; bem vê que não m'as poupam! Se d'isso depender a sua felicidade, não hesite, e eu virei depois, de joelhos, de rastos, pedir perdão ao anjo que involuntariamente offendi. (*Com a voz afogada em lagrimas*) Silencio! não me agite mais, que eu estou quasi doida! Arthur, talvez o que lhe vou dizer seja a ultima palavra que lhe dirijo n'este mundo. Deixe-me arrancal-a bem do fundo do coração. Arthur, sejam quaes fôrem os seus sentimentos por mim, ephemeros, ou eternos, creia que o amo, como nunca amei! (*Arranca-se dos braços d'elle sem lhe consentir que falle, e sáe soluçante e desvairada.*)

SCENA VIII

ARTHUR, *só*. Depois de um momento de silencio.

Entrou a tempestade na minha vida. Vamos!... (*Passeiando agitado*) Que lucta que tenho de sustentar!... Ah! estes dilaceramentos de familia estão-me angustiando já!... Mas porque hesito? Não sei eu que esta paixão se apoderou de mim com as garras da fatalidade?... Então o que espero?... (*Com resolução*) Escrevo depois a minha mãe e assim evito o primeiro embate!... Nada! parto já! que eu não posso estar aqui mais tempo.

SCENA IX

ALBERTO, depois GIACOMO

Alberto, entrando precipitadamente.

Oh! Não está cá o Arthur!... Eu vi descer Magdalena... (*Chegando á janella*) Parecera-me ouvir o rodar de uma carruagem.

Giacomo, entrando pela esquerda, com duas malas nas mãos, com o chapeu caido para traz, e fallando para dentro.

La signora contessa è *partita! Ed io, e la* mala?

Alberto, voltando-se com espanto.

Que é isso?

Giacomo

La signora contessa me *ha lasciato qui* ainda com *due* malas! Como hei-de ir *per la* quinta?

Alberto, espantado e suspeitoso.

Oh! isso é estranho!

Giacomo

Estranho! *si! Io, fido servitore, ho traversato tutta la* Europa com *la* mala *in mano!* E se esquecem *da me* agora! *Ingratitudine!*

Alberto, chegando á janella.

Oh! (*debruçando-se para fóra com explosão*) O que! o Arthur monta a cavallo! parte a galope (*Vol-*

tando para dentro) Ah! maldita! que o arrastou comsigo!

Giacomo

Ma que hei-de *facere*?

Alberto

Eu sei lá! Vá para o demonio!

Giacomo, saindo pela direita aterrado.

Signor Dio! Oggi tutti son pazzi in questa casa!

Alberto, agitadissimo.

Mas isto não se ha-de passar assim (*Gritando da janella*) Francisco, apparelha-me um cavallo, depressa!

SCENA X

ALBERTO E ELISA

Elisa, entrando alegremente pelo fundo.

Que é isso? Que agitação é essa, meu padrinho?

Alberto

Ah! és tu que voltas? Ainda bem!

Elisa, risonha.

Porque? Suppunha que eu ficava na igreja?... Onde está Magdalena?

Alberto, com força.

Magdalena! Queres saber onde está Magdalena? Partiu com o teu noivo.

Elisa, tranquillamente.

Com o Arthur? Para onde?

Alberto

Digo-te que essa mulher, de quem eras tão extremosa amiga, que essa mulher, que sempre defendeste contra todos, fugiu, roubando-te o teu noivo, entendes?

Elisa, anciada já, mas com um meio-riso forçado, passando a mão pela testa.

Meu Deus... não sei o que tenho na cabeça... mas... não percebo.

Alberto

Ha-de custar-te a comprehender, a ti que não sabes que vida tormentosa e devassa foi a d'essa mulher! que não imaginas que houvesse tão maus instinctos n'essa alma corrompida que não se abstivesse aqui mesmo de exercer as suas seducções e de arrastar comsigo, fascinado, doido, o noivo da sua amiga.

Elisa, com energia.

Oh! Impossivel!

Alberto

Olha para mim! Juro-te que daria o meu sangue para que fosse falso o que eu digo, juro-te que daria a minha vida para te poupar este desengano cruel.

Elisa, com um grande grito.

Ah!... Mas como succedem estas coisas na vida sem que haja presentimentos?... Ha poucos instantes ainda estava eu na egreja, alegre, risonha, agra-

decendo a Deus o ter-me restituido o meu noivo... E nas minhas orações com o nome d'elle confundia-se o nome d'ella!... Se eram os meus dois affectos mais queridos, as duas metades do meu coração!... E traíram-me!... traíram-me!... Ah! é porque eu sou má!... O Arthur, bem sabe, foi sempre tão bom! E ella! se soubesse que coração de anjo alli está! Perdeu-se ao contacto da sociedade? Pobre menina! E eu era tão amiga d'elles, e elles não! Veja se ha infortunio maior! Ter o coração a trasbordar de affecto, e não saber conquistar as affeições dos outros! E' porque ha alguma coisa em mim que repelle as sympathias! E Deus bem sabia que eu era assim, que logo me roubou em criança meu pae e minha mãe! Nem quiz que eu tivesse esses carinhos, que a todos são concedidos na terra! (*Escondendo o rosto nas mãos*) Oh! mas que fiz eu para ser assim castigada?

Alberto

Filha, tu que nem sabes que existe o mal!

Elisa, com certo desvairamento.

Mas, meu padrinho, este amor era a minha esperança, a minha vida, o meu futuro! Olhe! N'estas longas noites de inverno, quando elle, sentado ao serão, nos lia algum livro, eu, ao ouvir a sua voz tão pura, ao contemplar o seu olhar tão limpido, dizia commigo: Vês? Não tens pae nem mãe, mas tens o affecto de um coração generoso e immaculado, que

vive só para ti! E sentia um jubilo infinito, e dava graças á Providencia que não abandonára a orphã desamparada! (*Conchegando-se a Alberto*). Ah! mas agora é que eu sinto o frio da orphandade! Meu querido padrinho, é meu amigo, sim? Aqueça-me, conchegue-me ao coração que eu fiquei só no mundo!

Alberto

Ah! criança! julguei que não sabia chorar!... (*com energia*) Mas não quero! Ah! pois n'este eterno e perseverante combate do bem e do mal, ha-de ficar sempre triumphante o vicio, porque é insolente e audacioso, emquanto a virtude se liga com a resignação e o sacrificio? Não ha-de ser assim agora! Ergue a tua nobre cabeça, filha. Magdalena visitou-te, vamos pagar-lhe a visita! Quero vêr ao menos com que rosto impudente ella ousa affrontar o teu olhar sem nuvens!

Elisa

Ah! meu padrinho! O meu coração tambem tem a sua altivez! Não corro atraz dos noivos que me fogem.

Alberto

Nem eu te fallo em ti que te sacrificas sempre; respeito o teu santo orgulho, mas ha considerações mais sagradas a que tens de o subordinar! Pois a mãe do teu noivo, essa pobre velhinha que não via senão o filho no mundo, ao saber-se abandonada, e

por tal motivo, julgas que poderá sobreviver a esse golpe terrivel?

Elisa

A minha pobre tia!... Tinha-me esquecido d'ella! Veja como sou egoista... Ah! mas tem razão! E' indispensavel que o Arthur volte... E' necessario que Magdalena lh'o aconselhe. A pobre senhora pouco poderá viver! Que esperem ou que a levem a consentir no seu enlace! Meu padrinho! é indispensavel que eu vá? Pois bem, disponha de mim!

Alberto

Vamos, filha! Coragem! Deus é por nós!

Elisa, dá um passo para a porta, depois pára, suffocada, hesita, e caindo de joelhos, ergue as mãos ao ceu. Harmonia na orchestra, até cair o panno.

Minha mãe! tu cuja doce imagem, vestida de negro, eu vi em criança a debruçar-se sobre o meu berço, tu, cujas lagrimas de viuva, caindo na minha fronte, como que lhe imprimiram para sempre o sello da melancholia! tu, que foste martyr na terra, e que és hoje santa no céu! Pede a Deus que me dê forças n'este angustioso trance, pede-lhe que purifique o meu coração de todo o pensamento de egoismo, agora que vou cumprir esta missão sagrada! Minha mãe, dizem que o affecto maternal é tão santo e immenso, que até no Paraizo, até sentadas á direita de Deus, as mães têm saudades dos filhos que deixaram na terra, padecem com as suas dôres, choram

com as suas lagrimas! Oh! minha mãe, se tens saudades da tua pobre filha, se as minhas dôres te affligem, se as minhas lagrimas turvam a tua felicidade immortal, ó minha mãe chama-me para junto de ti, que eu sou muito desgraçada. (*Levanta-se, e emquanto desce o panno, cáe nos braços de Alberto que a aperta commovido ao peito. Cáe o panno.*)

ACTO QUARTO

Uma sala decente mas modesta, de estalagem provinciana. Mobilia antiga. Meza á esquerda e cadeiras. Um cordão de campainha. Porta ao fundo. Portas lateraes numeradas.

SCENA I

MAGDALENA E JOANNA

Joanna, vestida como criada de estalagem provinciana, seguindo Magdalena.

Então a senhora quer que se lhe mande fazer jantar?

Magdalena, sombria, tirando o chapeu, descalçando as luvas, etc.

Não é necessario. Ha por ahi quem saiba onde é a quinta da snr.ª D. Victoria de Noronha?

Joanna

A quinta das Oliveiras? Todos lá iamos com os olhos fechados.

Magdalena

Preciso de alguem que leve lá uma carta.

Joanna

Para isso está bom o Zé dos Borregos, que tem pernas de lebre.

Magdalena

Não, não! Eu estou com pressa. Quem fôr que vá a cavallo. Não ha cavallos na estalagem?

Joanna

Isso ha sim, minha senhora, mas...

Magdalena

Eu pago. Tinta e papel, tem?

Joanna, chegando-se a uma mesa, e abrindo uma gaveta onde ha um tinteiro coberto de pó, algumas folhas de papel, e penna de pato.

Ha aqui, minha senhora... Isto por cá pouco serve, que os hospedes não teem grandes correspondencias. Se a senhora quer, deita-se um pouco de vinagre no tinteiro, que a tinta está mesmo no fundo.

Magdalena, approximando-se da mesa.

Não é preciso. Deixe-me.

Joanna, saindo, áparte.

É bonita, mas muito soberba.

SCENA II

MAGDALENA, só. Preparando-se para escrever.

Com a precipitação da minha saida, nem me lembrei do Giacomo. Preciso de lhe mandar dizer que venha ter commigo o mais depressa possivel... (*Momento de silencio, durante o qual escreve algumas linhas. Parando com um estremecimento subito*)... O que se terá passado por lá?... É indispensavel que eu escreva á Elisa!... Mas que lhe hei-de dizer?... Nem sei... Meu Deus! que situação a minha!

SCENA III

MAGDALENA E JOANNA

Magdalena, vendo entrar Joanna precipitadamente.

O que é? Eu chamei-a?

Joanna

Não, minha senhora, queira desculpar. Mas é que está alli a menina das Oliveiras...

Magdalena

Quem é a menina das Oliveiras?

Joanna

A menina Elisinha, a sobrinha da snr.ª D. Victoria.

Magdalena, com um grito.

Elisa!

Joanna

Sim, minha senhora. Como viu a sua carruagem á porta, perguntou se a senhora cá estava, e, como ella deu todos os signaes, e eu sabia que a senhora estava a escrever para a quinta, disse-lhe que sim. E então ella diz que lhe queria fallar.

Magdalena, á parte.

Meu Deus! (*Alto*) Quem a acompanha?

Joanna

É o padrinho, o snr. Albertinho da quinta das Palmas, um senhor muito engraçado. Mas não subiu. Ficou lá em baixo a passeiar diante da porta.

Magdalena, á parte.

Oh! Deus do céo, que scena irei eu ter? (*Alto*) Bem! diga á snr.ª D. Elisa que entre.

Joanna, abrindo a porta e fallando para fóra.

Ó menina Elisinha faz favor de entrar. (*Elisa entra e pára no limiar da porta, que Joanna fecha quando sáe. Elisa vem extremamente pallida, tem os olhos baixos, e toda a sua attitude revela um embaraço penoso*).

SCENA IV

MAGDALENA E ELISA

Magdalena, com um mixto de duvida, de affecto e de terror, e dando um passo para a sua amiga.

Elisa!

Elisa, sempre de olhos baixos e com uma frieza apparente, que encobre uma grande commoção, e arrancando a custo as palavras dos labios.

Minha senhora... Sei que o meu procedimento póde ser taxado de inconveniente... sei que não é conforme com as regras sociaes... nem talvez mesmo com os dictames da dignidade feminina... Encontro-me porém n'uma situação por tal fórma excepcional, que julgo me desculpará o procurar ter com... (*fazendo um esforço violento*) com v. exc.ª... uma conversação suprema.

Magdalena, que curvou a cabeça, apenas percebeu o tom de Elisa, com voz submissa e grave.

Oiço-a... respeitosamente, minha senhora!

Elisa, sempre com muito custo.

Creio que percebe de certo que eu já sei que meu primo saiu de casa... para acompanhar a v. exc.ª

Magdalena, com sincero espanto.

A mim? (*Áparte, comprehendendo de relance*) Ah! percebo! seguiu-me!

Elisa, levantando a cabeça com um triste sorriso.

Pois quer negal-o?

Magdalena, brandamente.

Não, minha senhora. Rogo-lhe que continue.

Elisa, com espontaneidade.

Comprehende que eu não venho censurar o seu procedimento, nem fazer-lhe a mais leve recriminação... Meu primo esqueceu-se porém que na casa que abandonára, ficava uma triste velhinha, que nada sabe ainda, e a quem é forçoso que evitemos um golpe que lhe póde ser fatal... Desculpe, minha senhora, mas a sua situação e a situação de meu primo precisam de ser regularisadas. É necessario que elle se esforce por obter para este enlace o consentimento de sua mãe. *(Como que pretendendo desfazer quaesquer supposições)* Oh! ha-de obtêl-o, descance. Empenharei eu n'isso todas as minhas forças.

Magdalena, irreflectidamente, n'um movimento de admirativo espanto.

Tu, Elisa?!... (*Caindo em si*) Oh! perdão!

Elisa, com explosão.

Ah! eu é que não posso tambem ter mais tempo no rosto esta mascara que me queima! (*Com intimativa*) Ah! Magdalena! Tu foste uma ingrata.

Magdalena, com supplica.

Elisa!

Elisa

Porque te occultaste de mim? Porque desconfiaste do meu affecto? Pois suppunhas que eu me levantaria, como um obstaculo, entre dois entes que se estremeciam! Pois julgavas-me tão má que pretendesse ligar a mim por laços indissoluveis um homem que me não amava! (*Com a voz cheia de lagrimas*) Ah! eu é que o amo ainda muito! Mas por isso mesmo que o amo é que não quero impedir a sua ventura. Pois se, quando elle estava moribundo, tantas vezes pedi a Deus no silencio da minha alma que levasse a minha vida em troca da sua, como não havia eu de querer agora, ainda que se me dilacerasse o coração, que elle fosse feliz com outra, já que não podia ser feliz comigo!

Magdalena, com uma admiração profunda.

Oh! anjo de bondade!

Elisa, com uma explosão de dôr.

Ah! não sou, não! que os anjos não padecem, e eu padeço muito. Suppôr eu por tanto tempo que era necessaria á sua ventura, que era só a minha imagem que lhe povoava o coração... e não era! O seu coração não despertára ainda, que eu não soubera acordal-o! Se eu era uma pobre menina, sem attractivos, sem esses dotes que enlevam e fascinam os homens! Eu não sabia senão amal-o! Mais nada! mais nada!

Magdalena, profundamente impressionada, e com subita resolução.

Enganas-te, Elisa! E' impossivel que elle te não ame! Isto é uma fascinação que passa... Eu é que não posso acceitar o teu generoso sacrificio! (*Com energia*) Eu é que não quero abusar da tua candura! Elisa, tu vês-me ainda atravez do prisma do convento... Não sabes que desgraçada tens diante de ti...

Elisa, estendendo a mão para ella com um gesto de suprema bondade.

Sei... cala-te. (*Olhando com tristeza para Magdalena, que, chorando, escondeu o rosto nas mãos*) E julgavas que essa revelação mudaria os meus sentimentos? Pobre Magdalena! Quando tu mais precisas de carinho e de indulgencia é que eu havia de ser cruel comtigo! E com que direito?... Tu entraste no mundo, sósinha, sem amparo, exposta ás mil insidias sociaes... Luctaste, combateste... prostrou-te o anjo do mal!... E eu que tenho estado longe d'essas luctas e d'essas agitações, eu que nunca tive de combater, eu que vivi sempre no placido retiro de uma casa honesta e boa, havia de repellir-te despiedosamente, quando tu voltas para junto de mim, vencida, ferida no combate da existencia!! Oh! não!... Tu choras, Magdalena? Nunca a perversão entrou bem fundo na tua alma! Tu amas, Magdalena? Amas sim, e com um amor bem forte e bem poderoso, que, se tal não fosse, tu não eras capaz de trair-me! (*Levantando Magdalena que vai a ajoelhar diante*

d'ella) Ergue-te, filha! Sou mais nova que tu, e como que te consagro um affecto de mãe! Que eu tive sempre em mim um não sei que de maternal! E parece-me que as mães, ao contemplarem seus filhos já homens, pervertidos muitas vezes, criminosos até, hão-de vêr sempre n'elles as loiras crianças que tinham outr'ora embalado no collo. Eu, por mais que queira, não posso vêr nunca em ti senão a minha boa amiga do convento, um pouco mais pallida, um pouco mais triste agora, mas por isso mesmo tenho não sei que estranha consolação em apertar-te nos braços, e em dizer-te: Sentes-te infeliz? Chora sobre o meu peito! Queres o meu perdão? Oh! perdôo-te devéras! Amas e és amada? Sentes esse amor vehemente que resgata bastantes erros? Pois sê feliz sem remorsos, que eu bem sei que és boa! E olha, aos que mais sevéros te insultarem, responde: Cahi, perdi-me, mas tive as duas joias mais luminosas da corôa da mulher: tive a bondade e o amor!

Magdalena, que encostou a cabeça, chorando, no hombro de Elisa.

Oh! meu Deus! mas que fatalidade me impelliu a magoar-te?

Elisa, acariciadora.

Não magoaste, não! Se eu tenho a convicção que o Arthur ha-de ser feliz comtigo, que tu has-de amal-o muito. E deixa-me dizer-te: Elle é um rapaz fragil, nervoso, doente! Qualquer grande commoção póde matal-o... Poupa-lhe essas commoções... Tra-

ta-o sempre com muito carinho, sê para elle um pouco esposa e irmã. Olha, eu não queria entristecer-te, mas sinto que não hei-de viver muito. É de organisação, é quasi hereditario... Já minha mãe morreu nova, e meu pae tambem! (*Com a voz affogada em pranto*) E sei que, quando eu não existir, hão-de pensar muito em mim, e tu, quando tiveres a consciencia de que poupaste a Arthur algum dos attritos da estrada da vida, has-de dizer comtigo: A alma da minha boa amiga está-me abençoando do céo. E estou! (*Rebentando-lhe o pranto que já não póde suster*) Ah! não posso! Adeus, Magdalena, adeus! (*Soltando-se dos braços de Magdalena, que procura retel-a, dirige-se para a porta*).

Magdalena, estendendo para ella os braços supplicantes.

Elisa, escuta-me!

Elisa, parando no limiar da porta, com um gesto supremo.

Não! cala-te! Adeus! Sê boa! Adeus! (*Sáe rapidamente*).

SCENA V

MAGDALENA, só. Deixa-se cair soluçando n'uma cadeira, depois descobre o rosto, passa a mão pela testa, franzida n'uma meditação dolorosa, e depois de um momento de silencio, em que se lhe lê na physionomia a formação da resolução que vae tomar, levanta-se exclamando com força

Impossivel!... (*Em voz baixa por entre os dentes cerrados*) Sou uma infame!... Com que direito vim eu perturbar a tranquillidade d'esta menina? Com o direito da paixão? (*Com profunda energia*) Pois comprime-a, esmaga-a, arranca-a do peito que é esse o teu dever! (*Estremecendo, contraindo-se toda, e fazendo da voz um murmurio, como se tremesse diante da idéa que evocou*) O dever! palavra sagrada que tenho desconhecido sempre, e que me apparece agora, terrivel porque é indulgente, imperiosa porque é santa!... (*Com um meio riso sarcastico*) Ah! custa-te o sacrificio? (*Com força concentrada*) Pois padece e cala-te... e segue ávante na estrada da vida, sósinha, proscripta da familia, que é esse o teu destino, o teu supplicio, a tua condemnação eterna!... (*Suspendendo-se de subito*) Sim... eu tomei este accordo... hei-de cumpril-o; mas elle?... Está cego de paixão!... Como hei-de eu persuadil-o?... Ouvirá elle os meus conselhos?... Poderei eu mesma resistir ás suas supplicas?... Matar-lhe este amor?...

Mas como? (*Com ironia amarga*) Como? Mostrando-me desprezivel aos seus olhos, que n'aquella alma o amor não póde sobreviver ao desprezo... (*Com uma explosão de chôro*) Mas então hei-de perdel-o para sempre, e nem ao menos ficará de mim no seu coração uma lembrança suave!... (*Com tristeza profunda, depois de uma pausa entre-cortada pelos seus soluços*) Assim, por mais que faças, peccadora, o mundo moral, que é para ti um paraizo, o mundo da familia, dos santos affectos, da estima dos homens, é-te defezo para sempre!... Á sua porta está um anjo com a espada de fogo a repellir-te... E esse anjo quem é? (*Com voz que mal se ouve*) É a consciencia!... (*Com uma explosão de desespero, e erguendo-se com relampagos a fusilarem-lhe nos olhos*) Mas porque? O que tenho eu de menos que as outras! Não tenho, como ellas, coração? Não tenho, mais do que ellas, a intelligencia que domina, o talento que subjuga! Aonde eu quiz ir, cheguei! Diante da minha vontade desfizeram-se todos os obstaculos! Passei atravez do mundo, rodeiada de applausos, de ovações, vendo todos a meus pés a mendigarem-me um olhar, um sorriso, um gesto, a juncarem-me de flôres a estrada... Se eu pronunciar uma palavra abrem-se de par em par diante de mim as portas dos salões... (*Pausa, curvando a cabeça, e meneando-a tristemente, com um sorriso humido de lagrimas*) Sim! mas ha uma coisa no mundo que se não conquista, é a estima! a estima que obtém, sem

a pedir, qualquer pobre camponeza, que ahi passa cantando na estrada, e que se entrega pura e sem macula ao homem que a desposar! o que se não conquista é o nobre orgulho das consciencias illibadas! (*Com energia dolorosa*) Ah! constella a tua fronte de diamantes, entrega-a aos beijos de fogo de um homem que te ame, que has-de sentir sempre n'ella o estygma que se não apaga, nunca, nunca, nunca!

SCENA VI

MAGDALENA E JOANNA

Joanna

Minha senhora!

Magdalena, erguendo-se da cadeira em que se deixou cair sentada, com uma irritação desvairada.

O que é? Quem a mandou entrar?

Joanna

Perdão, minha senhora, mas o snr. Arthur de Noronha quer por força fallar-lhe...

Magdalena, com um grito, e sem saber a quem falla.

Elle! Agora! Não quero vêl-o!

Joanna, espantada e cheia de susto.

Mas...

Magdalena, caindo em si, e procurando comprimir a sua agitação.

Ah! sim! eu estou bastante incommodada... mas

não lh'o diga. Elle que espere um instante. Em eu tocando a campainha, mande-o entrar.

Joanna

Sim, minha senhora.

SCENA VII

MAGDALENA, só. Escondendo o rosto nas mãos.

O que! Pois já, tão depressa! Oh! meu Deus, eu não me sinto com força agora! Pois não hei-de ter um instante para respirar! pois não hei-de ter tempo para me costumar a esta idéa! (*Mudando de tom, depois de breve pausa e com energia concentrada*) E esta santa que d'aqui saiu, hesitou por acaso um instante no sacrificio?... Ah! covarde! Sentes os soluços a referverem-te no peito, pois recalca-os! sentes as lagrimas a requeimarem-te os olhos, pois enxuga-as! Ri-te, representa, actriz, escrava! (*Approximando-se do espelho, compõe o mais possivel a physionomia, e, quando consegue dominar as linhas do rosto, a ponto de fazer desapparecer os vestigios mais profundos da agitação, puxa o cordão da campainha, e vae sentar-se n'uma cadeira junto da meza, dando ao rosto uma expressão de motejo e de ironia*).

SCENA VIII

MAGDALENA E ARTHUR

Magdalena, voltando levemente a cabeça, e com um tom sarcastico.

Oh! por aqui?

Arthur, que entrou precipitadamente.

Perdôe-me, Magdalena, o não ter obedecido ás suas ordens, mas, depois do que se passára entre nós, eu não podia estar mais tempo n'aquella casa. Apenas saiu, senti uma dôr tão intensa que não hesitei um instante, montei a cavallo e parti. Fui á sua quinta, ainda não chegára. Não sei como, havia-lhe passado adiante da carruagem. Tornei a todo o galope, e tenho emfim a felicidade de a encontrar.

Magdalena, com um desdenhoso franzir de sobrancelhas.

Mas para que é isso tudo?

Arthur, um pouco espantado.

Para que? Para lhe dizer que acho inuteis quaesquer provações, que tomei a inabalavel resolução de lhe consagrar a minha vida toda. É livre, Magdalena; sou livre tambem. O que ha que possa separar-nos? Que obstaculo se póde oppôr ao nosso enlace?

Magdalena, lentamente, mas conseguindo atirar a phras com uma frieza cortante e estudada.

Pois tomou realmente a sério tudo o que se pas sou entre nós?

Arthur, profundamente espantado, e magoado já.

Se tomei a sério!... Não percebo que experien cia é essa a que me está sujeitando, mas confess lhe que a acho completamente deslocada! Se tomei sério!... Mas se ha na minha vida uma resolução sé ria, convicta, profunda, é esta. E parece-me que que se passou entre nós, teve um caracter bastant grave para exercer no meu espirito uma influenci decisiva.

Magdalena, levantando-se, e fallando com uma volubil dade sarcastica, em que se sente o esforço.

Meu Deus! meu caro senhor, ainda é menos co nhecedor do coração humano do que eu suppunha É certo que ainda agora, pouco antes de sair de su casa, cheguei a um estado de grande exaltação ner vosa... As insolencias de Alberto de Magalhães, generosidade com que o meu bom amigo tomou minha defeza, generosidade que chegou até mesm aos rasgos mais heroicos, tudo isso me transporto para uma atmosphera ideal, para uma atmospher de romance de cavallaria, produziu-me emfim a im pressão que posso ter com um papel de que me pos sua devéras n'um drama que represente. Todas a organisações teem de quando em quando estes ac cessos de poesia, oh! mas que não duram nem po

dem durar. A vida, meu caro senhor, é uma comedia em prosa, ornada de *couplets*. Estas situações romanescas são os *couplets* da existencia. Cantam-se, mas, apenas expiram os ultimos echos da orchestra, entra-se tranquillamente na prosa da realidade. E é na realidade que nós estamos. Esqueça-se do que se passou, como eu me esqueço tambem, e, se tanto fôr necessario, peço-lhe desculpa de o ter illudido involuntariamente, ainda que me não parece que deva ser estranhavel que uma artista possua os nervos impressionaveis!

Arthur, quasi desesperado.

Meu Deus! mas que linguagem é essa! Pois quando eu lhe lembro o momento solemnissimo em que as nossas duas almas voaram uma para a outra, responde-me com os seus nervos! Que incrivel zombaria! Peço-lhe, Magdalena, que não considere como um brinquedo cruel o torturar-me o coração!

Magdalena

Não é o seu coração que está interessado, é a sua vaidade! Não lhe desagradava poder dizer a essa Lisboa toda: Sabem, aquella doida rapariga, cuja attenção ninguem conseguiu fixar por muito tempo, cedeu ás fascinações de um Antony provinciano! E esse Antony sou eu! Fui eu o missionario que converti a impenitente!

Arthur, exasperado.

Que desconhecido demonio falla pelos seus labios? Quem se serve da sua voz suavissima para es-

carnecer de tudo o que é santo, de tudo o que é nobre?

Magdalena

De tudo o que é santo! de tudo o que é nobre! Ahi vem as velhas phrases! Pois sinceramente suppõe que é de organisações como esta minha que se fazem as mães de familia! Pois julga que eu nasci para os idyllios burguezes, e para os jubilos prosaicos do lar domestico?... (*Com exaltação*) Eu sou a mulher de fogo, e no fogo hei-de queimar-me. O meu elemento é a procella, o meu ideal o prazer, a minha lei a liberdade! Eu não tenho sêde senão das voluptuosidades infinitas do luxo e da riqueza; eu quero esgotar até ás fezes a taça da juventude! A galope! a galope! atravez dos esplendores da vida, arrojando o meu riso de bacchante á face dos puritanos, deixando ladrar inquietos os dogues da moral publica! Por Deus! que já me asphyxiava a atmosphera pulverulenta da sua residencia! E julgára este homem que me captivára com os seus suspiros! Pois nem ao menos o seu amigo Alberto o ensinou a conhecer os temperamentos, que veio, tomando-me por uma loira *miss*, prégar-me a virtude, o casamento, o romance pastoril, eu sei! a religião, o ascetismo, e dizer-me, como Hamlet a Ophelia: Vae para um convento! Faze-te freira! Vai para um convento! vai!... Ah! ah! ah! a mim!

Arthur, com os dentes cerrados.

Esteve então representando comigo uma comedia infame?

Magdalena, passeiando, com um riso febril.

Uma comedia, é claro! Bem sabe que fui actriz!

Arthur

Tenho pois diante de mim uma cortezã vulgar?

Magdalena

Tudo quanto quizer!

Arthur, com uma explosão de sarcasmo doloroso e amargo.

Ah! pois n'esse caso, eu tambem sou rico, e tambem não hesito em sacrificar a minha opulencia para satisfazer um capricho da mocidade. Tambem posso arrojar oiro a seus pés, já que é o oiro que a seduz! Vamos, diga: Quanto custa o seu amor?

Magdalena, com uma explosão que não póde conter.

Não me insulte! (*Com uma convulsão de choro, que reprime, mas que se lhe sente na falla seguinte*) Peço-lhe que me não insulte!... (*Com voz concentrada e grave*) Por muito perdida, por muito aviltada que uma mulher esteja, se entregou a um homem, um instante só que fosse, a sua alma e seu amor, essa mulher é sagrada para elle! Se a não respeita, porque não é talvez digna do seu respeito, respeite-se a si mesmo! Não me insulte! Creia que nunca se ha-de arrepender de me não ter insultado.

Arthur, tomando-a nos braços com explosão.

Magdalena, tu illudes-me! tu não tens dito o que

sentes! Estás obedecendo a uma pressão que desconheço! Ah! se alguem se quer interpôr ao meu amor e a ti, que tenha cuidado! Magdalena! dize-me que tens mentido!

Magdalena, inteiriçando-se-lhe nos braços, e com voz fria e cortante.

Que homem este! Passa sempre de extremo a extremo! Não conhece meio termo entre a insolencia e a banalidade amorosa! Ora veja se me deixa!

Arthur, deixando rebentarem-lhe as lagrimas.

Por amor de Deus, não me torture assim, Magdalena! Não me faça oscillar n'esta duvida que me mata. Não me fustigue com essa voz, cujos sons cortantes me rasgam o coração! Veja! Nem já tenho coragem para lhe esconder as minhas lagrimas!

Magdalena, á parte.

Oh! meu Deus! meu Deus! (*Alto, com um esforço supremo*) Só lhe faltava esse ridiculo! Eu não gosto dos homens que choram! As lagrimas n'um rosto viril só denunciam ou a hypocrisia que infama, ou a covardia que avilta.

Arthur, profundamente ferido, recuando dois passos, com explosão.

Ah! Basta! basta! Despertou-me emfim d'este sonho aviltante! Mostrou-me, em toda a sua infamia, o que é uma mulher de marmore! Não a importuno mais! O ridiculo provinciano, que lhe andou arrulhando emtorno, volta, com a aza magoada,

para o ninho d'onde nunca devêra ter saido, envergonhando-se de lhe ter arrojado aos pés, como um manto de arminho aos pés da comediante impura, a sua dignidade de homem!

Magdalena, com sarcasmo forçado.

Que imagem!

Arthur, no auge do delirio.

Ria, zombe, escarneça livremente! Vá repetir aos seus devassos cortezãos as minhas phrases apaixonadas! Faça circular, entre os brindes da orgia, a historia comica d'este amor ingenuo! Tudo vale a lição que recebo! É para que eu saiba que não ha no lodo d'esses espiritos, nas trévas d'essas almas, na abjecção d'esses corações, nem uma perola, nem um raio de luz, nem uma scentelha de honra, de amor, de pundonor, de virtude e de fé! Adeus! e sê maldita! (*Sáe com explosão*).

SCENA IX

MAGDALENA, só, depois ALBERTO

Magdalena, apenas Arthur sáe, irrompe n'uma explosão de soluços e cáe n'uma cadeira, bradando:

Estala coração que não podes mais! (*N'este momento abriu-se a porta da esquerda, e Alberto entrou de chapeu na cabeça, e attitude grave, diri-*

gindo-se para Magdalena. Esta vê-o, e, designando-lhe a porta por onde saiu Arthur, diz-lhe com amargura por entre os soluços) Poeta, ahi tens um drama!

Alberto, descobrindo-se lenta e respeitosamente diante d'ella.

Perdão! (*Cáe o panno*).

FIM DO 4.° E ULTIMO ACTO.

HELENA

COMEDIA ORIGINAL EM 5 ACTOS

HELENA

COMEDIA ORIGINAL EM 5 ACTOS

PERSONAGENS

HENRIQUE DE MELLO	Snrs. *Rosa Junior*
BARÃO DA RIBEIRA NEGRA	*Antonio Pedro*
O VISCONDE	*Polla*
LEANDRO BORGES	*Mello*
FORTUNATO	*Pinto de Campos*
FREDERICO PAES	*Moniz*
PEDRO	*Costa*
D. HELENA	Snr.as *Emilia Adelaide*
D. CATHARINA	*Jesuina*
D. PULCHERIA	*Emilia Candida*
Uma criada.	

CONVIDADOS.

ACTO PRIMEIRO

Sala elegante e rica. Porta ao fundo, portas lateraes. A porta do fundo é de sahida, a da direita conduz aos aposentos de Henrique de Mello, a da esquerda ás outras salas. Cadeiras, sophás, piano á esquerda; ao centro uma meza carregada de livros e albuns. E' no principio da noite; estão já as luzes accesas.

SCENA I

LEANDRO, PEDRO E O BARÃO

Ao levantar do panno, Leandro está sentado á meza, lendo um livro, ou folheando um album de photographias. Ouve-se o rumor de duas vozes que disputam, abre-se com violencia a porta do fundo, e Pedro entra de costas e cambaleando como quem recebeu um formidavel encontrão.

Pedro, fallando para fóra.

Mas senhor, isto não são maneiras.

Barão, entrando tranquillamente.

E' para te ensinar a perguntares-me ainda o meu nome, quando eu venho aqui ha perto de dois mezes.

Leandro, que se levantou ao barulho.

O senhor barão da Ribeira Negra! (*Apertam as mãos. Para o creado*) O que foi isto, Pedro?

Pedro, embaraçado.

Sua ex.ª desculpe; mas... o senhor barão não me quiz dizer quem era.

Leandro, para o barão, designando-lhe Pedro.

E' novo na casa.

Pedro, para Leandro.

Eu já me contentava que o senhor barão me désse um bilhete de visita; mas atirou-me apenas em resposta um formidavel murro. Ora v. exc.ª bem vê que este *bilhete* não o podia eu levar a meu amo.

Barão, que ouvira a narrativa com a maior indifferença, volta de subito a cabeça para o criado.

Tu não és tolo de todo. Pega lá meia libra. (*Dá-lhe dinheiro.*)

Pedro, muito alegre, e fazendo um profundo comprimento.

Oh! senhor barão! (*A' parte*) Por este preço, vale a pena apanhar um murro todos os dias.

Barão, chamando-o com o gesto, e olhando para elle com expressão cheia de finura.

Olha lá! Se tu continuas a empregar o mesmo systema de hoje, olha que eu tambem continuo a pespegar-te murros, mas de graça. Vae na paz do

Senhor. (*Põe o chapéo n'uma cadeira, e atira comsigo para cima d'um sophá. O creado olha para elle estupefacto, depois comprimenta e sáe. Leandro, que assistiu rindo a esta ultima parte da scena, senta-se a pouca distancia do barão*).

SCENA II

LEANDRO E O BARÃO

Barão

Ora muito folguei de o encontrar, senhor Leandro Borges. (*Interrompendo-se*). O Henrique de Mello está doente?

Leandro

Não; porquê?

Barão

Não foi hoje á Camara.

Leandro

Ah! sim?... Elles estão acabando de jantar.

Barão

Tanto melhor; conversaremos.

Leandro

A's suas ordens, senhor barão.

Barão

O amigo sabe que eu sou deputado e que vim para a Camara com a firme tenção de não abrir bico senão para dizer: Approvo ou rejeito, que n'estes

dois mandamentos se encerra o catecismo cá da historia. Eu não sei fazer discursos, nem preciso de saber, tenho duzentos contos. Mas o diabo d'aquella gente lá da terra embirrou que queria um sino para a freguezia. Hei-de-lhes dar um sino, quando não, enforcam-me na corda.

Leandro

Mas o estado da fazenda publica...

Barão

Qual estado da fazenda publica! O senhor sabe lá o que são os meus patricios. Enterre-se a patria com seiscentos demonios, mas haja um sino na igreja para tocar a finados.

Leandro

E então...

Barão

Então bem vê que eu não havia de pedir o sino como quem pede a um continuo um copo d'agua. Era preciso fazer uma falla. Quando vim lá da terra, o meu barbeiro, que é ao mesmo tempo mestre-escola, alinhavou-me um aranzel que não estava mau. Porém, quando cheguei á Camara, vi que todos os meus collegas, tambem para pedirem sinos pouco mais ou menos, faziam uns discursos de costa acima que eu ficava em jejum. Entendi que não havia remedio senão deitar poeira aos olhos. Foi então que me dirigi ao senhor Leandro Borges, que preferi a qualquer outro escriptor.

Leandro, com vaidosa modestia.

Oh! senhor barão...

Barão, tranquillamente.

Eu gosto dos seus artigos, repito, porque os dos outros não os entendo eu, mas sempre ha quem os entenda, e pelo menos entende-os quem os escreve, mas os seus tive um palpite que nenhum de nós os entende, nem eu, nem o senhor.

Leandro, levantando-se indignado.

Mas, senhor barão, os meus artigos...

Barão, batendo uma palmada no joelho.

Não me falle á mão. (*Emendando*) Não interrompa o orador, que é mais parlamentar. (*Leandro senta-se*) Encommendei-lhe pois um discurso por tal fórma retumbante que ficassem todos a nadar, camara, galerias, e eu mesmo, porém que fizesse bulha nos jornaes e espalhafato no Diario.

Leandro, ironicamente.

E v. ex.ª não está satisfeito com o discurso que eu lhe escrevi?

Barão, melancholico.

Satisfeito de mais, meu caro senhor. Aquillo é obra aceiada. Ninguem lhe mette dente. Mas pungeme um receio. E' que está por tal fórma sublime que, póde ser que me engane, mas parece-me que nem o diabo percebe que o que eu desejo é um sino. Olhe que os deputados não adivinham.

Leandro, altivo.

Elles que subam, que eu não desço...

Barão, com intimativa.

Mas o peior é que o sino tambem não sobe. O' homem de Deus, falle em Herodes e em Pilatos, mas faça com que a Camara entenda que eu quero um sino para a freguezia. Estou arranjado se os ministros não percebem! Se o Diario chega lá á terra, e os patricios virem que eu fallei bem, porque com aquelle discurso nem o barbeiro entra, se depois o sino não apparece são capazes de dizer que o vendi aos hespanhoes.

Leandro, impacientado.

Mas, senhor barão, eu o que fiz foi envolver o sino em imagens.

Barão

Mas eu não quero um sino com imagens, quero um sino com badalo.

Leandro, sentencioso.

As imagens são o badalo da eloquencia.

Barão

Peior! Eu quero lá um sino eloquente! Essa é nova! Eloquente, um sino! Tinha que vêr se eu mandava para a freguezia um sino que soubesse mais do que eu.

Leandro

Mas, senhor barão, para eu enfeitar d'outra fórma o seu discurso, era necessario que v. ex.ª me tivesse communicado as suas ideias.

Barão, levantando-se indignado.

As minhas ideias! Eu não tenho ideias.

Leandro, estupefacto.

Como?!...

Barão

Não tenho ideias, já lhe disse. Tenho duzentos contos, não preciso de ter ideias.

Leandro

Mas as que v. ex.ª expoz aos seus eleitores...

Barão

Aos meus eleitores! Não me faltava mais nada, se eu, ainda em cima de lhes pagar, ainda tinha que lhes dar satisfações.

Leandro

Mas para que desejou v. ex.ª ser deputado?

Barão, tranquillamente.

Desejei ser deputado, porque tenciono ser ministro.

Leandro

V. ex.ª quer ser ministro?

Barão

E' verdade; por causa d'uma birra com o meu compadre.

Leandro

Ah!...

Barão

O meu compadre é dono d'uma quintarola que não me quer vender nem por quanto ha—Compadre venda-me a quinta—Eu não largo a quinta, só se m'a tirar o rei—Pois não lh'a tira o rei, mas tiro-lh'a eu—Tinha que vêr—Compadre não me metta

em brios — Eu não lhe tenho medo — Espe
eu commigo, vou-t'a expropriar por utilidade

Leandro

Por utilidade publica?!...

Barão

Deixe-me ser ministro, que a utilidade
ella apparecerá. Foi logo o que pensei. Ent
com o administrador, porque ser deputad
verno sempre sáe mais barato do que ser
da opposição, e aqui estou. Agora a pasta n
Estou a vêr ministros cada dia gente que
vintem, eu, com duzentos contos, só precis
dir por bocca.

Leandro, depois de breve silencio.

E então v. ex.ª quer que eu emende o d

Barão

Não nos apressemos. Dei-o ao meu am
rique de Mello e Castro, que é lá um dos s
da Camara, para me dizer que tal o acha. H
me dá a resposta. (*Olhando para a por*
querda). Elle ahi vem.

SCENA III

OS MESMOS, HENRIQUE, FORTUNATO, HELENA E D. PULCHERIA

Entram pela esquerda, vindo D. Pulcheria pelo braço de Henrique, e Helena pelo braço de Fortunato. Leandro e o barão levantaram-se. Troca de comprimentos. As senhoras vem já vestidas como quem tenciona ir a S. Carlos.

Helena, graciosa e risonha para o barão.

Bons dias, desertor. Ai que saudades, barão!... Lembrou-se afinal de mim?...

Barão, affectuoso, e resmungão por brincadeira.

Eu não venho cá por causa de v. ex.ª; venho por causa de seu marido.

Helena, rindo.

Ai! o barão é d'uma franqueza atroz. (*Fortunato conduziu-a ao sophá, fez-lhe a sua cortezia de galanteio antigo, e beijou-lhe a mão. Henrique largou tambem, comprimentando-a, o braço de D. Pulcheria, e foi sentar-se do outro lado da scena*).

Henrique

O que houve hoje na camara, barão?

Barão, para Helena.

Depois fallaremos. (*Para Henrique.*) Eu lhe conto. (*Vae ter com elle e conversam ambos. Leandro approxima-se de Helena e conversam.*)

Pulcheria, para Fortunato que se foi sentar ao pé d'ella fulminando-o com a vista.

Porque foi que o senhor beijou a mão á prima?

Fortunato, humilde.

Menina, é uma tradição da cortezia do meu tempo. Em signal de reconhecimento pela honra que ella me concedêra.

Pulcheria

Mas o senhor bem viu que o primo não me beijou a mão.

Fortunato, espontaneo.

Ora! ha muita differença!

Pulcheria, no auge do espanto e da indignação.

O que diz?... Differença!... Diga-me que differença ha? Ai que eu desmaiava se não tivesse acabado de jantar!

Fortunato, assustado.

Não desmaies, menina, que te póde fazer mal. (*Á parte*). E então ella, em estando desmaiada, é beliscão que ferve. (*Pouco antes de findar esta scena, ouviu-se um toque de campainha, annunciando visita, corre Pedro o reposteiro do fundo, e entram o visconde e Frederico Paes.*)

SCENA IV

OS MESMOS, O VISCONDE E FREDERICO

Visconde, dirigindo-se a Helena a quem comprimenta e aperta a mão, enviando tambem um comprimento a Pulcheria.

Permitta-me v. ex.ª, minha senhora, que eu lhe apresente meu primo Frederico Paes de Mendonça e Athayde, que foi tambem meu companheiro de viagem em Pariz.

Helena, estendendo a mão ao apresentado.

Folgo muito de o conhecer. (*Frederico, que já apertára a mão com familiaridade a Leandro, sacode com energia a mão de Helena, que faz um ligeiro movimento de magoada. O Visconde, que passa por traz de seu primo para ir comprimentar Henrique de Mello, dá-lhe uma cotovellada para lhe fazer sentir a inconveniencia do* shakehands *brutal. Isto augmenta o embaraço de Frederico, que fica diante de Helena, sem saber o que lhe ha-de dizer. Esta, querendo pôl-o á vontade, continua.*) Esteve então em Paris? Que deliciosa cidade, não é assim? Paris é hoje o sonho da Europa inteira.

Frederico, sentencioso.

Deixe-se v. ex.ª de historias; Paris o que é, é a unica terra que eu conheço onde se dance bem o can-can. (*Leandro arruma-lhe uma vigorosa cotovel-*

lada. Frederico volta-se meio zangado. Helena olha para elle com espanto, e afinal desata a rir. Frederico embaraçado dá dois passos em direcção a Henrique de Mello, que, tendo já conversado com o visconde, se levanta e vem estender-lhe a mão.

Henrique, para Frederico.

Estimo conhecel-o, e desejo que nos faça a honra de frequentar a nossa casa. (*N'este jogo de scena Leandro approximou-se do barão, quando o visconde, que foi buscar um livro que póz ao entrar n'uma cadeira juntamente com o chapeu, se approximou de Helena.*)

Visconde, para Helena.

O livro que v. ex.ª me pediu.

Helena

Ah! *A Comtesse de Chalis!* Muito obrigada. (*Pega no livro, e folheia-o.*)

Visconde, sorrindo.

Devo confessar que hesitei em trazer-lh'o. Tem algumas passagens um pouco... um pouco escabrosas.

Helena, zombando.

Horror! Leve-o, e traga-me ou a Moral em acção, ou o Thesouro de meninos. (*Rindo.*) O visconde é um mancebo ideal. (*Estabelece-se uma conversação entre os dois, em que tomam parte D. Pulcheria e Fortunato. No outro lado da scena está Henrique entre Leandro e o barão. Frederico, que não sabe para onde se ha-de voltar, aggregou-se a este grupo.*

Barão

Então acha melhor o discurso do barbeiro?

Henrique, sorrindo.

Positivamente. Ao menos é explicito. Sabe-se o que elle quer. A um sino chama um sino. Ora eu sou da velha escola de chamar as cousas pelo seu nome: *j'appelle un chat un chat.*

Leandro, á parte, encolhendo os hombros.

Fossil! Cita classicos francezes no seculo XIX!

Henrique, para Leandro.

Olhe que de todas as metaphoras, pelas quaes lhe aprouve designar o sino de que se tracta, «aerea sentinella,» é talvez a menos vaga. E ainda assim aerea sentinella póde tambem ser uma ventoinha.

Leandro, com um sorriso amarello.

V. ex.ª deve confessar que o assumpto era magro.

Henrique, serio.

Por isso mesmo é que entendo que não valia a pena engrossar a voz; o senhor Leandro Borges é poeta, e conhece de certo os quatro magnificos versos de Bocage, que encerram uma tão profunda lição:

Co'a materia convem casar o estylo,
Levante-se a expressão se é grande a ideia,
Se a ideia é negra, a locução negreje,
E, tenue sendo, se attenúe a phrase.

Leandro, desdenhoso.

Bocage! Bocage!

Henrique, voltando-se como para invocar a opinião de todos.

Não era um grande poeta?

Frederico, achando occasião de collocar uma palavra.

Se era! Eu sei d'elle um soneto... *(Leandro atira-lhe uma cotovellada. Zangado.)* O que é?...

Leandro, baixo para elle.

Tenho sempre medo dos sonetos de Bocage que tu saibas de cór.

Frederico, resmungando.

Mas é que vocês estragam-me o cotovello. *(Em quanto se trocava este rapido dialogo, o visconde levantou-se como se lhe lembrasse de subito uma coisa, e approximou-se de Henrique de Mello a quem disse algumas palavras. Henrique dirige-se a Helena, o visconde fica junto de Frederico e Leandro.)*

Henrique, para Helena, com certa reserva.

Peço-lhe desculpa de não poder ir ao theatro; um dos membros da commissão de fazenda pediu ao visconde para me dizer que desejavam que eu ámanhã apresentasse o relatorio. Como tem os primos para a acompanharem...

Helena, friamente, e continuando a folhear o livro.

Ah! não vou, não tenho interesse.

Henrique, com uma tentativa de expansão, e indo para beijar-lhe a fronte.

Oh! quanto lh'o agradeço!

Helena, fugindo com a testa, e com um movimento de fastio.

Está bom; as suas expansões de gratidão amarrotam-me o vestido.

Henrique, depois de encolher ligeiramente os hombros com um suspiro, sacode a cabeça para repellir um pensamento penoso, e diz alegremente para todos, que não repararam n'esta pequena scena, á excepção do visconde que a observou a furto com um sorriso.

Meus senhores, permittam-me que eu vá salvar a patria. (*Aperta a mão ás tres visitas, e sáe pela direita*).

SCENA V

OS MESMOS, MENOS HENRIQUE

Pulcheria, para Helena com modos de piedade.

Então, não vamos ao theatro?

Helena, distrahidamente.

Não vamos. (*Para o barão, risonha.*) Barão, venha sentar-se ao pé de mim.

Barão

Aqui vou! aqui vou! (*Fallando com quem está n'esse momento ao pé d'elle, que é Frederico.*) Muito gosto eu d'esta rapariga! Muito alegre.

Frederico, muito satisfeito.

E' pandega, é. (*Cotovellada de Leandro.*) Mau! Olha que gosto d'ella! Eu atirava-me, mas para isto é preciso ter alguma litteratura! Se tu me fizesses um acrostico em que lhe chamasses sol!

Leandro

Estás atrazado cem annos. Agora nem se fazem acrosticos, nem se chama ás mulheres «sol».

Frederico

Então como é que se lhes chama?

Leandro, com gesto vago.

Nuvem... Espera, deixa-me procurar um epitheto original. (*Depois de breve meditação.*) Nuvem nervosa.

Frederico

E' bonito... Não entendo. (*Senta-se na roda.*)

Helena, para o barão continuando a palestra.

Então a baroneza não teria ciumes de mim?

Barão

Qual historia! A baroneza é da velha guarda. Ha-de ter a idade alli de sua prima.

Pulcheria, com mau modo.

Escusa de me escolher para termo de comparação.

Barão

Essa é melhor. Pois diga-me, que idade tem?

Pulcheria, espevitada.

Tenho a idade que pareço.

Barão, zangado.

O' senhora, não me faça ferver o sangue! (*Para Helena que rindo ás gargalhadas, procura socegal-o*). Pois não é assim! Agora a idade que parece! Então vae a gente caiando a certidão de baptismo, e fica o predio renovado!

Pulcheria, indignada e sem attender a Fortunato que procura tranquillisal-a.

Ai! que homem! que homem!

Barão, para Pulcheria.

A senhora tem sessenta annos!

Fortunato apressando-se a rectificar a data.

Cincoenta e oito, barão! (*D. Pulcheria tosse com muita força para lhe suffocar a voz. Fortunato sollicito, começa a procurar por todas as algibeiras, bradando afflicto.*) Queres pastilhas, filha, queres pastilhas? (*D. Pulcheria dá-lhe um beliscão.*) Ui!

Barão, sempre indignado.

Se eu fosse seu marido, as pastilhas que lhe eu dava sei eu.

Helena, ameaçando-o.

Realmente o barão não se póde aturar. (*O barão ri-se muito satisfeito.*) Já vejo que trata mal sua esposa.

Barão

Ah! essa é uma mulher d'armas.

Helena, rindo.

O barão é biblico; só ama as mulheres fortes. Casou com Judith, ou com a mãe dos Machabeus?

Barão

Não, minha senhora, com a D. Roza de Mezãofrio. Senhora de boas terras, e que ficavam mesmo a calhar para arredondarem as minhas. Ella só queria um titular, fiz um sacrificio e comprei este baronato, coisa com que embirro, porque nunca tive geito para barão.

Helena, rindo.

Soberbo!

Barão

Casámos. Houve baile segundo o costume. Quando se foram embora os convidados...

Helena

Barão!

Barão, ingenuamente.

O que é?(*Helena rindo, faz-lhe signal que continue.*) Ficámos conversando ácerca das sementeiras. Ella queria semear as suas terras de feijão, e eu de milho. A senhora não entende nada d'isso.—Pois entenda ou não, as terras são minhas.—Suas?—São do cazal, e no cazal quem governa sou eu. O' pae da minha alma, sempre me atirou tamanha bofetada!...

Helena, rindo.

Pobre barão!

Barão

Oiça o resto! Primeiro fiquei atordoado, mas depois arrumei-lhe um socco. Engalfinhámo-nos um no outro, e não lhe digo nada, no dia seguinte pela ma-

nhã, estava ella com um gallo na testa, e eu com um olho pisado.

Helena, rindo, mas fazendo-se severa.

Bater em sua mulher! nunca o suppuz capaz de tão pouca delicadeza!

Barão

Qual pouca delicadeza! Foi ella que me deu primeiro!

Helena

E as pelejas continuaram?

Barão

Nada, porque reconhecemos que eu tinha mais força do que ella, mas que ella gritava mais do que eu!

Pulcheria, erguendo as mãos ao ceo.

Este homem é horroroso, é peior que um hereje. (*Para Helena.*) Tu consentes isto, porque não está aqui teu marido; mas eu! O meu Fortunato ouvir semelhantes coisas! (*Para Fortunato.*) Não oiças, filho, não oiças!

Fortunato

Não tenhas receio, menina.

Helena, designando os dois.

Meus senhores, apresento-lhes os eternos modelos do amor conjugal! Philémon e Baucis! A vida de meus primos, senhor Leandro Borges, fórma um romance em dois volumes, perfeitamente moral, quasi tão innocente como a cartilha do padre Ignacio, com encadernação côr de rosa e dois pombinhos no fron-

tispicio. O titulo é o seguinte: Fortunato e Pulcheria ou as venturas do hymineo.

Leandro, com tom grave e doutoral.

Minha senhora, o amor no casamento é a synthese da moralidade indo-germanica. A antiguidade grega, que apenas comprehendia a sensualidade hyperbolica, mostrou nos seus phantasiosos symbolos quanto desconhecia a formula psychica do amor. O mytho de Eros e Psyche... (*Frederico Paes, em seguida ao pequeno dialogo do principio da scena, sentou-se, sendo o seu primeiro movimento escarranchar-se n'uma cadeira; a uma cotovellada de Leandro sentou-se como os outros. Ouviu a conversação, rindo de vez em quando, e bocejando a miudo. Deu signaes de somno durante a falla de Helena, e durante a falla de Leandro cabeceou e adormeceu afinal.*)

Helena, interrompendo Leandro.

Perdão, deixe-me acompanhal-o a musica. (*Volta-se para o piano e toca em surdina o final do primeiro acto do* Barba-Azul.)

Frederico, despertando em sobresalto, sem ter a consciencia do sitio em que está, levanta-se e canta com enthusiasmo.

Marchar, marchar... (*Acolhem-n'o as gargalhadas de todos. Embaraçado, balbucia.*) Oh! perdão. (*Vendo que o riso não cessa, approxima-se de Helena, e diz-lhe.*) Se v. ex.ª me dá licença, retiro-me.

Helena, comprimindo a custo o riso, e estendendo-lhe a mão.

Senhor Frederico Paes!...

Frederico, sahindo, depois de ter comprimentado as outras pessoas. A' parte.

Não se póde estar em casa de gente seria. (*Tira um charuto, morde-o, e vae a accendel-o n'uma das velas do piano. O visconde, que está proximo, atira-lhe uma cotovellada. Frederico faz um gesto de impaciencia e sáe.*)

SCENA VI

OS MESMOS, MENOS FREDERICO

Helena, cançada de rir.

Desculpe, visconde, o não ter demorado seu primo; mas é que realmente estava perdida de riso.

Visconde

Oh! minha senhora, eu é que lhe peço mil perdões em nome d'elle; mas ha-de v. ex.ª acreditar que tenho a intima convicção de que esse seu riso esconde muitas lagrimas!

Helena, sinceramente espantada.

Lagrimas!...

Visconde

Lagrimas. Quando a oiço zombar tão graciosamente do amor no casamento, sinto sempre a dolo-

rosa impressão que me causa um desgraçado a motejar da ventura que lhe é defeza.

Helena

Ai! o que o visconde fez de mim na sua imaginação! Uma heroina d'um drama d'Octavio Feuillet.... drama conjugal e vaporoso... trazendo á cinta a chave de oiro e a chave da dispensa. (*Com affectação comica de senhora romantica.*) E' verdade, visconde, adivinhou o segredo da minha alma. O meu ideal é a felicidade domestica; o meu sonho é fazer *crochet* á dôce luz da lampada nocturna, emquanto meu marido medita um discurso politico, fulmina em effigie o ministerio, ou a opposição, e, dirigindo-se ao apparelho de chá, lhe diz: senhor presidente. (*Desata a rir.*)

Visconde

Não é isso; mas, apesar das suas zombarias, creio que sentiria muito jubilo, se podesse estar d'aqui a pouco em S. Carlos, rainha da moda a quem todas invejam, tendo a seu lado o homem de talento, a quem todos admiram.

Helena, séria.

E se fosse essa a minha ambição, quem me impediria de a realisar?

Visconde

Oh! minha senhora, a politica é uma temivel rival!

Helena, olhando ficta para elle.

Que intenção é a sua, visconde, para que, co-

nhecendo tão bem o coração humano, esteja tocando agora na corda sempre vibrante do orgulho feminil?

Visconde, com grande naturalidade.

Oh! não, minha senhora, defendo apenas uma opinião pessoal. Creio que não foram as senhoras que inventaram os casamentos de conveniencia, e que as desgostam profundamente as serias preoccupações que fazem com que um marido não possa nunca ser um namorado.

Helena

Emquanto a mim, declaro-lhe em primeiro logar que não sou romanesca, e dispenso perfeitamente o elemento paixão: em segundo logar que não acho nada mais ridiculo do que as expansões d'um amor legal, e dois pombinhos conjugaes, que arrulham em presença do mundo inteiro, com previa authorisação dos papás e das mamãs, e do prior... e do administrador, quando entrar nos costumes o casamento civil. Importa-me pouco por conseguinte a rivalidade da politica! Mas, sem me julgar *coquette*, ainda tenho bastante confiança em mim para me suppôr capaz de arrancar meu marido, por mero capricho, ás suas serias preoccupações.

Visconde

V. ex.ª está-me tentando a provocal-a; oh! mas não, não quero expol-a a uma derrota.

Helena

Acabemos com isto. Os senhores vão para o theatro. Apostemos em como d'aqui a meia hora está

meu marido ao meu lado no meu camarote em S. Carlos?

Barão, approximando-se do visconde, e olhando ficto para ella.

Visconde, não faça parvoices.

Helena, em tom breve.

Agora é comigo, barão. (*Para D. Pulcheria.*) Manda pôr a carruagem, prima?

Pulcheria, sahindo muito contente, aos pulinhos, seguida por Fortunato.

Mando! Mando!...

Helena, para o visconde.

Apostamos?

Visconde, sorrindo.

Qual é o premio de quem ganhar?

Helena, despedindo-os com um gesto, e acompanhando-os até á porta.

A gloria.

Visconde, depois de a envolver com um olhar profundo, á parte.

Espero que hei-de ganhar mais.

SCENA VII

HENRIQUE E HELENA

Helena, ao voltar-se fica surprehendida vendo Henrique immovel á porta da direita, contemplando-a com olhar fixo. Com embaraço.

Ah! (*Tornando um pouco a si.*) Ia procural-o.

Henrique, friamente.

Folgo de ter prevenido o seu desejo. Queria alguma coisa?

Helena, coquette.

Um simples capricho. Appeteceu-me ir a S. Carlos.

Henrique, mais friamente.

Porque não vai?

Helena, mais coquette e fingindo um timido embaraço.

Não tinha gosto em ir sósinha.

Henrique, suspendendo-a com um gesto, e com um sorriso entre ironico e triste.

Permitta-me que interrompa a comedia... Eu ouvi tudo.

Helena, deixando todo o fingimento, e com um sobresalto irritado.

Como?

Henrique

Oh! não a espionei. Precisei de um livro e vim

buscal-o á livraria, aqui á estante contigua. Emquanto estivera no meu gabinete, chegavam-me aos ouvidos de longe os echos dos seus risos; aqui ouvi as palavras «meu marido» articuladas pela sua voz. Involuntariamente escutei. Percebi então que estava sendo objecto d'uma aposta entre a senhora e o visconde, e formei logo o projecto de lh'a fazer perder.

Helena, ironica.

E pode-se saber o motivo que lhe dictou resolução tão singular?

Henrique, com triste ironia.

O motivo? Quer deveras sabel-o? (*Serio.*) Juro que não é culpa minha se o nosso casamento é, como tantos outros que por ahi ha, uma ligação que não tem nada do caracter grave e sagrado da familia. Mas já que seguimos na vida dois rumos tão differentes, a senhora, campeiando nos bailes e nos espectaculos, rainha das modas e da elegancia, eu, lidando, amargo e isolado, nas luctas da intelligencia, consinta que não confundamos por um capricho esses dois caminhos tão diversos, (*accentuando as palavras*) e note que não estarei nunca disposto a servir de objecto de riso aos cortezãos que a rodeiam.

Helena, altiva e ironica.

Realmente são curiosas as suas recriminações. O que desejava? Queria que o acompanhasse á tribuna, como uma Clorinda constitucional, ou que o esperasse para lhe limpar na fronte o augusto suor das lides parlamentares?

Henrique, violentamente irritado, mas trahindo apenas essa violencia pelo sacudido da phrase, e pela agitação febril d'um passeio pela casa.

Eu não quero nada, eu não desejo nada... Desejo apenas que me deixe tranquillo... Essa é boa... Eu não lhe faço recriminações!... Eu sim!... Importa-me bem!... Occupe-se de todas as frivolidades, de todas as ninharias que a moda acclama e indica. Attenda aos parvos que a cercam, á doirada turba que a applaude... mas por Deus não pense em mim para coisa nenhuma d'este mundo... Vá a S. Carlos, vá com os primos, vá sósinha, vá como quizer, mas não me queira arrastar no seu carro triumphal. Não estou disposto a desempenhar esse papel. Vá sem mim, vá sem mim.

Helena, implacavel.

E vou decerto. Julga que lhe vim pedir licença? (*Abrandando um pouco o tom.*) Mas olhe que faz mal, Henrique, em me repellir quasi injuriosamente, quando eu dou um passo para si.

Henrique, impaciente e ironico.

Tornamos? (*Mais serio.*) Houve um momento em que suppuz que a sua frivolidade nativa seria subjugada por um sentimento serio... Quando foi mãe... Nem assim. (*Encolhendo ligeiramente os hombros.*) Ora, não é elegante ser mãe!

Helena, ferida deveras, e sentindo-se-lhe para o fim lagrimas reprimidas na voz.

Ah! já me tardava essa recriminação. Não sou

boa mãe, não é verdade? Porque não emballo a minha filha, porque não rivaliso com as creadas no tratamento em que ellas me venceriam de certo, já lhe não tenho amor!...Oh! estes senhores politicos, em dizendo: «E' uma mulher frivola» julgam ter dito tudo! Uma mulher de bailes e de espectaculos!... A esses espiritos banaes não póde corresponder um coração onde arda o puro affecto que até as féras sentem... Não sou boa mãe, não é assim?...

Henrique, avançando para ella com uma luz de esperança.

Prove-me que o é, não indo hoje ao theatro.

Helena, olhando para elle attenta e desconfiada.

Ah! isto era subtileza de politico? O seu orgulho tambem quer triumphar? Oh! não; pelo menos ficará a victoria indecisa. (*Faz vibrar um timbre. Para a creada que entra um instante depois.*) A minha capa. (*A creada sae.*)

Henrique, tristemente.

Que fanfarronada, Helena!

Helena, sem lhe responder, para a creada que volta, trazendo capa de theatro e luvas, e que a ajuda a pôr a capa.

Está a carruagem posta?

Creada

Está, sim, minha senhora. (*Sáe a um gesto de Helena.*)

Helena, calçando as luvas um pouco febril para Henrique.

Adeus. Olhe que foi imprudente o seu procedêr.

Henrique, dando um passo para ella, de sobr'olho franzido.

Imprudente, como?

Helena, sem lhe responder directamente.

Lembre-se do que me fez hoje. Adeus! (*Vae a sahir.*)

Henrique, amargo.

Vá, vá, que eu ficarei velando junto do berço de sua filha.

Helena, voltando-se para elle, e com zombeteiro terror.

Vae recitar um discurso á pobre innocente? Mas é sublime! O homem de quem dependem os destinos do paiz, a emballar o berço d'uma creança e a ruminar uma interpellação! Esta scena deve ter o seu logar na historia, como a do rei de França, surprehendido por um embaixador com os filhinhos ás costas. E' enternecedor! Que pena que eu tenho de não poder assistir a tão commovente scena! Adeus Henrique... quarto! (*Sáe rindo, mas com um riso pouco natural.*)

SCENA VIII

HENRIQUE, *só*. Depois d'um instante de silencio, leva a mão ao peito com um movimento doloroso

Coração rebelde, porque pulsas ainda?... E' tua a culpa, é tua... Agora padece e cala-te! (*Passeiando agitado e revelando os pensamentos que lhe tumultuam lá dentro apenas por phrases entre-cortadas*. Amar sua mulher!... (*Amargo*.) Se ha nada mais ridiculo, menos conforme com as regras do bom tom!... Amor, familia, intimos affectos, quem pensa hoje n'isso?... (*Parando*.) Ah!... como eu padeço!

SCENA IX

HENRIQUE E PEDRO

Pedro, apparecendo á porta do fundo.

Está alli uma senhora, que deseja fallar a v. ex.ª

Henrique, parando, e voltando levemente a cabeça, com espanto.

A mim! Ha-de ser á senhora... Não lhe disseste que sahiu?

Pedro, ligeiramente atrevidete.

Nada; ella nem perguntou pela senhora... Disse logo que queria fallar ao senhor Henrique de Mello.

(*Desconcertado pelo olhar severo de Henrique, e entregando-lhe um bilhete de visita.*) E deu-me este bilhete.

Henrique, irritado.

Porque não m'o entregaste logo? (*Lançando os olhos para o bilhete, com alegre espanto.*) Catharina! (*Para o creado.*) Manda entrar.

Pedro, depois de se curvar respeitosamente, á parte.

Maganão!

Henrique, só.

Ha quantos annos a não vejo!

SCENA X

CATHARINA E HENRIQUE

Catharina, trajo modesto, mas revellando senhora distincta.

Henrique!

Henrique, correndo alegre a apertar-lhe as mãos com affecto.

Catharina, minha boa irmã, oh! quanto me alegra o vêr-te!

Catharina

E a mim quanto me penhora o teu benevolo acolhimento!

Henrique

Penhorar-te?! Pois estas amisades de infancia

não são amizades indestructiveis? Não brincámos tantas vezes juntos nas margens do Mondego?... Como está teu pae? Como está tua mãe? E o Barnabé, aquelle creado velho que vinha sempre accomodar as nossas bulhas?... Porque tu eras uma traquina! Lembras-te?... quando iamos para a escola o que tu cassoavas commigo, chamando-me: Estudante, bargante, chapeu de alguidar!

Catharina, sorrindo.

E tu arrumavas-me com os livros!

Henrique, rindo.

E' verdade; dou as mãos á palmatoria! Oh! como esta fresca lufada dos bons ares da infancia me veio agora refrigerar a fronte!... Mas tu casaste?

Catharina, tristemente.

Cazei... E tu tambem?

Henrique, tristemente.

Tambem... Mas como tu dizes isso! E é verdade; estás tão pallida, tão mudada?...

Catharina, tristemente.

Estou velha e feia, Henrique!

Henrique, sorrindo.

Faça-me v. ex.ª o favor de não me calumniar a minha boa irmã Catharina, que por irmãos nos tratámos sempre!... Mas o que foi?... Um casamento de conveniencia?...

Catharina, sorrindo tristemente.

Um casamento de amor... E estou aqui fugida de casa de meu marido!

Henrique, espantado.

Que dizes tu?...

Catharina, dolorosamente.

Permitte-me que não me queixe do homem de quem me vou separar para sempre. Casei com um official de cavalleria que esteve aboletado em nossa casa... Contra vontade de meus paes... mas que queres tu?... O uniforme seduzira-me... Fui com elle para Evora... adivinhas o resto, não é assim?... Era um devasso e um brutal... Os escandalos e os maus tratos chegaram a ponto que hontem perdi a cabeça, e metti-me no caminho de ferro, com o fato que tinha em cima do corpo, e dinheiro pouco mais do que sufficiente para pagar a passagem.

Henrique

Mas teu pae?... tua mãe?...

Catharina

Estão nos Açôres. Meu pae foi para lá como governador civil, sem precisar, mas as ambições politicas!... Vendo-me em Lisboa, sem azylo, sem recursos, lembrei-me de ti. O teu nome, o nome do grande orador, chegára a Evora... e eu muito contente a a lêr sempre os teus discursos!... Olha que sempre devorei politica por tua causa!...

Henrique, sorrindo.

Pobre Catharina!

Catharina

Metti-me n'uma carruagem, e cá vim ter. Peço-vos hospitalidade a ti e a tua esposa, por alguns

dias, emquanto não consigo recolher-me a um convento, até que meus paes me venham ou mandem buscar... (*Mudando de tom.*) Não fallemos mais n'isto... Onde está tua mulher?...

Henrique, com um suspiro.

Foi ao theatro.

Catharina, com espanto e olhando ficta para elle.

E tu?

Henrique, embaraçado.

Eu... tinha que trabalhar.

Catharina

Ah!... Tu não és feliz, Henrique.

Henrique, simplesmente.

Não.

Catharina

Tambem tu!

Henrique

Oh! por minha culpa. Fiz um casamento de conveniencia. Sabes que nunca tive grandes bens. Comecei a advogar com algum prestigio; mas... veio a politica! Por grande talento que se possua, em não havendo recursos, caminha-se vagarosamente, quando se caminha! O pae d'esta menina, capitalista rico, entendeu que eu tinha futuro, e quiz-me para seu genro. As ideias que giram no ar do seculo, sempre actuam mais ou menos sobre todas as cabeças. Fiz o que fazem tantos outros... Casei. Ella, tambem como tantas outras, acceitou-me para marido entre uma contradança e uma valsa, muito satisfeita por

ser a primeira a experimentar uma *toilette* de noiva, que chegára de Pariz no ultimo figurino, e que lhe devia ficar admiravelmente.

Catharina, espontanea.

E ficava?

Henrique, rindo.

E's mulher, Catharina! (*Ainda com um sorriso.*) Ficava, sim, como tudo lhe fica bem, infelizmente para mim, que me namorei d'ella, depois de casado... Um politico!

Catharina, com espanto.

E' mau?...

Henrique

Vae-lhe fallar n'isso; responde-te com uma torrente de epigrammas ácerca do amor legal, e do amor legitimo, e do amor garantido pelo Codigo, etc., etc. Os romances francezes espalharam a ideia que o amor no casamento era burguez e ridiculo!... Deixemos isto.

Catharina, apertando-lhe a mão.

Meu pobre Henrique!... (*Mudando de tom.*) Olha, eu preciso de escrever a meu marido para lhe dizer onde estou, e declarar-lhe as minhas tenções, e a meus paes, que parte ámanhã o paquete dos Açores.

Henrique, abrindo a porta da direita.

Lá ao fim da livraria tens o meu escriptorio. Estás alli á vontade. Eu vou beijar a minha consoladora.

Catharina

Quem?

Henrique, com immenso enlevo.

Uma filha!

Catharina

Ah! (*Henrique aperta-lhe a mão, fazendo-lhe signal que se não demore.*)

SCENA XI

HENRIQUE *só*, momentos depois HELENA.

Henrique

Pobre menina! Olhem o que o destino fez de nós!

Helena, entrando impetuosamente pela porta do fundo, vai a dirigir-se para a esquerda, como um turbilhão, e estaca de subito muito embaraçada ao vêr Henrique.

Ah! ainda aqui!

Henrique, espantado e com inquieta sollicitude.

Já de volta! O que succedeu?

Helena, muito enleiada, mas devorando com a vista a porta da esquerda.

Nada... Era insupportavel o tenor.

Henrique, espantado.

O tenor?

Helena, como acima.

Não... a dama... os coros... Depois a sala, quasi deserta... Emfim uma recita detestavel.

Henrique, tem-n'a observado com attenção, e, approximando-se d'ella, diz-lhe com meiguice.

Porque está disfarçando? Cuida que não percebo que foram as saudades de sua filha que a trouxeram cá?...

Helena, com um riso forçado.

Ora que ridiculo! (*Não podendo dominar a sua commoção, e deixando irromper as lagrimas.*) Pois é verdade! Triumphou! Eis-me vencida!... Disse-lhe que a sala estava deserta? Estava deserta para mim que não via lá senão o rosto querido da minha pequenina Helena. Eu não ouvia a musica, ouvia apenas o seu chôro a repercutir-se-me no coração. Oh! debeis bracinhos que forças tendes, mesmo de longe, para nos arrancardes a tudo!... E sabe? tive ciumes de si! Lembrei-me que ella despertava, e que dizia «mamã» e não me encontrava ao seu lado, que era seu pae quem obtinha o seu primeiro sorriso, quem lhe colhia nos labios o primeiro beijo, quem ouvia o primeiro balbuciar da sua voz infantil... Oh! então achei o meu procedimento odioso... Corri como uma louca para vir pedir perdão ao anjo que Deos me concedeu... Oh!... mas diga, a minha pequenina não estará zangada commigo?... Ella ainda não despertou?... Não?... Ainda posso tomal-a nos braços, devoral-a com beijos, sem que os seus olhos ingenuos me digam: «Porque me deixaste?» Ainda! ainda? Oh! sou feliz! sou feliz! (*Correndo como louca para*

a porta da esquerda.) Helena! Helena! Minha filha! minha querida filha! *(Sáe.)*

SCENA XII

HENRIQUE E PULCHERIA

Pulcheria, apparecendo á porta do fundo, arquejante e com a voz entre-cortada.

Primo... ai... venho esfalfada!... primo... o Fortunato... ai! corra a salval-o!

Henrique, impaciente.

O' prima, peça isso ao Manrique do Trovador. *(Quer sahir.)*

Pulcheria, suspendendo-o com o gesto.

Mas primo, o Fortunato, o meu Fortunato, perdeu-se.

Henrique, como acima.

Dão-se alviçaras a quem o trouxer. *(Resignando-se com impaciencia.)* Mas o que foi?...

Pulcheria

O que foi?... Ai! eu nem posso fallar, de subir as escadas a correr, para vêr se apanhava a prima... Pois então ella antes de acabar o acto, não se levanta de repente e não sáe do camarote sem mais tir-te nem guar-te... Eu a querer apanhal-a, eu a chamar o Fortunato que é um pouco duro de ouvido... Não que uma coisa assim... Vinham já a sahir da pla-

tea... O Fortunato sem me poder alcançar por causa do rheumatismo... Eu a virar-me para traz, eu a não querer perder-me da prima... Rodeia-nos a multidão, a prima arrasta-me, manda vir um trem, mettemo-nos n'elle, e eu já não via o Fortunato. O' primo, vá procural-o.

Henrique

Elle cá vem ter.

Pulcheria, com explosão.

Mas é que lá está sósinho, mettido com aquella gente, com os janotas, que são capazes de o levarem lá dentro. O meu Fortunato nos bastidores! o meu Fortunato a vêr as dançarinas!

Henrique

Descance que o não fazem dançar! Tem rheumatismo e callos.

Pulcheria, com dignidade.

Ah! eu tenho confiança n'elle! Mas o meu Fortunato como estará envergonhado com as mulheres de theatro, mulheres que pintam a cara!

Henrique, olhando para o cabello d'ella.

E o cabello.

Pulcheria, engulindo em secco.

E o cabello... Primo, tire-me d'esta afflicção.

Henrique, que sentindo passos approximarem-se, diz.

Elle ahi vem!

Pulcheria

Ah! (*Deixa-se cahir desmaiada nos braços de quem entra ao abrir-se a porta, que é o visconde.*)

SCENA XIII

OS MESMOS, O VISCONDE, BARÃO E FORTUNATO

Visconde, vergando a carga inesperada.

Ui! (*O barão vem entrando tranquillamente de cabeça levantada. O visconde passa-lhe de improviso D. Pulcheria para os braços, dizendo-lhe.*) Acceite a carga preciosa.

Barão, surprehendido.

Hein? (*Vendo que é D. Pulcheria.*) Espera que eu já a faço tornar a si. (*Faz menção de a deixar cahir.*)

Pulcheria, pondo-se em pé muito depressa e indignada.

Monstro!

Barão, tranquillamente.

Eu bem dizia!

Pulcheria, irritada para Fortunato.

Tudo isto por tua causa!

Fortunato

Mas, menina!

Visconde, para Henrique, a quem apertou a mão.

Tive o gosto de poder offerecer a minha carrua-

gem a seu primo, que ficára separado das senhoras, e ao barão, que estava como eu desejoso de saber se a snr.ª D. Helena teria algum incommodo... Vimol-a sahir precipitadamente do camarote.

Henrique, apertando-lhe a mão.

Mil vezes obrigado pela sua sollicitude... Enfastiou-se da peça.

SCENA XIV

OS MESMOS E HELENA

Helena, sem reparar em mais ninguem, e correndo a Henrique, simples e affectuosamente.

Ah! chegou a minha vez de ralhar. Então disse-me que velava junto do berço de sua filha, e afinal sei que nem sequer lá foi?! Exijo contas severas. O que fez durante a minha ausencia?

Henrique, meigo e risonho.

Essa ausencia foi tão rapida, minha querida Helena...

SCENA XV

OS MESMOS E CATHARINA

Catharina, sahindo da direita, com duas cartas na mão, sem chapeu nem capa.

Estão promptas as cartas. (*Estaca de subito surprehendida, vendo tanta gente.*) Ah!

Helena, soltando-se rapidamente de seu marido, que tinha as mãos d'ella nas suas, olhando com surpreza para Catharina.

O que é isto?

Henrique, embaraçado.

Minha querida Helena, permitta-me que lhe apresente a minha boa amiga de infancia, D. Catharina Loureiro, a quem (*novo embaraço*) circumstancias excepcionaes obrigam a pedir-nos hospitalidade por alguns dias. (*Catharina dirige-se com affecto para Helena, e suspende-se vendo a expressão de physionomia d'esta.*)

Helena, comprimentando-a polida, mas friamente.

Minha senhora! (*Á parte, profundamente concentrada, e dando um passo para o proscenio, emquanto as attenções se desviam d'ella, porque Henrique diz algumas palavras a Catharina, e os outros conversam baixo entre si trocando sorrisos, menos o barão que olha para a recem-chegada.*) Mas o que é então esta mulher?... (*Cáe o panno.*)

ACTO SEGUNDO

O mesmo scenario do primeiro acto, com a differença que a sala está disposta para servir de gabinete de descanço para os pares n'uma soirée dançante.

SCENA I

CATHARINA E HENRIQUE

Henrique, já vestido para a recepção da noite, sentado n'um sophá, está absorto na leitura d'uma carta. Catharina entra pela direita.

Catharina, approximando-se de Henrique, sem que este a sinta.

Então, Henrique, já tens a decisão?

Henrique, levantando-se preoccupado.

De quê?

Catharina

Do meu negocio, desmemoriado.

Henrique

Oh! perdão, menina; esta crise ministerial absorve-me todo, mas encarreguei o meu procurador

de dar os passos necessarios, e esta noite deve trazer-me a resposta. Ámanhã poderás entrar no convento, já que insistes em nos deixar.

Catharina

E achas que não tenho razão?

Henrique, suspirando.

Tens, tens. Mas sê indulgente, Catharina. Que queres tu?... Nasceu assim! A tua indole séria e modesta é para ella uma reprehensão viva e constante. Não te póde vêr por isso.

Catharina, triste.

Qualquer outra faria o mesmo. Estou n'uma falsa posição, meu bom amigo.

Henrique, meneando a cabeça.

Não vai por ahi. Olha, eu não comprehendo minha mulher. Intelligencia rara, coração bom, parece-me, e com tudo isto um altivo desprezo dos sentimentos nobres! Oh céos que tormento! No dia em que tu chegaste, iria jurar que se operára uma transformação no seu caracter; pois, se houve modificação, foi para peior! Era simplesmente zombeteira, agora é sarcastica, amarga, maldosa; mostrava-me apenas indifferença, e agora vejo-lhe ás vezes no olhar lampejos de odio!

Catharina

Todos temos a nossa cruz, Henrique!

Henrique

Emfim!... (*Reparando no fato de Catharina*) Olha que é hoje a nossa reunião dos sabbados.

Catharina

Pois queres que eu appareça?...

Henrique

Decerto... Tu não estás aqui ás escondidas... E demais só recebemos intimos.

SCENA II

OS MESMOS E HELENA

Helena, entre-abrindo a porta do fundo, e vendo-os. Com ironia.

Venho incommodal-os?...

Henrique, alegremente.

Pelo contrario; vaes-me ajudar a convencer D. Catharina de que não deve faltar hoje á nossa reunião.

Helena, friamente, mas olhando fita para ella.

Creio que não tem coisa alguma de que se possa envergonhar, não é assim?

Catharina, com dignidade modesta.

Não tenho, não, minha senhora.

Helena

N'esse caso, não vejo motivos para se esconder.

Henrique

Era o que eu lhe dizia.

Catharina

Resigno-me. (*Comprimenta e sáe pela direita. Helena encolhe ligeiramente os hombros, e senta-se no sophá*).

SCENA III

HENRIQUE E HELENA

Henrique

Desejava fallar-lhe, Helena.

Helena, folheando distrahidamente um album.

Eis-me ás suas ordens.

Henrique, sentando-se a pouca distancia d'ella.

Sabe, Helena, que eu não sou d'estes maridos, que separam por um abysmo a sua vida publica da sua vida privada. Homem todo de familia, entendo que não devo dar um passo importante na minha carreira politica, sem primeiro a consultar e ouvir a sua opinião.

Helena, ironica.

Ah! eu presto-lhe justiça; é um marido da idade d'oiro, um verdadeiro patriarcha...

Henrique, sorrindo.

Um patriarcha hebreu! Qual?

Helena

Abrahão.

Henrique, espantado.

Porquê?

Helena, intencionalmente.

Talvez por causa de Sára... e Agár.

Henrique, levantando-se de sobr'olho franzido.

Que quer isso dizer?

Helena, com gesto ironico.

Oh! escusa de pedir a palavra para uma explicação pessoal. São reminiscencias biblicas.

Henrique, sentando-se com resignação levemente ironica.

Se nós podessemos ter uma conversação seguida!... (*Helena faz-lhe signal que está disposta a ouvil-o*) Sabe que o ministerio está em crise?

Helena

E que vae uma peça nova em D. Maria... Li isso nos jornaes.

Henrique, proseguindo.

O partido governamental entende que o ministerio, recompondo-se, póde ainda ter larga vida. O presidente do conselho pede-me para que eu acceite a pasta da fazenda.

Helena

Uma pasta? Eis o que transtorna as minhas ideias! Não imagino facilmente um patriarcha ministro. Ah! é verdade; temos um exemplo no patriarcha José, que foi ministro de Pharaó.

Henrique, impacientado.

Deixemos a Biblia em paz... Eu peço-lhe a sua opinião.

Helena, sempre motejando.

Ah! então, vamos a discutir o caso. Vejamos... Quaes são os deveres da esposa d'um ministro?... Não tem que ouvir as allocuções das Camaras municipaes? Póde dispensar-se em epoca de eleições, de lêr as cartas dos regedores?... Não tem que assistir ás reuniões da maioria?... nem que fazer discursos?... nem que espalhar commendas? Bem, visto isso, seja ministro á sua vontade.

Henrique, placido.

Ora diga-me: Não póde uma vez, ao menos, dar-me um conselho sério?

Helena, com ironia acerba e fria.

Eu... um conselho sério!... Enganou-se na porta... Vá pedil-o á sua amiga de infancia D. Catharina Loureiro.

Henrique

E que mal lhe fez aquella pobre senhora, não me dirá tambem?

Helena

A mim, nenhum... Porque? Pelo contrario... Apraz-me infinitamente vêr em torno de mim este casal affectuoso, que não me lembra senão Paulo e Virginia. Transformaram-me a vida n'um idyllio perenne. D'um lado Fortunato e Pulcheria, do outro Catharina e Henrique. Pombos aqui, pombos além.

O amor conjugal! a amisade fraterna! Meu Deus! vive-se em plena Arcadia n'este primeiro andar! (*Fallando, levantou-se, e Henrique tambem que a ouve de braços crusados, e com um triste sorriso: Vendo D. Pulcheria ao fundo.*) Ahi vem a rola do casal mais velho!...

SCENA IV

OS MESMOS E PULCHERIA

Pulcheria

Então! não estão elles aqui muito bem a conversar, e já tanta gente nas salas. (*Olha de FREI no de si inquieta*).

Helena, sorrindo.

O que procura? Perdeu alguma coisa, prima?

Pulcheria

Eu... não... Mas, digam-me, não viram por aqui o Fortunato?

Helena, rindo.

Não, prima, não vi o Fortunato... Mas aqui tem outro. (*Designando-lhe Henrique*).

Pulcheria, sem perceber.

Como?

Helena

Fortunato segundo. (*Sáe, rindo ás gargalhadas*).

Pulcheria, como acima, para Henrique.

Mas o que é?

Henrique, sorrindo.

É Helena que me quer por força fazer entrar na dynastia dos... Fortunatos. Vamos lá, prima Pulcheria (*Sáem*).

SCENA V

VISCONDE E FORTUNATO

Depois d'isso, ante muito rapido, entram conversando pelo fundo, lado opposto áquelle por onde sahiram os outros personagens.

Visconde

Ora não se gabe, senhor Fortunato!

Fortunato

Gabar-me eu, que sou um modêlo de discrição! Nunca devemos revelar os favores que das damas recebemos. É doutrina do meu tempo. Mas quando se é provocado...

Visconde

Então diz que sua prima Helena...

Fortunato

Minha prima Helena é uma senhora de bem, mas sensivel, como todas as Amaryllis, aos galanteios d'um delicado adorador do bello sexo; e, quando ain-

da agora lhe offereci um ramalhete, desenhou-se-lhe nos labios um sorriso tão meigo...

Visconde, olhando para o fundo.

Olhe que ahi vem sua mulher.

Fortunato, atarantado.

Oh! co'a breca. Diga-lhe que fui jogar o voltarete. (*Sáe correndo pelo fundo, esquerda*).

Visconde, rindo.

Sauve qui peut.

SCENA VI

VISCONDE, PULCHERIA pelo braço de FREDERICO

Pulcheria, vem do fundo, direita.

Aqui já eu procurei.

Frederico

É o mesmo, vê-se outra vez. Mas como eu lhe ia dizendo, minha senhora, aquella égua, alli onde v. ex.ª a vê, tem sangue andaluz nas veias. Basta olhar-lhe para as pernas.

Pulcheria, assaralhopada, e conchegando instinctivamente as saias.

Para as pernas de quem?

Frederico

Da égua, minha senhora. (*Vendo o visconde, e apertando-lhe a mão, ao largar o braço de D. Pul-*

cheria.) Adeus, visconde. (*D. Pulcheria é comprimentada pelo visconde*).

Pulcheria

Diga-me uma coisa, snr. visconde. Viu por ahi o meu Fortunato?

Visconde

Foi agora mesmo para a sala do voltarete.

Pulcheria

Oh! muito obrigada. (*Sáe precipitadamente, e encontra-se á porta com o barão que entra de cabeça levantada, acompanhado por Leandro Borges*).

SCENA VII

OS MESMOS, BARÃO E LEANDRO

Barão, como se quizesse fazer parar uma centopeia, segundo a crença popular.

S. Bento, S. Bento, S. Bento!

Pulcheria, indignada.

Monstro!...

Barão, tranquillamente.

Outro tanto. (*Pulcheria sáe, fazendo um gesto de desespero*).

Visconde, rindo.

Então as hostilidades continuam?...

Barão

Embirro com esta gente. Que diabo fazem elles aqui?...

Visconde

São uns parentes pobres de D. Helena. Diga-me; já sabe a grande novidade?...

Barão

Qual?

Visconde

Que Henrique de Mello vae ser ministro.

Barão, indignado.

É verdade. Parece impossivel! Um homem que terá de seu quando muito, meia duzia de contos!... E não se lembrarem de mim que tenho duzentos!...

Visconde

Oh! mas o Henrique de Mello é uma alta intelligencia!

Barão, como acima.

Então, e depois? Não me dirá para que serve um ministro intelligente?... A imprensa diz que os ministros não fazem senão asneiras. Pois olhe, no genero asneiras, os mais entendidos são os tolos.

Visconde, rindo.

Superiormente raciocinado.

Frederico, rindo.

Este barão sempre tem uma telha!

Barão, resentido.

Eu sou amigo do Henrique, mas não estou sa-

tisfeito; devo confessar que não estou satisfeito. Contava com a pasta, como se a tivesse nas mãos.

Visconde, em voz baixa.

Não desanime ainda. Aposto que o Leandro Borges, que é jornalista da opposição...

Barão, para Leandro, com espanto.

O senhor é da opposição?

Leandro, embaraçado.

De vez em quando... para variar.

Visconde, continuando.

Aposto que tem alli uns artiguinhos na algibeira, que hão-de levantar alguns barrancos ao Henrique de Mello, no seu caminho para o ministerio.

Leandro, ufano, e tirando papeis da algibeira.

Ora se tenho!... Eu lh'os leio... São umas bombas! Oiça.

Visconde

Agora não. Leia-os ao barão, que elle ha-de gostar. Eu vou lá para fóra, á cautela, e corro a prevenil-os, se alguem vier. (*Para o barão*) Oiça, barão, oiça! (*Á parte sahindo*) Esperem cá por mim.

SCENA VIII

LEANDRO, BARÃO E FREDERICO.

Barão

Mas então isso que vem a ser?

Leandro, muito satisfeito entre os dois.

É que eu vou mandar para a *Metralha*, jornal descabellado que redijo... guardem-me segredo... debaixo dos veus do anonymo, vou mandar umas bombas que hão-de fazer rabear o Henrique de Mello. Pedante! Diz que os meus artigos são incomprehensiveis, pois estes ha-de entendel-os de mais!

Frederico

Então é pilota, hein?

Leandro

Olé!

Barão

Vamos a ouvir isso. Eu sou amigo do Henrique de Mello, mas lá o elle ser ministro, ficou-me atravessado na garganta.

Leandro

Pois então! Amigos, amigos, pastas á parte! Oiçam... Primeira bomba.

Frederico, esfregando as mãos.

Venha de lá.

Leandro, lendo.

«Consta-nos que vae gerir os negocios da fazen-

da o illustre deputado, o snr. Henrique de Mello e Castro. A administração de s. ex.ª deve fazer lembrar os aureos tempos da primitiva Roma, porque nos dizem que o novo estadista já recebeu da provincia uma nympha Egeria»...

Barão, interrompendo-o.

Que diabo é isso? O senhor vem a fallar na D. Pulcheria?

Frederico, lendo por cima do hombro de Leandro.

Nympha Egeria é que lá está.

Leandro, impacientado.

Pois já se vê, nympha Egeria, a inspiradora de Numa.

Barão

Quem é esse Numa? É visita cá de casa?

Leandro, como acima.

Um rei de Roma, que vivia ha perto de trez mil annos.

Barão

Ó homem, olhe que eu estou com pressa. E se o senhor começa no rei Numa, quando é que chegará ao Henrique de Mello?

Leandro

Mas v. ex.ª não vê que isto é uma insinuação?

Frederico, explicando.

Sim, como quem diz, uma pega de cernelha.

Barão, já um pouco de má catadura.

Eu gosto mais de pegas de cara.

Leandro

Pois eu devia dizer antes uma semi-revelação.

Barão, impaciente

Olhe! se esse artigo é dos incomprehensiveis, avise, que é para a gente ficar descançada.

Leandro

Não, senhor... (*Com pausa*) Digo que o Henrique de Mello tem uma nympha Egeria que é para o publico perceber... Entende?...

Barão, espontaneo

Eu não!

Frederico, encolhendo os hombros.

Parece impossivel.

Leandro, desdenhoso.

Ó Frederico, explica-lhe lá.

Frederico, escarranchando-se n'uma cadeira.

Oiça... O Leandro diz que o Henrique de Mello tem uma nympha Egeria, que é para o publico perceber... que a não tem... quero dizer... (*Para Leandro*) Ó aquelle, para te fallar a verdade, as explicações não são o meu forte.

Leandro

Ó senhores, eu desejava conservar a censura envolta nos veus diaphanos da allusão; mas querem que eu rasgue o veu?

Frederico

Ó aquelle, rasga.

Leandro, sentencioso.

Pois bem! A moralidade do homem privado é a

garantia unica da moralidade dos seus actos na vida publica, não é assim? *(O barão olha para Frederico, dando a entender que percebe cada vez menos).*

Frederico, respondendo ao olhar do barão.

É que ainda não rasgou senão uma ponta. Espere!...

Leandro, com força.

E não é immoralissimo que suba a ministro um homem, quando acaba de mandar vir da provincia a sua amante, para a ter aqui em casa, á face de Deus e do mundo?

Barão

Qual amante?...

Leandro

A D. Catharina Loureiro. Pois quem?

Barão, profundamente espantado

Que me diz?... Ah! minha pobre D. Helena!

Leandro, rindo.

Não tenha dó d'ella. Não lhe faltam consolações.

Barão

Como assim?

Leandro, rindo muito.

Este barão é d'uma ingenuidade pasmosa! É a nata dos barões, é a perola dos deputados! É um barão ante-diluviano. Viveu no Paraizo com Adão e Eva, e não acreditou na serpente! Pois o senhor imagina que D. Helena, uma mulher da moda, ainda es-

tava á espera que o marido lhe désse o exemplo! Ah! Ah! Ah!

Frederico, rindo muito tambem, e dando uma cotovelada no barão.

O senhor está a lêr! Ah! Ah! Ah!

Barão, esfregando as mãos com mal reprimida colera.

Então vem a dizer na sua, que D. Helena se porta mal, não é assim?...

Leandro, rindo.

Ha expressões mais suaves.

Barão, crescendo para elle.

Pois eu que tenho tanto affecto a D. Helena como se ella fosse minha filha, não consinto que o senhor ponha a bôca damnada na sua boa fama, não quero, repito! E não me faça subir a mostarda ao nariz, senhor Leandro Borges.

Leandro, espantado.

Mas, barão...

Barão, vermelho de colera.

Com seiscentos milheiros de milhões de demonios, pois então aquella pobre rapariga só porque é alegre e gosta de rir, e porque o marido, segundo vejo, não a trata como deve, ha-de ser manchada pela sua lingua de vibora, e pelos maldizentes que a cercam! Não quero. Eu sou um alarve, mas não gosto de vêr ultrajado quem se não póde defender, e, ou o senhor me vae dizer que mentiu, ou vae aqui tudo razo, co'a breca!

Leandro, fortificando-se detraz d'uma cadeira.

Barão, prudencia!

Frederico, esfregando as mãos muito satisfeito.

Á unha, Leandro, á unha!

Barão, pegando n'uma cadeira e avançando para Leandro.

Diga-me já que mentiu, sô biltre, que mentiu infamemente como um canalha que é, ou parto-lhe esta cadeira nas costas, e levo-o depois de rastos por uma orelha a pedir perdão a D. Helena. Diga que mentiu.

Leandro, querendo apparentar energia, mas abrigando-se com os trastes.

Barão, eu não cedo... a essas...

SCENA IX

OS MESMOS E HELENA

Helena, parando espantada á porta do fundo.

O que é isto? (*Supremo embaraço nos personagens que estão em scena, o barão pára e fica de bóca aberta e de cadeira levantada. Frederico, que assistira ao fim da scena antecedente, como se estivesse n'um palanque de toiros, esconde-se por traz d'elle. Leandro, que é quem está mais proximo de Helena, não faz senão comprimental-a, com um sorriso estereotypado nos labios*).

Leandro, balbuciando, mas com um modo muito amavel, e apontando para a cadeira do barão.

Isto... minha senhora, isto... é... é uma cadeira.

Helena, para o barão, friamente.

E o barão tenciona mobilar a atmosphera?

Barão, muito embaraçado e olhando para a cadeira, sem se lembrar de a pôr no seu logar.

É verdade!... Não sei como isto foi!.. É notavel!... Ia a pegar no chapeu... enganei-me... e peguei na cadeira.

Helena, como acima.

Para a pôr á cabeça?

Barão, olhando significativamente para Leandro.

Nada... era para a pôr ás costas de...

Leandro, atalhando muito depressa, e com muita amabilidade para Helena.

A excessiva modestia do barão impede-o de narrar o acontecido; o barão estava-nos explicando o jogo das machinas de guerra com que os Romanos...

Barão, interrompendo-o.

Com que os Romanos iam ao faval aos Gregos; é isso exactamente.

Helena

E segundo vejo, são muito expressivas as suas explicações. (*Para o barão que está ainda com a cadeira*) Se o barão faz empenho em levar a cadeira para casa, está ás suas ordens, mas não fazendo...

Barão, muito embaraçado, indo pôr a cadeira no seu logar.

Oh! perdão, minha senhora.

Helena, para todos.

Já se estão organisando as primeiras contradanças, e as senhoras reclamam pares.

Leandro, muito satisfeito por se poder escapar.

Corro ás salas, minha senhora. (*Os outros igualmente satisfeitos querem seguil-o*).

Helena

Uma palavra, barão! (*Frederico e Leandro sáem*).

SCENA X

HELENA E BARÃO

Helena, sentando-se, e fazendo signal ao barão para que a imite; tranquillamente.

O barão ha-de confessar que as cadeiras não estão habitualmente na posição em que me pareceu ainda agora disposto a collocal-as?

Barão, embaraçado.

Effectivamente... minha senhora... não é costume...

Helena, continuando.

E devo confessar tambem que, por muito erudito que o julgue, barão, olhando para os moveis d'esta sala, não vejo como elles podéssem servir de

commentario explicativo a uma descripção de machinas romanas.

Barão, cada vez mais embaraçado.

De machinas? (*Á parte*) Deixa estar, patife, que as não perdes.

Helena

Bem, e em conclusão, o que se passou aqui?

Barão

Aqui, minha senhora?

Helena, franzindo levemente o sobr'olho.

Creio que tenho direito de saber o que se passa em minha casa!

Barão

Mas, minha senhora, não se passou coisa alguma...

Helena, sem fazer caso das negativas d'elle.

Quando eu entrei, o Leandro tinha nas mãos um papel que escondeu rapidamente. Eu sei que elle é d'estes jornalistas que não recuam diante do insulto e da calumnia. A quem insultava elle?... Ao barão?

Barão, espontaneo.

Que se atrevesse!

Helena

A mim?

Barão espontaneo.

Esmagava-o!

Helena

A meu marido, n'esse caso?

Barão, embaraçado.

Ora qual historia, minha senhora!

Helena

Olhe que eu ouvi algumas palavras soltas do final do seu discurso!

Barão, aterrado.

Ouviu?... (*Embaraçado pelo olhar penetrante de Helena, e tomando uma subita resolução*) Eu cá não sei mentir; quando vou para ahi, metto os pés pelas mãos, e não dou rego. Pois é verdade... Que aquelle biltre atacasse seu marido na sua vida publica, vá, mas na sua vida particular...

Helena, com anciosa curiosidade.

Na sua vida particular?!... Repita-me o que elle dizia.

Barão, embaraçado.

Tolices... que nem vale a pena...

Helena; com desespero.

Pois nem já no barão posso ter confiança! Eu que o julgava meu amigo!

Barão, afflicto.

Não me diga isso, D. Helena! Olhe que sou capaz de ir ao fim do mundo, para lhe não ouvir essas palavras... Dizia... nem eu sei o quê... a respeito de seu marido e da D. Catharina!

Helena, empallidecendo.

Ah! Bem o presenti!...

Barão, com modos de consolação.

Mas são calumnias, eu vou jurar que são calumnias.

Helena, com ironia amarga.

Não ponha as mãos no fogo, barão.

Barão, com muito calor.

Pois tambem, se fôr verdade, seu marido comigo se ha-de haver. Não sei o que é isto que sinto pela senhora, se é affecto de pae, se que diabo é; mas o que sei é que não quero que afflijam a minha D. Helena.

Helena, affectando modos de fria altivez.

E quem lhe diz que me affligem?... Imagina que eu cahiria no ridiculo de ter ciumes de meu marido?

Barão, com um desapontamento misturado de espanto.

Mas, minha senhora... era natural. Olhe, a baroneza não é lá mulher de meiguices, mas, se ella soubesse que eu andava com a cabeça á roda, Felisberto eu me não chame, se, apesar de estarem feitas as pazes, ella me não arrumava um tabefe como o que apanhei no primeiro dia do casamento.

Helena, friamente.

Mas eu é que não sou a baroneza. (*Procurando disfarçar a sua agitação*). Só me resta agora agradecer-lhe, meu bom amigo.

Barão, olhando para ella desconfiado e meio afflicto.

Não me agradeça que não estou contente. Parece-me que fiz asneira.

Helena, affavel.

Não fez, não; foi, como sempre, bom e leal (*despedindo-o com o gesto*). Até já.

Barão

Hum! (*Á parte, sahindo*) Emfim, do mal o menos. Eu não lhe havia de dizer que fôra por causa d'ella.

SCENA XI

HELENA. Só.

(*Levando a mão ao coração*). Que novo sentimento me invade?... É o meu orgulho que padece!... Já todos o sabem... Em toda a parte se falla n'isto... Estou sendo alvo dos risos d'uns, e, o que ainda é peior, da compaixão dos outros... Não posso atravessar as salas sem lêr nos olhares de todos, uma piedade sarcastica, um dó que me revolta!... Não quero, não posso supportar semelhante affronta. (*Olhando para o fundo com um resentimento concentrado*) Elles!... (*Procura compôr a phisionomia*).

SCENA XII

HELENA, CATHARINA E HENRIQUE

Catharina, approximando-se de Helena, com uma polidez um pouco ceremoniosa, mas suave.

Minha senhora, acabo de receber, por intermedio de seu marido, a noticia de que tudo está prompto para eu entrar no convento. Permitta-me v. ex.ª que desde já lhe agradeça a sua benevola hospitalidade de que abusei mais do que devia...

Helena, friamente.

É uma resolução inabalavel?...

Catharina

Sim, minha senhora.

Helena, com intenção. Durante a scena toda as suas palavras são muito accentuadas.

E não procura uma ultima vez reconciliar-se com seu marido?

Catharina, tristemente.

Se v. ex.ª conhecesse bem a minha dolorosa vida, não me faria essa pergunta.

Helena

Ah! é porque eu creio que padeceria muito, antes de tomar uma resolução tão extrema.

Catharina, como acima.

Soffri tudo quanto póde comportar a paciencia humana.

Helena

Meu Deus, eu sou uma mulher frivola como v. ex.ª ha-de saber, e não posso por conseguinte comprehender os sentimentos que guiam as pessoas graves, sérias, modestas; mas, antes de affrontar o escandalo, antes de arrojar o nome de meu marido, que era tambem o meu, aos sarcasmos, á censura, ou pelo menos ás conjecturas da sociedade, parece-me que havia de reflectir profundamente!

Catharina, já magoada.

Dê v. exc.ª graças a Deus, de a ter poupado ás provações por que eu passo.

Helena, com ironia acerba e mal disfarçada.

Ah! sim; eu sei que v. ex.ª pertence á vasta familia das martyres. Mas está bem certa de ter resistido, tanto quanto deveria, ás tentações do martyrio?...

Catharina, embaraçada e pungida.

Minha senhora...

SCENA XIII

OS MESMOS E VISCONDE

(Durante esta scena, entram com differentes intervallos, alguns convidados de ambos os sexos).

Helena

Chegou a proposito, visconde.

Henrique, dando um passo para ella com espanto.

Helena!

Helena, fria e tranquillamente.

O que é?...

Henrique

Nada. (*Á parte*) O que quer isto dizer?

Helena, continuando, para o visconde.

Discutia-se aqui uma these social, em que o seu conhecimento do coração humano, nos póde servir de muito. Dizia eu, que tem notaveis tentações o martyrio.

Visconde, sorrindo.

Creio que as sentiram os primitivos christãos.

Helena

Oh! eu não fallo d'essas que não seriam decerto do gosto das nossas martyres actuaes; porque devo dizer que estes, a que me refiro, pertencem habitualmente ao meu sexo.

Visconde

Ah!...

Helena

Fallo em geral... Ha pois actualmente algumas senhoras, cujas almas puras, ineffaveis, ethereas, ligadas pelo casamento a espiritos brutaes que as não comprehendem, partem sem mais ceremonia esses laços, e vão atravez do mundo procurar as almas irmãs de que o destino ou a fatalidade as separou... (*Para Catharina*) Vem historias semelhantes nos

romances de Jorge Sand, não é verdade, minha senhora?...

Catharina, grave, triste, profundamente abatida.

Nunca li os romances de Jorge Sand.

Helena, com ironia implacavel.

Ah! v. ex.ª nunca leu os romances de Jorge Sand!... Essas almas vagabundas, que fluctuam n'uma situação bastante irregular, parece que devem ser condemnadas pela sociedade prosaica, mas a sociedade tem tambem ás vezes as suas explosões de lyrismo; deu-lhe agora para as cingir da aureola do martyrio, para as doirar com o prestigio da poesia. São anjos cahidos, a quem o destino roeu as azas, que maculam a sua candida tunica nos tremedaes da terra, e poetas, folhetinistas, o mundo illustrado em pezo, curva-se em adoração diante de cada uma d'ellas, e exclama em côro: O' anjo! ó deusa! ó martyr!

Henrique, á parte, profundamente agitado.

Mas isto é uma infamia.

Helena, com voz vibrante e amarga.

Já vê, visconde, que póde ter tentações o martyrio que assim se transforma em apotheose. Mas sou eu menos indulgente do que a sociedade, e confesso que me não commove esse martyrio que se ostenta, essa dôr que se apregôa. Comprehendo as agonias obscuras que se devoram no seio do lar, não as que, affrontando o escandalo, querem dar ainda á impudencia a côr d'uma virtude. E, quando

vejo alguma d'essas proscriptas da familia atravessar o mundo d'olhos baixos, com a face banhada em pranto, mas apresentando com vaidade as feridas que se occultam, sinto não sei que tentação de me chegar a ella, de lhe arrancar a mascara, e de lhe dizer: Mentes! Tu não és o martyrio, tu és a hypocrisia!

Catharina, com a voz affogada em lagrimas.

V. Ex.ª é cruel, minha senhora.

Henrique, avançando um passo, e com voz lenta, posto que fremente.

Cruel e injusta. Sinto realmente que lhe esteja arraigado na alma tão profundo scepticismo, Helena, e dou graças ao céo por me ter conservado uma boa fé que me expõe a ser victima, nunca a ser algoz. Quando vejo as lagrimas d'um ente fraco e desprotegido, não sinto logo tentações de ir vêr se é sobre o rosto ou sobre a mascara que ellas correm, e as feridas *que se ostentam*, confesso que não tenho animo de as ir exacerbar com o fel do insulto. Se me apparecesse uma d'essas *proscriptas da familia*, trazendo no rosto a luz da virtude que se não finge, com os pés rasgados pelos abrolhos da estrada, com a cabeça curva ao pêso das insinuações malevolas, eu, que me ufano de ter um nome até hoje immaculado, eu, em cujo caracter creio que ninguem poderá lançar a sombra d'uma duvida, não hesitaria em offerecer o meu braço e a minha protecção á mulher infeliz que esmagam com os seus desdens as ven-

turosas do mundo. (*No meio de profundissimo silencio de todos, depois de olhar um instante para Helena, que o escutou com sarcastico desdem, dá um passo para Catharina com a visivel intenção de lhe offerecer o braço*).

Helena, correndo a elle, e segurando-lhe no pulso com um movimento rapido como um relampago, com voz em que vibra violenta ameaça.

Henrique!

Henrique, friamente.

O que é?... (*Os olhares de ambos cruzam-se um momento sem se abaixarem, chammejantes de altivez e de mutuo resentimento*).

Helena, levantando um pouco o braço de seu marido, com a maior naturalidade.

Um botão da luva desabotoado.

Henrique, sorri-se com desdem, e abotôa a luva, dirigindo-se para D. Catharina. Ouve-se fóra o preludio d'uma polka. Dirigindo-se a D. Catharina com extremos de respeitosa cortezia.

V. Ex.ª concede-me a honra d'esta polka?

Catharina, convulsa, com voz que mal se ouve.

Bem sabe que não danço. (*Baixo*) Henrique, por amor de Deus.

Henrique, baixo, com voz rapida.

Obedece. (*Alto*) Dê-me pelo menos licença que a conduza ás salas.

Catharina, baixo e hesitando.

Henrique, peço-te!...

Henrique, baixo e rápido.

Deve ser publica a reparação, como o foi a affronta. (*Catharina faz um gesto de desespero, mas dá-lhe o braço, e sáe com elle. Os convidados sáem tambem, á excepção do visconde*).

SCENA XIV

HELENA E VISCONDE

Visconde, approximando-se de Helena. Com voz insinuante.

V. Ex.ª não se esquece de que me prometteu esta polka?

Helena, que durante o final da scena anterior, mal conseguiu disfarçar a sua férvida indignação, voltando-se para o visconde com febril coquetteria.

Oh! não, decerto. Nem o visconde é cavalheiro de quem uma senhora facilmente se esqueça. (*Com um riso forçado*) Que lhe pareceu o eloquente discurso de meu marido? Falla com tanto enthusiasmo na tribuna? Acode-lhe tão de prompto aos labios o verbo inflammado? Oh! então, não posso deixar de comprehender os seus triumphos parlamentares!

Visconde, embaraçado.

Minha senhora...

Helena, proseguindo.

É verdade que esta férvida eloquencia brota uni-

camente do coração. Só se defendem com tanto ardor as causas que se tomam bem a peito, não é verdade? (*Ri-se ás gargalhadas*).

Visconde, cada vez mais embaraçado.

Mas...

Helena

Oh! espanta-o decerto o meu riso a proposito de sentimentos tão cavalheirescos e nobres como os que meu marido expendeu; mas tambem quem esperava encontrar n'um futuro ministro da fazenda, um D. Quixote das salas, quebrando lanças a prol das damas perseguidas! (*O riso continua*).

Visconde, quasi afflicto.

Esse riso...

Helena, proseguindo, sem o attender, amargamente.

E então no ardor da defeza torna-se aggressivo! Arroja o vilipendio ás outras, sacrifica todas aos pés do idolo a quem adora. Para mais o satisfazer não teme arrojar o insulto a quem já sente no peito bastantes amarguras. (*Voltando a rir-se*) Meu Deus, quem me diria que Henrique era um cavalleiro andante d'esta especie...

Visconde, devéras afflicto, com força.

Minha senhora, esse riso é falso... Eu bem sinto que padece... Chore... chore...

Helena

Chorar!... Eu não sei chorar!... Ellas é que choram, as hypocritas que nos vem arrancar os maridos. Nos seus olhos as lagrimas são um laço, é o

martyrio um plano, a resignação um attractivo. E elles deixam-se seduzir por tão banal astucia. Desprezam os seus lares para irem enxugar esse mentido pranto... Se ellas sabem chorar tão bem! Eu não! eu sou a mulher frivola, visconde, eu rio, bem vê, bem vê que eu rio. (*Principia uma gargalhada convulsa, mas não póde, e deitando-se para traz começa a soluçar perdidamente*).

Visconde, amparando-a com o braço, e vendo apparecer Henrique ao fundo, baixo para ella.

Seu marido, olhe seu marido!

SCENA XV

OS MESMOS E HENRIQUE

Helena, fazendo esforços violentos para recobrar a serenidade.

Ah! (*Vendo que o não consegue*) Não posso, não posso!

Henrique, surprehendido de vêr sua mulher nos braços do visconde, avançando com os olhos scintillantes.

O que é isto?

Helena, vendo d'um lado seu marido que se approximou irritado e inquieto, do outro o visconde que a ampara, não conseguindo suffocar os soluços, com supremo desespero, e affastando-os a ambos, com voz secca e vibrante.

Deixem-me, deixem-me! Não vêem que me ma-

tam! (*Deixa-se cahir n'um sophá, com um ataque nervoso*).

Visconde, indo a correr a ella.

Meu Deus!

Henrique, interpondo-se com altivez, e com a voz suffocada por todas as commoções que facilmente se imaginam.

Perdão! o senhor é apenas seu par, mas eu... sou seu marido! (*O visconde inclina-se. Henrique dirige-se pressuroso a Helena*). (*Cáe o panno*).

ACTO TERCEIRO

Encruzilhada de uma quinta nos arredores de Lisboa. Cinco alamedas, duas á direita, duas á esquerda e uma ao fundo. A da direita, no primeiro plano, conduz á fachada lateral do palacete, a do segundo plano, á entrada principal, as da esquerda á quinta, a do fundo ao portão. E' ao cahir da tarde, e désce a noite durante o acto.

SCENA I

BARÃO E PEDRO.

Barão, entrando, seguido por Pedro, que vem respondendo ás perguntas d'elle.

Olhem que ideia!... Virem agora para o campo, quando mal começa a primavera!... E então sem prevenirem ninguem... E' que bati com as ventas na porta!... Que diabo de mosca lhes mordeu, não me dirás, ó tu, não sei como te chamas?

Pedro

Pedro, um criado de v. ex.ª

Barão, affirmando-se n'elle.

E' verdade. Foste tu que me apanhaste dois murros bem puchados?

Pedro, cortejando.

E meia libra.

Barão

E meia libra tambem? Ainda sou mais tolo do que julgava. (*Suspirando.*) Mesmo assim nunca eu tivesse feito asneiras maiores!

Pedro, espontaneo.

Lá isso é verdade.

Barão, indignado.

Vê se te calas! (*Pedro fica immovel e silencioso.*) Anda, responde; porque foi esta vinda subita para o campo?

Pedro

V. ex.ª mandou-me calar.

Barão, zangado.

Mandei-te calar, que é para tu fallares... Estes brutos não percebem nada.

Pedro

Pois então saberá v. ex.ª que os medicos aconselharam a mudança d'ares para a senhora se restabelecer completamente. Depois do ataque nervoso, que ella teve no sabbado... V. ex.ª ha-de saber?

Barão

Sim, e depois?...

Pedro, tomando uns ares confidenciaes.

Dizem que foram ciumes... Elle... a senhora D. Catharina, logo no domingo foi para o convento da Esperança... que eu sempre desconfiei...

Barão, esfregando as mãos com um modo, que prognostica tempestade.

Ah! desconfiaste?... Eu tambem desconfio...

Pedro, approximando-se.

V. ex.ª tambem?

Barão

Desconfio que tenho uma comichão na palma das mãos...

Pedro, recuando, á parte.

O' diacho!

Barão, vendo que elle emmudece.

Então não fallas?... Anda, falla, falla!...

Pedro, á parte, e recuando sempre.

E' para eu me calar; já vou percebendo.

SCENA II

OS MESMOS, HENRIQUE

Henrique, vestido como quem vae montar a cavallo. Para o barão.

Oh! bem apparecido, barão. (*Apertam-se as mãos. Para Pedro.*) Está apparelhado o cavallo?

Pedro

Eu já transmitti ao Joaquim as ordens de v. ex.ª

Henrique

Bem; dize-lhe que m'o traga aqui ao portão da quinta.

Pedro

V. exc.ª quer mais alguma coisa? (*Henrique faz-lhe um signal negativo. Pedro comprimenta e sáe pela direita.*)

SCENA III

BARÃO E HENRIQUE

Henrique, apertando cordealmente a mão do barão entre as suas, e um pouco febril.

Barão, desculpa-me, sim?... Trato-o com a sem-ceremonia da amizade. Vou dar um curto passeio a cavallo, para desafogar, para respirar livremente estes ares puros do campo que me retemperam... O campo! Ah! barão, nunca eu o tivera deixado para me embrenhar nas cidades, onde tudo é empestado e vil... Emfim!... O barão entretanto vae lá a cima... Helena recebe-o, e espero encontral-o ainda, quando voltar, não é verdade?...

Barão, correspondendo affectuosamente á cordialidade de Henrique.

E então ella está melhor?

Henrique, um pouco friamente.

Sim! está melhor! (*Vendo o visconde ao fundo e carregando-se-lhe a physionomia.*) Por aqui?

SCENA IV

OS MESMOS E O VISCONDE

Visconde, depois de comprimentar os dois, com desembaraço para Henrique, apezar da frieza com que este o recebe.

Venho perseguil-o ao seu retiro campestre... (*Interrompendo-se.*) Como está a senhora D. Helena?

Henrique, friamente.

Menos mal.

Visconde

Perseguil-o, como a Cincinnato... em nome da politica.

Barão

Ah! se se trata de politica, fujo.

Visconde, rindo.

O barão agora foge da politica?

Barão, olhando fito para elle.

Fujo, sim senhor; desde que vi que ella nos punha forçosamente em contacto com gente de duas caras, que sorri, e que atraiçôa. Adeus, senhor visconde. (*Sahe pela direita.*)

SCENA V

HENRIQUE E VISCONDE

Visconde, rindo.

Sempre excentrico, este barão.

Henrique, sério.

E' uma triste epocha, senhor visconde, aquella em que lealdade é synonymo d'excentricidade.

Visconde, á parte.

Podes zangar-te quanto quizeres, que não me vou embora. (*Alto, com ar affectadamente sentencioso.*) Bem triste, snr. Henrique de Mello, bem triste... Mas, como ia dizendo, o ministerio convoca hoje a uma reunião a parte da maioria que se conserva fiel. Eu estava em casa do presidente do conselho, quando isso se decidiu. Queriam avisal-o. Como vinha para este lado, offereci-me, aproveitando gostoso o ensejo de o procurar e servir.

Henrique, frio.

Muito obrigado.

Visconde

Se v. ex.ª não quer demorar-se, está a minha carruagem ás suas ordens.

Henrique

Eu ia dar um passeio a cavallo; dirijo o meu passeio para Lisboa.

Visconde

Como quizer... Posso apresentar os meus respeitos a sua esposa?

Henrique, indicando-lhe o caminho de casa.

Pois não! (*Visconde troca um frio* shake hands *com elle e sae pela direita.*)

SCENA VI

HENRIQUE, só.

(*Com profunda concentração.*) Este homem!... (*agitado.*) A scena maldita de sabbado não me sahe da cabeça... Eu offendera-lhe o orgulho!... O unico sentimento que vive ainda na sua alma!... E é então o visconde o seu confidente dilecto?... Hão-de ligar-se bem!... Ambos frivolos, ambos desprezando tudo o que é nobre e grande!... E ella a rasgar cada vez mais o abysmo profundo que nos separa!... O barão tambem desconfia!... Ah! se eu tenho uma certeza, um fundamento qualquer para a duvida atroz que punge, lacera-te embora, coração, isto ha-de quebrar-se por uma vez.

SCENA VII

HENRIQUE E HELENA, entrando pela esquerda.

Henrique, espantado.

Ah! estava na quinta?....

Helena, zombeteiramente poetica.

E' verdade, fui, como Ophelia, desfolhar flôres no riacho palreiro que lá ao fundo deslisa... Estou sendo terrivelmente romantica... Ando sósinha pela quinta, á procura do ideal, confiando ás brisas os suspiros da minha alma, esmagada pelo mundo que me não comprehende... Ah! vou ser Dulcinea, que os D. Quixotes não faltam.

Henrique, tranquilla e seccamente.

Acabou?... Devo prevenil-a que vou a Lisboa.

Helena, com um movimento espontaneo.

Vae a Lisboa?... Fazer o quê?

Henrique

Assistir a uma reunião da maio...

Helena, voltando ao tom sarcastico.

Oh! perdão. Foi uma pergunta irreflectida. Vae a Lisboa, porque tem na vontade. Poupe-me por Deus, ás particularidades dos seus negocios... politicos. Eu não lhe peço satisfações.

Henrique, rude.

Nem eu lh'as dou. (*Amargo.*) Sei perfeitamente

que em nada lhe interessa a minha vida, e não desejaria enfadal-a com semelhantes pormenores... Quiz perguntar-lhe apenas se desejava alguma coisa de Lisboa, e avisal-a de que venho tarde.

Helena, com um lampejo de colera.

Ah! vem tarde! (*Dominando-se.*) Creio que temos luar, propicio sempre aos sonhos dos... namorados. Olhe, quero pedir-lhe uma coisa. Se fizer versos esta noite... não m'os leia.

Henrique, como acima.

Eu não faço versos, minha senhora. Dê-me as suas ordens. (*Leva a mão ao chapeu e vae a sahir.*)

Helena, sente-se que deseja retel-o mas que não se resigna a dar-lh'o a entender.

Diga-me. (*Henrique pára. Depois de breve lucta intima, e procurando affectar indifferença.*) Onde mora o ministro?

Henrique, approximando-se surprehendido.

A' Esperança.

Helena, como se esperasse e temesse esta resposta.

Ah! (*Para Henrique, febril e rude.*) Não quero demoral-o, snr. Henrique de Mello, provavelmente está com pressa.

Henrique, irritado.

Estou sim, minha senhora. (*Volta-lhe as costas com impaciencia e sáe rapidamente pelo fundo.*)

SCENA VIII

HELENA. Só.

(*Agitadissima.*) Vae ter com ella, é claro... Nem sabe ao menos mentir... Só lhe lembrou o nome do sitio onde ella está... Oh! meu Deus! pois eu terei ciumes!... Eu... E' que não quero que zombem de mim!... E não poder seguil-o!... Se fosse homem, se eu estava aqui encerrada, emquanto elles, enlevados no seu reciproco affecto... E estará ella realmente no convento?... Hei-de sabel-o, quero sabel-o por força... Meu Deus! meu Deus! mas como?

SCENA IX

HELENA E FORTUNATO

Helena, vendo Fortunato que entra pelo fundo, e tendo uma ideia subita.

Ah! (*Correndo a elle.*) Primo Fortunato, quer fazer-me um favor?

Fortunato, com galanteio.

Quantos quizer.

Helena

Primo, eu preciso forçosamente de ir a Lisbôa,

mas não quero que ninguem o saiba... depois lhe explicarei porquê. O primo vae arranjar uma carruagem e acompanha-me?

Fortunato

Com immenso gosto, minha formosa prima... Ui! mas se minha mulher pergunta por mim!

Helena, impaciente e rindo-se ao mesmo tempo.

Deixe-a perguntar. Revolta-se uma vez, revoltamo-nos ambos.

Fortunato, com enthusiasmo.

Está dito; revoltamo-nos ambos. Eu então que nunca me revoltei, nem no tempo da Maria da Fonte, quero saber que tal isso é. Viva a independencia! E demais a mais sou eu que governo, não é verdade, prima Helena?

Helena

Já se vê. Não se demore e venha esperar-me n'este sitio. Eu não tardo. Obrigada, primo Fortunato, obrigada. (*Sahe correndo pela direita.*)

SCENA X

FORTUNATO, *só.*

(*Todo vaidoso.*) Revoltamos-nos ambos!... Como ella disse aquillo!... Ficou-me o coração a palpitar... E' que revoltar-se a gente com a prima Helena deve ser coisa saborosa!... Até me sinto mais leve... Te-

nho vinte annos de menos... Mas espera, como heide eu agora arranjar uma carruagem!... E' que ella julga-se em Lisboa!

SCENA XI

FORTUNATO E VISCONDE

Visconde, vindo pela direita 2.º plano. Á parte.

Desembaraçar-me do marido para ficar em *tête-à-tête* com o barão, esta só pelos diabos.

Fortunato, vendo-o.

Oh! (*Dirigindo-se a elle.*) Snr. visconde... (*Com ares mysteriosos.*) Diga-me, sabe onde eu poderei arranjar agora uma carruagem?

Visconde, espantado.

Uma carruagem... para quê?...

Fortunato, com modo dogmatico.

Mancebo, deixe-me ensinal-o... Os segredos das damas guardam-se no coração.

Visconde, repetindo approvativamente.

No coração... A prima Helena precisa d'uma carruagem?

Fortunato, levando um dedo aos labios.

Visconde!

Visconde

Maganão!... está feito confidente!

Fortunato, com um riso ironico.

E' o papel que melhor convem á velhice...

Visconde

Hum!

Fortunato, como acima.

Mas a velhice tambem tem os seus privilegios, inspira confiança; e não era decerto a um primo como o visconde, que uma formosa prima se dirigiria, dizendo-lhe com a sua voz mais dôce: «Acompanha-me a Lisboa? Espere-me aqui. Vamos ambos, sósinhos». Ah! Ah! Ah!

Visconde, á parte, rapido.

Helena vae a Lisboa em segredo!... Aqui andam ciumes! (*Alto.*) Pois senhor Fortunato, eu, se fosse a sua mulher, não tinha confiança na tal velhice. Vejo-o de perna tesa, de olhar scintillante...

Fortunato, cheio de si e com humildade affectada.

Ora, quem sou eu? Um velho pretencioso que não faço senão gabar-me.

Visconde

Senhor Fortunato, seja clemente. Não me opprima com o pezo da sua ventura. Quer que lhe peça perdão de joelhos?

Fortunato, magnanimo.

Não; basta que me diga onde hei-de alugar uma carruagem.

Visconde

Aqui? Impossivel. (*Como occorrendo-lhe uma ideia subita.*) Mas tem a minha!

Fortunato

A sua? Ora essa!

Visconde

Minha por hoje... Aluguei uma, para não ter que ir a casa.

Fortunato

Então agradeço, e acceito.

Visconde

Vou avisar o cocheiro. (*Á parte.*) Espera que eu te arranjo. (*Apertando a mão a Fortunato; declamatoriamente.*) *Ó fortunate senex!* (*Sáe com rapidez, pelo mesmo lado por onde entrou.*)

SCENA XII

FORTUNATO, *só.*

Pois sim, chama-me *senex;* o que tu tens é inveja. Estes creançolas cuidam que só elles é que são gente. (*Rindo muito satisfeito.*) O visconde ficou de queixo cahido, isso ficou.

SCENA XIII

FORTUNATO E LEANDRO

Leandro, entrando pelo fundo, com alguma precaução. A' parte.

Se eu encontrasse alguem para me informar do estado dos espiritos cá por casa... que deixar um bilhete nunca faz mal. (*Vendo Fortunato.*) Oh! magnifico!

Fortunato, vendo-o e aterrado.

Ceus! um emprazador!

Leandro, dirigindo-se a elle.

Como está, senhor Fortunato? E sua excellente esposa como passa?

Fortunato, de mau modo.

Muito bem, muito obrigado.

Leandro, como acima.

E sua prima, D. Helena, está melhor?

Fortunato, apontando para a direita, e querendo sahir pelo mesmo lado.

Ahi vem o barão que lhe póde dar noticias frescas... Se me dá licença...

Leandro, á parte.

Oh! co'a breca! (*Alto.*) Vem ahi o caro barão? Pois corro ao seu encontro. (*Saindo rapido pela esquerda, á parte.*) Safo-me pela porta verde.

Fortunato, espantado.

Não é por ahi. *(Continua ao bastidor chamando-o com gestos.)*

SCENA XIV

FORTUNATO E BARÃO

Barão, entrando, á parte de mau modo.

Primeiro o visconde, depois a D. Pulcheria, e D. Helena sem apparecer! Pois vou-me embora!

Fortunato, voltando-se com impaciencia por vêr a inutilidade dos seus gestos.

Pois que o leve o diabo.

Barão, espantado, e indignado.

Que o leve o diabo a quem, ó senhor Fortunato?

Fortunato

Ao Leandro Borges, que se safou por alli... *(Indicando a esquerda.)*

Barão, com alvoroço.

O Leandro Borges! Ah! patife, agora é que tu m'as pagas! *(Sahe correndo pela esquerda.)*

Fortunato, estupefacto.

Mas o que é isto?

SCENA XV

FORTUNATO E FREDERICO

Frederico, entrando a fumar um cachimbo. A' parte.

Se o visconde sempre cá veio como tencionava, escuso de ir no omnibus para Lisboa.

Fortunato, vendo-o e aterrado. A' parte.

Outro! Que vá para as profundas dos infernos.

Frederico, vendo-o.

Adeus, Fortunato, como está você? Rijo e são, hein? Diga-me, viu por ahi o visconde?

Fortunato, de mau modo.

Olhe, quem eu vi, foi o barão e o Leandro Borges...

Frederico, espantado.

Juntos?...

Fortunato

Qual juntos! (*Designando a esquerda.*) Sahiram agora por alli, a correrem um atraz do outro que pareciam malucos.

Frederico, batendo as mãos.

Ai que temos lambada! (*Sahindo a correr pela esquerda.*) Não, isso é que eu não perco.

SCENA XVI

FORTUNATO, só, estupefacto.

O' senhores, mas esta gente endoideceu toda!... Que quer isto dizer!... Ora que me importa! Deixem-me elles o campo livre... (*Vendo apparecer D. Pulcheria da direita. Aterrado.*) Ai! minha mulher!

SCENA XVII

FORTUNATO, PULCHERIA E VISCONDE

Pulcheria, vendo Fortunato, parando, levando a mão ao coração, em tom sentimental.

Ai! Não me tinham enganado... Fortunato... Fortunato, o que fazia na quinta a estas horas?

Fortunato, embaraçado.

Menina, eu... eu andava á tua procura.

Pulcheria

Ingrato, sou eu que te procuro sempre como a rôla saudosa...

Fortunato á parte.

Mas espera, eu revoltei-me. (*Alto, levantando a cabeça, e com desembaraço zombeteiro.*) Pois por eu saber que és rola, é que te buscava na quinta. (*Á parte.*) Animo!

Pulcheria

Perfido! Atraiçoar-me, e zombar de mim! Assim tratas a tua fida esposa! Não sabes! Não sabes que foste o meu primeiro e unico amor?

Fortunato, tranquillamente.

Isso nunca se sabe com certeza!

Pulcheria, chorando.

Ah! para me dizeres taes palavras é que tu captivaste a minha innocencia com os teus fementidos juramentos? Foi para isso que me arrancaste pudibunda e envergonhada dos braços de meus ternos paes? Foi para isso que me rondaste a porta quando eras sargento do batalhão da Carta? Foi para isso que me enviaste um acrostico em papel marcado com dois corações inflammados, e dois pombinhos no fundo? Foi para isso que me fizeste uns versos de que ainda me lembro, e que diziam assim...

Querendo amor dormir no collo
de Venus, a deusa etherea,
ai! não viu que adormecia
no regaço de Pulcheria.

Fortunato, tranquillamente.

Isso o que prova? Que as musas nunca me foram esquivas.

Pulcheria, voltando-se com indignação para o visconde que se tem conservado de parte.

Não ouve este descarado, este seductor de mulheres cazadas?

Fortunato

O' menina, as Musas são solteiras.

Pulcheria

Eu não fallo nas Musas, fallo na prima Helena.

Fortunato, assombrado.

Como?

Pulcheria, tragica.

Sei tudo... tudo. (*Para o visconde.*) E eu que o não queria acreditar, senhor visconde!

Fortunato, com espanto, indignado.

O quê! pois o senhor?... Ah! isso é indigno!

Pulcheria

Indigno é o seu procedimento, monstro, devasso, libertino, sardanapalo! (*Com prantos.*) Ah! meus sonhos d'amor, em fumo vos dissipastes. Mas não, não vos hei-de sobreviver. Ai! que eu morro, eu desmaio!

Visconde, baixo e rapido para ella.

Não desmaie, olhe que elle deixa-a desmaiar.

Pulcheria, no mesmo tom.

Ah! então, não. (*Tapando o rosto com as mãos e chorando.*) Eu morro.

Fortunato, tranquillamente, á parte.

Vejam como ella amansou.

Pulcheria

Morro... (*Á parte, baixo ao visconde*). Elle não se meche?

Visconde

Qual historia! Dê um golpe d'Estado.

Pulcheria, deixando-se de lagrimas, e com resolução.

Ah! elle é isso, pois então espera. (*Para o visconde.*) Com licença, senhor visconde. (*Approximando-se de Fortunato, e em tom imperioso.*) Marche adiante de mim.

Fortunato, assombrado com a mudança.

Hein?

Pulcheria

E não me faça reflexões.

Fortunato, á parte

Ora esta! (*Para o visconde.*) Visconde, e eu que o julguei meu amigo!

Visconde, sentenciosamente.

Amicus Plato, sed magis amica veritas.

Pulcheria

Et cum spiritu tuo. (*Para Fortunato*). Vamos, e depressa.

Fortunato, procurando resistir.

Mas a prima Helena...

Pulcheria

Tão boa é ella como tu! Livre-se que a encontre que lhe deito as unhas á cara.

Fortunato, continuando.

Precisa que eu a acompanhe!

Pulcheria

Primeiro estou eu, que sou sua mulher legitima. (*Puchando-lhe por um braço.*) Mecha-se.

Visconde, vendo que ella se dirige para a direita 1.º plano, baixo para Pulcheria.

Por ahi não, que póde encontral-a.

Pulcheria

Tem razão. (*Tomando o caminho por onde veio e levando a reboque o marido.*) Siga-me, ingrato.

Fortunato, resistindo sempre e fallando interrompido pelos empurrões de Pulcheria.

Visconde... eu cedo... cedo... ás lagrimas de minha mulher, mas o seu procedimento...

Pulcheria, fazendo-o calar.

Tenha vergonha, senhor Fortunato, tenha vergonha.

Fortunato, á parte.

Sempre me revoltei; mas venceu o governo. (*Para D. Pulcheria, sahindo.*) Aqui vou menina, eu aqui vou. (*Sahem ambos.*)

SCENA XVIII

VISCONDE, só. Seguindo Fortunato com um sorriso.

Pobre Fortunato, lancei-te ás féras... Tambem para que te levantaste como um obstaculo no meu caminho?.... Vamos!... O mais difficil começa agora... Ah! mas a preza merece o trabalho e os riscos... E' uma esplendida mulher!

SCENA XIX

VISCONDE E HELENA

Cahiu a noite; proximo ao fim da scena rompe o luar; está no principio escuro.

Helena, entrando rapido pela direita, 1.º plano, trajada simplesmente como quem vae sahir, mas sem querer dar nas vistas.

Primo Fortunato!

Visconde, fingindo-se surprehendido.

V. ex.ª por aqui!

Helena, espantada e inquieta.

O visconde!

Visconde, naturalmente.

Estava já para me ir embora, desesperando de a encontrar, mas dou graças á Providencia, por me ter ainda proporcionado ensejo de a vêr e fallar-lhe.

Helena, embaraçada e impaciente.

Mas, visconde, parece-me que nem o sitio, nem a hora, são os mais proprios...

Visconde, risonho e natural.

Meu Deus, minha senhora, V. ex.ª vae-me encher do mais justificado orgulho. Confesso que nos mais audaciosos sonhos da minha vaidade, nunca me

julguei um Don-Juan tão temivel que puzesse em fuga uma senhora como v. ex.ª

Helena, seccamente.

Enganou-o a sua vaidade. Eu não creio nos Don-Juans, logo não os temo. (*Querendo retirar-se.*) Mas desculpe-me; preciso de encontrar meu primo.

Visconde, sem dar um passo para ella, sem procurar suspendel-a, mas sério, grave e triste.

Quando hei-de eu convencer v. ex.ª de que tem em mim um amigo leal, dedicado, prompto a executar as suas ordens e... d'esta vez creio que não me illude a vaidade... a executal-as melhor do que seu primo Fortunato?

Helena, um pouco mais affavel.

Muito obrigada, visconde; mas n'este caso trata-se apenas d'uma insignificancia...

Visconde, com triste sorriso.

E se fosse uma insignificancia, estaria v. ex.ª tão inquieta?

Helena, despeitada.

Inquieta, eu, porque? Em que vê que eu esteja inquieta? Que motivos tenho para o estar?

Visconde, com intimativa.

Os motivos! Para que m'os nega? Para que os esconde de mim? Pois são tão difficeis de adivinhar?!... Seu marido foi a Lisboa, v. ex.ª não sabe aonde, e deseja sabel-o. E' claro, é simples, é natural.

Helena, procurando occultar a sua anciedade.

Não sei aonde? Sei perfeitamente. Foi a casa do ministro!

Visconde, levemente ironico.

Ah! então bem! Se elle foi a casa do ministro!...

Helena, anciosa.

Porquê? Duvida? Suspeita alguma coisa? O que julga? Sabe aonde elle foi?

Visconde, com perfida ingenuidade.

A casa do ministro: acaba v. ex.ª de m'o dizer.

Helena, com lagrimas na voz.

Ora isto, isto! Andam todos a illudir-me... Então eu não vejo que o visconde sabe mais do que me quer revelar... Diga-me: onde está Henrique? Onde está meu marido?

Visconde, tristemente e fazendo menção de partir.

Quer que o vá saber a Lisboa? Uma palavra, e parto já.

Helena, impaciente comsigo mesma e sem poder conter as lagrimas.

Não, não quero... Perdôe-me... Não ha motivo algum para eu estar assim... Não sei que sinto... Estou inquieta, nervosa, e sem causa, sem razão... Tenho uma vontade de chorar... Meu Deus! meu Deus! como eu sou desgraçada! (*Desata em soluços.*)

Visconde

Chore, alma boa e candida, magoada pelos primeiros attritos do mundo! Chore junto de mim; tem aqui um coração que a comprehende, um homem

que a estremece com amor... fraternal e intenso. Mas não lhe dizia eu que havia lagrimas no seu riso? Porque não desabafa n'um peito leal e affectuoso?

Helena, chorando ainda e estendendo-lhe a mão.

Obrigada, visconde, pelas suas boas palavras, mas nada tenho a confiar-lhe, creia. Que razões de queixa posso eu ter? Que direitos posso invocar? (*Com orgulho.*) Se eu amasse quero suppôr ainda que não seria trahida... Mas não, Henrique é livre, procede como entende. Estas lagrimas, visconde, não procure enxugal-as; é o orgulho, é só o orgulho que as verte e bem vê, bem vê que não merecem sympathia as dores do orgulho ferido.

Visconde, com força, e tomando-lhe a mão.

Não, não é só o orgulho, é tambem o coração. Ah! porque tenta rebellar-se, Helena, contra esta lei eterna e absoluta do amor? O quê! pois n'estas noites frementes da primavera, quando a seiva das arvores se desata em gomos, em botões o polen das flores, e o coração em affectos, não é justo, não é natural que lamente o vêr-se desamparada e só, n'estas horas amorosas, quando a lua resplende no céo como lampada nupcial, quando se encurva a rama dos arvoredos como docel para namorados, quando no suspirar da brisa, no murmurar das aguas, no flebil gorgeio do rouxinol, fluctua uma voz melodiosa que nos diz: Enlaçai-vos mãos tremulas, confundi-vos n'um beijo, ó labios palpitantes, como os ro-

saes em perfumes, desfazei-vos em amor immenso, ó corações em flôr!

Helena, escondendo o rosto nas mãos.

Meu Deus, meu Deus!

Visconde, proseguindo com voz insinuante.

E em quanto aqui suspira, Helena, triste e viuva d'affectos, está seu marido talvez aos pés d'outra mulher, mendigando da aventureira o sorriso banal e distrahido com que tem pago cem amores... e tem aqui um coração que trasborda pela vez primeira nos effluvios da mocidade por tanto tempo comprimidos, um coração que anceia pelo amor, que sente vagas aspirações, que desabrolha como a flôr nocturna, que pede ás estrellas luz e á viração affagos.

Helena, com o seio oppresso, commovida, erguendo os olhos ao ceu, e deixando, sem ter consciencia d'isso, a sua mão, nas mãos do visconde. Á parte.

Ah! como isto é verdade. Henrique! Henrique!

Visconde, em voz baixa e tremula.

Ah! esse homem é indigno de possuil-a! Tem um thesouro, e despreza-o! Póde chamar sua á mulher adoravel que povôa para sempre os sonhos de quem se approxima d'ella, que é o enlevo, a fascinação de quem pôde uma vez queimar-se na luz do seu olhar... Não vê as suas lagrimas, e ha quem, para as enxugar, daria todo o sangue das veias, quem, para lhe conquistar um sorriso, praticaria o impossivel, quem julga ineffavel e suprema ventura ter um instante nas mãos a mão que ella distrahidamente lhe

abandona, e que treme... que treme que ella adivinhe o amor que despertou. (*Fallando assim com voz entre-cortada, levantou pouco a pouco a mão de Helena, e apertou-a com paixão aos labios.*)

Helena, como que despertando d'um sonho, repellindo o visconde e com supremo espanto.

O que é isto, senhor visconde? Que traição é esta? O que! Pois essa boa amizade que me offerecia...!

Visconde, com exaltação.

Debalde tentei illudir-me a mim mesmo... Junto do seu vulto d'anjo, não ha sentimento que se não exalte. Essa confissão que eu procurava reprimir, e que se escapou involuntariamente da minha alma dilacerada pela sua dôr, não posso agora renegal-a... Amo-a, Helena, amo-a loucamente, com a dedicação d'um escravo...

Helena, interrompendo-o com vehemencia e assombro.

O quê! pois tão baixo desci no conceito do mundo que possa ser insultada assim? O que fiz eu, o que tenho eu feito para authorisar semelhante infamia? Ah! senhor visconde, isto é uma covardia indefinivel. Porque me vê só, desprotegida pelo affecto de meu marido, porque soube captar a minha confiança com as suas perfidas palavras, ousa cuspir-me ás faces uma declaração de amor!... (*Com lagrimas na voz.*) Julguei que não déra direito a pessoa alguma para me suppôr á mercê d'uma surpreza brutal! Enganei-me! Onde presentem o desamparo, imaginam o impudor, e o não verem meu

marido a meu [illegible]o anima-os ao insulto, porque lhes affiança a impunidade.

Visconde, exasperado pelo desapontamento.

Ah! bem sabe que não ha offensa nas minhas palavras; a revelação d'um amor capaz de todas as delicadezas nunca é um insulto para a mulher a quem se dirige. Não é contra mim que a amo e que a respeito, que se deve armar com a sua dignidade, minha senhora, é contra aquelle que faz um escarneo d'uma ligação que deixa de ser respeitavel, logo que não representa o mutuo affecto, ou pelo menos a mutua estima.

Helena, exaltada.

Ah! é assim que entende os seus deveres de cavalheiro! Pois bem, já que esta confissão é necessaria, dir-lhe-hei que amo, que estimo, que respeito meu marido. Que amo o seu bondoso coração, que estimo o seu nobre caracter, que se preoccupa de coisas serias e graves, emquanto os ociosos libertinos andam declamando trechos de romance com que julgam enlevar as mulheres. Já que a minha qualidade de esposa e de mãe não basta para me fazer respeitada, já que preciso de procurar outra egide, repetirei com orgulho, com ufania: Amo, amo meu marido!

Visconde, com violencia e esquecendo todas as delicadezas na exaltação da lucta.

Ame-o embora. Emquanto para me repellir, se humilha a ponto de dirigir uma declaração d'amor á

sombra de seu marido ausente... (*cingindo-a com força pela cintura, debruçando-se para ella com os dentes cerrados, em voz baixa e fremente, cravando-lhe cada palavra como um punhal*) está elle que a despreza, rindo-se do seu affecto, e repetindo essas palavras ardentes ao ouvido d'outra mulher...

SCENA XX

OS MESMOS, E HENRIQUE

rique vindo do fundo um pouco antes de terminar a falla antecedente, pára assombrado, e vai a avançar com um repellão de colera.

Visconde, vendo-o n'um relance, não perdendo o sangue frio, fingindo que desvia Helena com a mão, com a voz apenas um pouco tremula.

Cautela, minha senhora, que a relva ahi está humida!

Helena, olha para elle estupefacta, vê o marido e solta um grito de jubilo.

Henrique! (*Á parte, lembrando-se da situação equivoca em que é encontrada.*) Meu Deus!

Henrique, dominando-se com supremo esforço, e affectando indifferença.

O visconde tem razão... Helena... Faz mal em

se expôr á humidade da noite... Permitta-me que a acompanhe a casa.

Helena, á parte, com profundo espanto.

O que quer isto dizer?

Henrique, para o visconde com relampagos no olhar, mas com serenidade na voz.

Espanta-se de eu voltar tão cêdo... Encontrei no caminho um correio que me trazia contra-aviso...

Helena, á parte, profundamente offendida.

O que!... Esta indifferença... Encontra-nos assim... e nada vê!

Henrique

Então, Helena! (*Para o visconde, naturalmente.*) Demora-se um instante, visconde? Eu volto já; queria fallar-lhe ácerca da reunião d'ámanhã.

Helena, á parte com profundissimo desespero.

Meu Deus! meu Deus! Este homem não me tem amor. (*Para Henrique, affectando serenidade.*) Eu vou só, Henrique, eu vou só. (*Sáe rapidamente.*)

SCENA XXI

VISCONDE E HENRIQUE

Henrique, depois de acompanhar sua mulher ao bastidor, voltando para o visconde com uma explosão de raiva concentrada.

Agora, nós!... Ha muito tempo, snr. visconde,

que eu esperava este ensejo! Ha muito tempo que eu desejava arrancar-lhe a mascara para o poder esbofetear. Mas com que requintes de infamia se me offerece esta occasião! Affasta-se o marido para não ser perturbada a entrevista! Que premeditação de ambos os lados! que impudente calculo baseado na boa fé d'um homem!

Visconde, com altivez e impudencia.

Depois do que v. ex.ª viu, são de mau gosto quaesquer explicações. Estou ás suas ordens, que mais quer?...

Henrique

Que mais quero?... Calcar-te aos pés, matar-te, esmagar-te, infame, vil, maldito... (*Leva-o debaixo de si, estrangulando-o quasi.*)

Visconde, quasi asphixiado.

Assassino! assassino! (*Procurando repellir Henrique e soltando-lhe o pescoço das mãos.*) Para estas luctas corpo a corpo tenho os meus lacaios, senhor Henrique de Mello.

Henrique, soltando-o e repellindo-o de si, com voz entrecortada.

E'... justo, é justo... Não quero macular mais o berço de minha filha... A sociedade exige umas vinganças em que o algoz póde ainda triumphar da

victima. Ah! mas se a Providencia me não guia a espada, hei-de ao menos legar-lhes, envolto no meu sangue, um eterno remorso.

Visconde, compondo-se e com altiva serenidade.

E' então um duello que me propõe?

Henrique, com voz cava e profunda.

De morte... e já!... (*Cáe o panno.*)

ACTO QUARTO

Sala singela de casa de campo. Pouca mobilia. Duas portas á direita e duas á esquerda, porta ao fundo. Para a esquerda ficam os aposentos de Helena, para a direita os de Henrique de Mello. A scena passa-se na manhã do dia seguinte ao da acção do 3.º acto.

SCENA I

PEDRO, *só.*

Arranjando a casa, e limpando os trastes. Pouco depois de se levantar o panno, põe o espanejador debaixo do braço e vem meditativo ao proscenio.

Oh! senhores, tanto reboliço cá por casa, e eu sem poder pescar coisa nenhuma! Nada, estes patrões não me servem... Não é agora só pagar aos creados no fim dos mezes, e deixal-os com a agua

na bocca a respeito dos segredos de familia!... Eu até agora tenho sempre servido com emolumentos... Guardar o segredo do patrão, guardar o segredo da patrôa... e tudo rende... Aqui nada de novo... A senhora desde hontem á noite, que está mettida no quarto com a ama da pequenita... e nem a creada lá põe o pé... O senhor manda o Joaquim a Lisboa chamar o barão... O barão apparece ahi alta noite... Fecha-se com o snr. Henrique... Hoje de manhã sahem ambos no trem... segundo me contou o cocheiro, apeiam-se á entrada d'uma azinhaga... D'ahi a pedaço voltam... e o cocheiro dando-se a perros... e toca para casa... e o senhor Henrique torna-se a fechar no quarto... E não dá palavra à viva alma... que parece que não tem lingua o diabo do homem... Pois então se não tem lingua, é dizel-o... que eu cá não sirvo patrões defeituosos.

SCENA II

PEDRO E BARÃO.

Barão, entrando pelo fundo preoccupado.

Onde está o senhor Henrique de Mello?

Pedro, approximando-se com desejo de saber alguma coisa, e os olhos brilhantes de curiosidade.

Está no seu quarto. V. ex.ª quer que eu o vá chamar?

Barão, sem o attender.

E a senhora?

Pedro

Tambem não appareceu ainda cá por fóra.

Barão, involuntariamente, como fallando comsigo.

Nada sabe.

Pedro, apanhando a phrase, e dando-se ares de confidente.

Ah! decerto. Se v. ex.ª quer que eu lh'o vá dizer...

Barão

Que lhe vás dizer o quê, animal?

Pedro

O que v. ex.ª me contar... Sei muito bem dar um recado.

Barão

Eu, emquanto não tocar a rebate nas costas d'este malandro, não estou satisfeito... Vai-te d'aqui para fóra, diabo... Olha lá, quando ahi apparecer o snr. Frederico Paes, conduze-o para esta sala... Tu, conheces o snr. Frederico?

Pedro

Ora, se eu conheço o snr. Fed'rico!... Aquillo é que é um pandigo... Uma vez fomos esperar os toiros...

Barão

Ora, vê lá se me honras agora com as tuas confidencias!

Pedro

V. ex.ª póde tambem honrar-me com as suas, que eu não me zango.

Barão, atirando-lhe um murro.

Ahi tens uma.

Pedro, esfregando a cara e em tom plangente.

V. ex.ª deve-me meia libra.

Barão, com voz trovejante.

Devo-te duzentos murros, e ainda me has-de dar demasia, porque a dez reis cada murro no teu focinho, já é muito bem pago, miseravel.

Pedro, fugindo aterrado.

Santa Barbara! Santa Barbara! (*Ao sahir encontra-se com Frederico que vem entrando, indica-lhe com um gesto o barão, e sáe.*)

SCENA III

BARÃO E FREDERICO.

Frederico, seguindo com a vista Pedro que vai a esfregar o rosto dorido.

Hoje cá por casa é um chover castanha, que é uma coisa por demais.

Barão, indo a elle com anciedade.

O visconde?

Frederico

Está livre de perigo.

Barão

Mas diz alguma coisa?

Frederico

Diz «ai!»

Barão

Só?

Frederico

Outras vezes diz «ui!»

Barão

Mais nada?

Frederico

O' barão, você imagina que um homem que levou uma estocada no peito não tem mais que fazer senão prégar sermões?... Que tambem lá o snr. Henrique de Mello podia ter sido mais delicado com meu primo... A mim então o que me leva da breca, é, sendo eu padrinho, estar ainda para saber porque diabo foi o duello.

Barão, disfarçando.

Eu sei lá tambem... Foi por causa da politica.

Frederico, espantado.

Da politica!

Barão, affirmativo.

Da politica! (*Embrulhando de proposito a phrase e a explicação.*) Homem, perceba isto... O visconde dizia que sim, e o Henrique de Mello diz que não senhor... Palavra puxa palavra, vem tudo á baila, isto, aquillo, e aquell'outro, e coisas tal, etc... Eu

não cedo, tu cedes... E porque torna, e porque deixa, agarra, cerca, tem mão... Já vê que isto é grave.

Frederico, aturdido e repetindo machinalmente.

E' grave, é... (*Com explosão.*) Eu não percebo o que você diz.

Barão, estendendo-lhe a mão gravemente.

Toque; nem eu. (*Mudando de tom.*) Mas vamos ao que importa. E' necessario occultarmos este duello. O visconde está em casa do cirurgião.

Frederico

Que é homem de segredo... E então o criado que serve de enfermeiro, parece que é surdo-mudo!

Barão, como reflectindo.

O cocheiro não falla porque tem medo de ser testemunha; dão-se-lhe umas libras. Bravo. (*Para Frederico.*) Snr. Frederico, para isto é que eu lhe pedi que viesse cá. Manda-se dizer para Lisboa que o visconde cahiu d'um cavallo abaixo, e bateu com o peito na esquina d'uma pedra, que o feriu gravemente. Hein?

Frederico, com uns ares desdenhosos.

E podia muito bem ser, que o visconde nunca foi grande calção. Olhe, com o meu *Gladiador* não se atreve elle.

Barão

Pois ahi está. Foi o *Gladiador* que o sacudiu.

Frederico, rindo muito.

E era muito capaz d'isso... Aquelle só com os meus joelhos se entende... (*Estendendo a mão ao ba-*

rão para se despedir d'elle.) Ora este barão que parece um pedaço d'asno e que me sáe mais esperto do que eu. (*Barão encolhe os hombros, Frederico aperta-lhe a mão, rindo, e sáe.*)

SCENA IV

BARÃO, *só.*

(*Atirando comsigo para cima d'uma cadeira, e respirando com força.*) Safa!... estou esfalfado!... E merecerá D. Helena o que eu faço por ella?.. A mim ninguem me tira da cabeça que alli houve o que quer que fosse!... Mas o visconde bater-se-ia sem motivo? Ora! estes peraltas são capazes de tudo affrontarem para passarem por conquistadores... (*Desde o principio d'esta scena se ouve bater á porta da direita; o barão, que estivera preoccupado, só n'este momento repara n'isso, e pergunta com mau modo.*) Quem diabo está ahi?

Fortunato, fóra.

O' snr. barão, abre-me a porta?

Barão, sem se levantar.

Abra-a você.

Fortunato, fóra.

Mas dê volta á chave. (*O barão levanta-se irritado e com espanto, vae á porta e faz o que lhe indicam.*

SCENA V

BARÃO E FORTUNATO

Barão, reconhecendo Fortunato com immenso espanto.

Que veio o senhor para aqui fazer?

Fortunato, vem com o fato, e o cabello em desalinho, como quem dormiu vestido; balbuciante.

Eu vim... vim tomar ar.

Barão

O senhor para tomar ar, fecha-se á chave por fora?... Por fóra?... Como é que o senhor se fechou á chave por fóra?!...

Fortunato, embaraçado.

Fechei-me por fóra... (*Com resolução.*) E' porque a fechadura não está boa!

Barão

A fechadura, o quê?... Aqui anda mettida a D. Pulcheria!... Foi sua mulher que o fechou?

Fortunato, depois de um momento de hesitação, resignando-se.

Hontem á noite.

Barão

O' maricas do demonio!... E onde dormiu?

Fortunato, com os olhos baixos.

Em cima d'um sophá.

Barão

Benza-te Deus... E acordou agora?

Fortunato

Estou acordado ha um bom pedaço.

Barão, aterrado.

Mas n'esse caso ouviu?

Fortunato

Que o primo Henrique se bateu com o visconde... E' verdade... ora esta!

Barão

Aquella D. Pulcheria é os meus peccados!... Então não temos este homem tambem mettido na confidencia... Isto é que é um segredo bem guardado!... O' senhor Fortunato, não me abra o bico a semelhante respeito.

Fortunato

Quem julga o senhor que eu sou? (*A' parte.*) A' Pulcheria sempre eu o digo que é para ella vêr a obra aceiada que fez!

Barão, que foi ao fundo, como a espreitar se alguem os ouviu.

Caluda! Ahi vem a D. Helena, nem palavra, nem palavra!

Fortunato

Esteja descançado.

SCENA VI

OS MESMOS, HELENA

Barão, dirigindo-se a ella, mas sem se affastar muito de Fortunato.

Bons dias, minha senhora! tão cedo cá por fóra?

Helena, vem da direita, rosto carregado e sombrio. Para o barão com um sorriso amavel, mas um pouco forçado.

Bons dias, barão.

Fortunato, indo a cortejal-a.

Minha formosa pri...

Barão, abafando-lhe muito depressa a voz.

Então já se sente bem de todo? Mas não abusar! Uma recahida...

Fortunato, tentando recomeçar a phrase.

Minha formo....

Barão, no mesmo jogo de scena.

Uma recahida é sempre muito perigosa... muito perigosa...

Helena, sorrindo para o barão.

Por quem é, barão, deixe fallar meu primo.

Barão

Fallar? Para que precisa elle de fallar? (*Para Fortunato.*) Não falle! (*Para Helena.*) Está muito rouco... Uma rouquidão incrivel... Constipou-se esta noite... Sabe lá? (*Para Fortunato que vae a protes-*

tar.) Schio! Olhe que lhe póde sobrevir uma laryngite, e d'uma laryngite a uma phtysica de garganta vão dois passos. Nada de graças, que o caso é muito serio.

Fortunato, aterrado.

Crédo! (*A' parte, e tossindo para experimentar a garganta.*) Effectivamente... (*Alto, mas já sem ousar erguer a voz.*) E' verdade que eu dormi vesti...

Barão, interrompendo-o, e para Helena.

Dormiu mal, dormiu muito mal. (*Para Fortunato.*) Pois o melhor é deitar-se; venha para a cama, venha. Nada, a saude primeiro que tudo!... Uma pessoa está hoje viva, e d'um momento para o outro... Então na sua idade...

Fortunato, aterrado, mas tentando protestar.

Na minha ida...

Barão

E na minha tambem, e na de sua prima... A morte não escolhe... Nada! nada! o melhor é deitar-se; eu é que o não largo já sem o vêr dentro da cama... Vamos, vamos; no principio é que é atalhar as doenças... Venha d'ahi, sua prima desculpa; com licença, D. Helena.

Fortunato, continuando a tossir e a apalpar o pescoço, e seguindo o barão, machinalmente. A' parte.

E é que já não estou bom... Ora esta!... Ora esta!

Helena, que assistiu com espanto a este dialogo, desatando a rir.

Mas é a scena do *Barbeiro!... Vad'a letto, D. Basilio.* (*Os dois sahem.*)

SCENA VII

HELENA, *só.*

(*Com tristeza.*) Como eu ainda posso rir!...Ah!... mas a minha alegria morreu para sempre!... E' notavel, quando uma palavra minha faria talvez com que Henrique me cahisse aos pés; nem pensava n'elle, e hoje a sua indifferença causa-me uma irritação profunda; revolta-se contra elle com todas as suas forças o meu orgulho ferido... e invade-me uma tristeza amarga, um desalento immenso....

Creada, entrando pelo fundo.

Minha senhora, o senhor Henrique de Mello manda perguntar a v. exc.ª se o póde receber.

Helena, com certo espanto.

Meu marido?

Creada

Sim, minha senhora.

Helena

Diga-lhe que estou ás suas ordens. (*A creada sáe. Franzindo o sobr'olho.*) Que me quer elle agora?... Vem dar-me explicações ou pedir-m'as?

SCENA VIII

HELENA E HENRIQUE

Henrique, pallido e grave.

Minha senhora, desculpe-me se a incommodo... mas as nossas relações tomaram desde hontem um aspecto tão grave, que, por muito que me custe dar um passo que vae promover o escandalo, e estampar talvez uma nodoa indelevel no meu nome e no seu, entendo que é indispensavel que...

Helena, vendo-o hesitar, com desdenhoso orgulho.

Que?

Henrique, com firmeza.

Que nos separemos.

Helena, á parte, ferida no coração.

Ah! (*Alto, com intonação orgulhosa, em que se sente o despeito.*) Pois separemo-nos! Póde acreditar que se limita apenas a satisfazer o meu mais ardente desejo.

Henrique, com amargura e colera reprimida.

Creio bem, minha senhora; mas parece-me que seria da sua parte um pouco mais leal, ter-se pronunciado a esse respeito antes de praticar os actos que me forçaram a mim a tomar a iniciativa.

Helena, com ironia febril.

O quê! pois tanto o preoccupam os meus actos?

Não lhe é completamente indifferente o meu procedimento? Nós temos vivido até agora de fórma tal, que esta separação não faz mais do que affirmar perante a lei um facto realisado ha muito. Nem podia ser de outro modo. Parece-me que antes do nosso casamento, nem trocámos nunca uma palavra de amor! O senhor Henrique de Mello, veio apenas procurar um dote. Eu cazei, ou antes deixei-me cazar, porque é moda, porque é costume, porque todas casam, eu sei! Uma senhora caza-se, como um homem se emprega. Somos as amanuenses d'esta secretaria matrimonial. E o nosso cazamento teve plenamente esse caracter. Não significou um affecto, significou apenas uma escriptura. E' um contracto bi-lateral, creio que se chama assim? Vamos rescindil-o? perfeitamente! São escusadas recriminações para um negocio tão simples.

Henrique, profundamente resentido.

Tem razão, minha senhora, esmague-me á vontade! Vim apenas procurar um dote, não tenho direito para fazer recriminações... Mas d'esse contracto bi-lateral, como lhe chama, nasceu uma filha... uma pobre creança, que não é culpada das combinações sociaes a que deve a existencia, e que ha-de entrar no mundo protegida pelo meu nome, que a senhora devia respeitar, porque é mãe, e porque esse nome tem de ser o escudo de sua filha.

Helena, amarga.

O senhor Henrique de Mello é que não precisa

de respeital-o, não é verdade? nem elle se mancha com os seus desvarios! A lei do mundo é assim. O erro da mulher é o opprobrio do lar, e o aviltamento dos filhos: o do homem nem chega a ser erro, é elegancia, é lustre, é gloria talvez... (*Com intimativa.*) Mas eu é que n'esse ponto repulso as leis do mundo, e onde não tenho direitos, não reconheço deveres.

Henrique, dando um passo para ella de sobr'olho franzido.

E como é que nunca o meu procedimento justificou as suas theorias? Quando é que viu que, apesar da sua indifferença, dos seus desprezos, da sua quasi repulsão, as minhas leviandades auctorisassem as suas?

Helena, altiva.

Julga que lhe vou fazer uma scena de ciumes? Nunca me occupei em investigar as suas leviandades... Foi-me sempre indifferente que lhe cahissem do ceu, amigas de infancia, e nunca tratei de saber quem eram as Donas Catharinas que honrava com o seu affecto.

Henrique, indignado.

Ah! isto é uma coisa que me revolta... O que vem fazer n'estes enredos o nome de D. Catharina?... Pois, para se defender, precisa de calumniar aquella pobre e desgraçada senhora?

Helena, profundamente offendida e exaltadissima, concentrada.

Calumniar! (*Com explosão de raiva.*) Mas, primeiro que tudo, é preciso que entenda que eu não me defendo! Julgue-me como quizer!... Tinha que vêr se eu descia a dar-lhe explicações!... Não entro na sua vida, não quero que entre na minha. (*Atirando as palavras como um insulto á face de Henrique.*) Recebo quem me apraz, amo quem me agrada... E' livre; sou livre tambem!

Henrique, ameaçador.

Helena!

Helena, comprazendo-se na sua vingança, e pronunciando a primeira phrase com os dentes cerrados, e para si.

Ah! eu calumnio! (*Alto, com a mesma exaltação.*) Pois é verdade tudo quanto pensa a meu respeito. Confesso-o em alta voz; glorio-me, ufano-me d'isso. A gente, quando não encontra affeições na familia, em alguma parte as hade ir procurar, não é assim, não é essa a sua opinião? Foi o que eu fiz; ahi tem, que mais quer?

Henrique, exaltadissimo e desvairado, com extrema violencia, e quasi sem poder fallar.

Helena, cautela, olhe que é um homem mergulhado em profundissimo desespero que tem diante de si. Cautela com as suas ironias! Sinto a cabeça completamente perdida. Foge-me a razão e a luz dos olhos. Por quem é, Helena, não me excite mais.

Helena, exaltada e provocadora.

Ah! esta é uma nova face nas nossas relações. Prosiga! Vejamos até que brutalidades sem nome póde descer um homem delicado das salas! Venha mais esse acto heroico. E' justo, é justo que seja valente com mulheres, quem não ousou encarar um homem!

Henrique, quasi chorando de desespero.

Assim! assim! Insulte-me á vontade! Esmague-me bem... Procure no meu coração alguma fibra ainda intacta, e, se conseguir encontral-a, rasgue-a, dilacere-a, mate-me... Mas eu é que não quero estar nem mais um instante n'este inferno, não posso, não posso... Se ainda tem na sua alma, um resto de piedade, dê-me a minha filha, e deixe-me partir para sempre.

Helena, assombrada.

A sua... a minha filha!... Quer arrancar-m'a?

Henrique, no auge da exaltação.

Sim, sim, porque a não quero deixar entregue ao seu exemplo, e ao seu conselho. Quero tornal-a uma senhora honesta e boa, não quero que ella possa vir a fazer a desgraça d'um homem de bem, como sua mãe fez a minha desgraça!

Helena, erguendo-se diante d'elle, anciosa, violenta, mas sentindo-se-lhe já as lagrimas.

Ah! pois juro-lhe que, antes que m'a leve, ha-de abrir de par em par as portas d'esta casa á lei e ao

escandalo. E que venham ainda assim! Cinjo-a com os braços, e, antes que m'a arranquem, hão-de matar-me primeiro! (*Com a mesma exaltação, mas debulhada em pranto.*) Levarem-me a minha filha, a filha das minhas entranhas, debaixo não sei de que pretextos infames! Ousem-n'o, levem-me de rastos de junto do seu berço, não se suspendam com as minhas lagrimas, venham, e verão... verão como eu sei defendel-a!

Henrique, tentando apparentar energia, mas commovido, e com a voz humida de lagrimas.

Não, Helena, não lh'a deixo! Eu, por mais que faça, não tenho animo para arrancar do coração d'essa creança, o amor e o respeito por sua mãe... E não quero que a senhora a ensine a odiar-me; não quero que ella me despreze... Eu, ermo de affeições, quero possuir ao menos o amor da minha filha!

Helena, quebrada emfim, e cahindo-lhe aos pés affogada em pranto.

Henrique! eu sei que sou culpada, não como tu suppões, mas porque não soube conquistar o teu affecto... Tenho sido má comtigo, desdenhosa, insultante... Quebra estes laços que eu não soube tornar-te suaves, oh! mas não me leves a minha filha. E' a minha consolação, o meu anjo da guarda; ao reverem-se nos olhos d'ella, mudam-se em alegrias as minhas tristezas. Despreza-me, odeia-me, deves

odiar-me: oh! mas não punas a esposa no coração da mãe.

Henrique, com amargura, chorando, e envolvendo-a n'um olhar banhado de ternura immensa.

Oh! desgraçada, pois tu não vês que eu morro por ti? Não lês em tudo isto, o immenso amor que te consagro?! Desprezaste-me, cobriste-me de opprobrio, calcaste-me aos pés, e eu a sentir sempre este amor fatal, que me tem devorado a existencia, que tem vivido ao teu lado, comprimido pelos teus desdens, como por um muro de gêlo!

Helena, que se foi erguendo pouco a pouco, ouvindo seu marido com jubiloso espanto.

Que dizes tu, Henrique?

Henrique, totalmente desvairado.

Escusas de fingir. Deixo-te a tua filha; e eu irei sósinho, por esse mundo, proscripto, sem patria, nem familia, levando commigo a devorar-me o peito uma saudade eterna. E, se tua filha perguntar por seu pae, dize-lhe que foi um desgraçado, maldito de Deus e dos homens, que foi procurar uma campa ignorada, onde poisasse apenas o esquecimento, por que não devem lagrimas amigas banhar o tumulo d'aquelle que não pôde possuir um só affecto na vida. Adeus, adeus para sempre! (*E repellindo-a, sáe com extrema exaltação.*)

Helena, desvairada e seguindo-o com um grito immenso.

Henrique! Henrique! (*A estes gritos vem uma creada. Helena aponta-lhe para a porta com desvairamento, e bradando.*) Meu marido! ah! tragam-me o meu marido! (*Cáe desfallecida nos braços da creada. Cáe o panno.*)

ACTO QUINTO

O mesmo scenario do acto antecedente.

SCENA I

Henrique, só. Entra em scena, fechando com precaução a porta do quarto da esquerda. Vem pallido e abatido.

Dorme!... Chamava ainda por mim no ardor do delirio, e queria-me junto de si!... Ah! caprichosa creança, quantas vezes me tem illudido essas tuas rapidas e passageiras commoções!... (*Com supremo esforço*) Animo... partamos!... Ficar, seria o aviltamento... seria transigir com a vergonha... compral-a e porque preço! Por duas lagrimas que o resplendor do primeiro baile enxuga. (*Voltando-se para o quarto com a voz affogada em lagrimas*) Parto, parto agora sem te legar o remorso... Transforme

Deus cada uma das minhas dôres n'um sorriso em teus labios... Sê feliz sem mim... Tu eras a luz e o jubilo, eu a tristeza austera... Não podias ser mais do que um sonho na minha existencia... Esvaiu-se a visão, e eu despertei... nas trevas. Adeus! *(Vae a sahir arrebatadamente, e encontra-se com D. Pulcheria).*

SCENA II

PULCHERIA E HENRIQUE

Pulcheria, sobresaltada ao vêr a agitação de Henrique.

Aonde vae, primo Henrique? Eu preciso de lhe fallar.

Henrique

Mas eu é que não tenho tempo de a ouvir, prima Pulcheria.

Pulcheria

Ha-de ter, primo, ha-de ter. Trata-se da vida de um homem!

Henrique

E o que me importa a vida dos outros? A morte levo-a eu no coração.

Pulcheria

Oh! que sinistras palavras! Primo Henrique, muito sangue se tem já derramado por minha causa!

Henrique

Sim? Estimo. Deixe-me passar.

Pulcheria

Não deixo. Só se fôr por cima do meu cadaver.

Henrique

Isto é demais. Atravessa um homem uma situação desesperada, a crise suprema da sua vida, e tem que aturar as scenas ridiculas d'um personagem de entremez! Olhe, não me faça perder a paciencia, porque não ha já, nem respeitos humanos, nem conveniencias sociaes que tenham imperio n'uma cabeça tresloucada; deixe-me.

Pulcheria

Ai, que elle vae matar o visconde... Acudam! oh! da guarda!

Henrique

Ó senhora, cale-se. A que vem agora o nome do visconde?

Pulcheria

A que vem? Mas é que eu sei tudo, contou-m'o o Fortunato... Sei que o visconde se bateu com o primo Henrique, e bateu-se por minha causa.

Henrique

Sabe que mais? Se está doida, cure-se.

Pulcheria

Ah! eu estou doida! eu sou doida! Pois olhe, primo Henrique, doidos são aquelles que andam com a cabeça no ar, e fazem com que as suas mu-

lheres, por ciumes, andem a desinquietar os maridos das outras!

Henrique

O quê?

Pulcheria

É isto que lhe eu digo, entende? Se o primo tivesse mais juizo, já a prima Helena o não queria seguir a Lisboa, e não desinquietava o meu Fortunato para uma entrevista nocturna na quinta, a pretexto de a acompanhar. O Fortunato não se tinha gabado ao visconde; este, indignado por me vêr escarnecida, não corria a avisar-me, eu não ia buscar o Fortunato, e não deixava em logar d'elle o visconde, para mostrar á prima Helena a inconveniencia do seu procedimento. Ora agora, primo, sabe quaes são os doidos? São aqnelles que deram origem a todas estas complicações.

Henrique

Mas que diz, prima Pulcheria?... Helena... hontem á noite... estava para ir a Lisboa com seu marido?!...

Pulcheria

Estava, sim senhor, e, se julga que são invenções minhas, vá perguntal-o ao Fortunato, que elle é tão tolo que lhe conta tudo.

Henrique

Mas foi então a prima... que substituiu ao Fortunato o visconde?

Pulcheria

Eu mesma, e n'isso é que tive culpa, que expuz aquelle pobre moço a que o senhor o encontrasse, e désse por paus e por pedras, sem mais tir-te nem guar-te! Pois eu que o deixei lá, é porque bem sabia que elle era incapaz de faltar ao respeito a uma senhora casada... Comigo atravessou elle já de noite, a quinta (*Suspirando*) e não tive razão de queixa!

Henrique

Mas foi então por acaso que Helena se encontrou com o visconde?

Pulcheria

Diga antes que fui eu que malogrei um plano, que havia de redundar na vergonha de nós ambos.

Henrique

Não houvera pois entrevista combinada?! Meu Deus, que luz bemdita começa a derramar-se vagamente nas trevas d'este mysterio!... E diga-me, prima Pulcheria, Helena queria seguir-me... por ciumes... por ciumes de quem?

Pulcheria

Do primo, é claro.

Henrique

De mim?! de mim?!... (*Com profunda tristeza*) Mas os ciumes nascem do amor, e ai! prima Pulcheria, ella nunca me teve amor.

Pulcheria

Isso não é razão; aqui estou eu que tenho ciu-

mes do meu Fortunato, e mais o Fortunato não é o meu ideal.

Henrique

Helena, ciosa!... Helena, ciosa... de mim!... Mas quem lhe podia inspirar taes zêlos?

Pulcheria

Ora fáça-se de novas!... Quem havia de ser senão a sonsa da D. Catharina, essa mosquinha morta que veio introduzir a discordia n'uma familia honesta.

Henrique

D. Catharina!... Oh! impossivel! Helena é arrebatada, é imprudente; impellida pelo genio mau do sarcasmo, póde chegar ao insulto, cujo alcance não prevê, mas é incapaz de um pensamento calumnioso.

Pulcheria

Um pensamento calumnioso!... Mas n'esse caso toda a gente a calumniava!... Tão pouco foi o escandalo que o senhor deu com essa mulher! O primo julgará que os outros não tem olhos?...

Henrique

O quê! Todos a calumniavam! A minha pobre Catharina calumniada, e calumniada por minha causa... Oh! sociedade infame, que não póde comprehender, que não póde deixar de polluir uma affeição sagrada!... Catharina que era para mim uma irmã, com quem fui creado tão fraternalmente, que um pensamento d'amor entre nós ambos se me affiguraria

um pensamento incestuoso!... E podia eu suspeitar?! Nem o meu caracter, nem a vida illibada d'aquella pobre senhora, poderam defender-nos contra supposições gratuitas de infamia de tal ordem... E Helena deu-lhes credito!... e padeceu por causa d'isso!... E teve zêlos... teve zêlos de mim!... Mas tudo se explica!... Mas sou amado então! (*Apertando jubiloso as mãos de sua prima*) Ah! como eu sou feliz!... E como eu a adoro, prima Pulcheria, como eu a adoro! (*Dá-lhe nas faces dois beijos sonoros*).

Pulcheria, debatendo-se.

Primo, então! que atrevimento!... Olhe se o Fortunato por ahi vem... Respeite-me... então... mancebo!

SCENA III

OS MESMOS E HELENA

Helena, apparecendo á porta do quarto da esquerda, pallida, com o fato em desalinho e com voz fraca.

Henrique!

Henrique, indo a ella com um grito de jubilosa sollicitude.

Helena! Como tu vens pallida e convulsa! E ainda por minha causa! É então sina minha fazer-te padecer, é sina minha não comprehender os thesouros de affecto que encerra o teu nobre coração! Ah! mas

dize-me; é verdade o que eu sonhei agora? Ah! se tudo isto é uma illusão mentida, um sonho doirado que vai agora dissipar-se em fumo, se uma palavra gelida, um riso desdenhoso, vão matar no meu peito os germens d'estas flôres; ah! sê compassiva, Helena, essa palavra não a profiras, não me suffoques a vida em pleno desabrochar de primavera e de esperança... suspende o teu sarcasmo; póde ser que Deus entretanto me conceda o morrer de jubilo a teus pés, sonhando o teu amor.

Helena, com jubilo concentrado.

Mas o que me estás dizendo, Henrique? como as tuas palavras me consolam! Tu não me foges, não? Não queres abandonar-me?

Henrique

Eu fugir-te, eu abandonar-te... venham as amarguras, venham os descesperos, venham até os caprichos do teu espirito travêsso, que não conseguirão suffocar a voz que me canta cá dentro: «possues o seu amor...» Mas tu choras, Helena?

Helena, deixando-se cahir debulhada em pranto, n'uma cadeira.

Choro de jubilo, Henrique... Ah! como é dôce amar e ser-se amada assim!... E eu zombava de tudo isto! procurava a felicidade no turbilhão, no vasto borburinho do mundo, e ella estava escondida n'estes recessos tranquillos, no hymno mysterioso de duas almas que se enlaçam á luz d'um affecto que desabrocha; procurava a alegria no riso e no

sarcasmo, e vim encontral-a emfim... no santo orvalho das lagrimas. (*Affogada em pranto deixa descair a cabeça sobre o hombro de Henrique*).

Pulcheria, que seguiu esta scena de parte e com certo espanto, erguendo as mãos ao céo com enthusiasmo.

O' Deus bemdito! que expansões conjugaes! Eu vou chamar o Fortunato. (*Sáe rapidamente pelo fundo*).

SCENA IV

HELENA E HENRIQUE

Henrique

E pensar eu, Helena, que uma palavra bastaria para dissipar esta nuvem negra que cerrava o nosso horisonte, e que essa palavra não se proferiu, e que estes habitos sociaes, esta frieza nas relações de familia que hoje se julga a suprema expressão da elegancia, levantavam entre as nossas duas almas, que aspiravam a comprehender-se, uma barreira odiosa.

Helena

Olha, Henrique, quando, exasperado pela minha indignação, o visconde me arrojou ás faces as tuas suppostas perfidias, brotou de subito no meu espirito a convicção instinctiva mas inabalavel de que era elle que mentia, e que tu eras meu, só meu!

Henrique

Ah! então o visconde?... Na tola narrativa de tua prima já eu adivinhára que todo este enredo resultava d'uma combinação infame urdida por elle!... Melhor! Poupa-me isso o remorso de o ter ferido.

Helena

Feriste-o?... Bateste-te?... E eu que te insultava covardemente, Henrique! Poderás tu nunca perdoar-me!...

Henrique

Perdoar-te, eu?! Ah! deixa-me a alegria suprema de ser eu que te peça perdão de joelhos, por não ter sabido comprehender a tua nobre alma e o teu abençoado amor. (*Ajoelha e beija-lhe a mão*).

SCENA V

OS MESMOS E O BARÃO

Barão, que vem de casaca todo grave e solemne, parando estupefacto á porta do fundo.

Hein?

Henrique, levantando-se alegremente.

Bonito; fomos surprehendidos em flagrante por um barão; e por um barão de casaca!

Barão, rabugento.

De casaca, é verdade, e demais a mais não é minha. Ora que os leve a breca! Vou pedir a casaca

ao Fortunato, para uma solemnidade, e por fim de contas, segundo vejo, lá se foi a solemnidade por agua abaixo!

Henrique, um pouco espantado.

O quê! Pois o barão não está contente por nos vêr reconciliados, por vêr que raia para nós, depois de tantas tempestades, um horisonte de placida ventura?

Barão, muito zangado.

Não estou contente, não senhor. Reconciliados, anh! Mas vocês são uns cataventos, umas ventoinhas, uns camelões! Tão depressa estão verdes, como estão azues! Diz-se a um homem: Está o vento do sul, e temos chuva em barda! Vae elle, veste a casaca, vem. Saltou o vento para o norte. Isto não se atura.

Helena, rindo.

Mas para que era a casaca?

Barão

Para que era? Eu lhe conto. Dizem-me ainda agora: «O senhor e a senhora vão separar-se!» E eu, que nunca me hei-de curar de me metter n'aquillo que me não importa, pego em mim, e venho com toda a solemnidade dizer-lhe: «Minha senhora, consta-me que seu marido quer abandonal-a, sem elle mesmo saber porquê. V. Ex.ª não tem aqui parentes proximos; bem, eu sou um alarve, mas prezo-me de ter andado sempre em caminho direito, e ninguem ousa dizer o contrario; a baroneza tambem, preste-se-lhe justiça, tem cincoenta annos de hones-

tidade a toda a prova, é hoje uma velhota, que tem mau genio, sim senhor, mas todos a respeitam, e ella merece-o. Se a senhora se não envergonha de se juntar a dois provincianos que podem ser ridiculos, mas que são immaculados, venha cá para nossa casa, ou vimos nós para Lisboa, e póde estar certa que á sombra d'esta bandeira, ninguem se atreve a boquejar na sua boa fama. (*Muito commovido e com a voz a embargar-se-lhe na garganta.*) E faço isto sem hesitação, porque tenho cá uma voz intima que me diz que, sejam quaes forem as apparencias, a minha D. Helena ha-de ser sempre digna da confiança e da estima de um homem de bem».

Helena, abraçando-o a chorar.

Oh! meu amigo, meu santo e nobre amigo!

Henrique, apertando-lhe muito a mão.

Que honrado coração este! Que espirito recto e bom!

Barão, chorando e rindo.

Ora que asneira!... Estou tão contente e estou a chorar. (*Affastando-os de si com fingida cólera*) Mas é que não estou contente, não senhores, estou desesperado. Fazerem-me vestir a casaca para coisa nenhuma! Com mil demonios, eu é que já a não dispo sem raptar alguem. (*Volta-se para disfarçar a commoção, e, estendendo com energia o braço direito no gesto que acompanha a ultima phrase, dá involuntariamente um socco em D. Pulcheria que entrou, um momento antes, seguida por Fortunato*).

SCENA VI

OS MESMOS, PULCHERIA E FORTUNATO

Pulcheria, indignada.

Monstro!

Barão, tomando-a nos braços alegremente.

Ah! minha D. Pulcheria, aproveitemos a occasião para fazermos as pazes, porque, tenha paciencia, eu vou raptal-a.

Pulcheria, debatendo-se nos braços d'elle

Raptar-me!... Acudam-me!... Respeite-me... Então... mancebo!...

Barão, largando-a.

Está bom, contento-me com um abraço. (*Dirigindo-se a Henrique e Helena com os olhos radiantes de jubilo*). Podem gabar-se de que me deram um alegrão sincero!... Mas como foi isto?

Henrique, sorrindo.

Quer que lhe faça confissão publica das minhas culpas?

Helena

Serei eu que lhe confesse as minhas. (*Commovendo-se pouco a pouco*). Olhe, barão, aquella mulher que zombava do casamento e da familia, de tudo o que é nobre e grande, que via no isolamento a independencia, no turbilhão do mundo a felicida-

de, despertou um dia, vestida ainda com o traje do baile ou do theatro, e ajoelhada junto do berço de sua filha, e percebeu que, para se ser boa mãe, é indispensavel ser-se boa esposa.

Henrique, apertando-lhe a mão attrahindo-a a si.

Anjo de palavras de mel, pagas-me ao dobro tormentos de annos, com uma hora de ventura.

Barão, chorando de alegria.

Ora aqui está para que eu vesti a casaca! Foi para chorar como uma Magdalena.

Fortunato, chamando o barão de parte a um canto da scena.

Barão, pareceu-me... que ainda agora dissera... que me queria raptar minha mulher!

Barão

Foi brincadeira, homem!

Fortunato, deixando cahir os braços com profundo desalento.

Que pena! Era fingido!...

FIM DO QUINTO E ULTIMO ACTO.

3 9015 06302 82